

MEL GIBSON É UM BANDIDO BARRA-PESADA NA AVENTURA O TROCO

SET

EDITORA PEIXES

Março, 1999 - Ed. 141 - Ano 13 - Nº 3 - R$ 5,70 - 12047/1

ELIZABETH

INTRIGAS, MORTES E O TALENTO DE CATE BLANCHETT NA SAGA DA RAINHA VIRGEM

INIMIGO DO ESTADO

WILL SMITH SE ENVOLVE EM UMA CONSPIRAÇÃO

SHAKESPEARE APAIXONADO

PREPARE-SE PARA VER O FAMOSO ESCRITOR COMO VOCÊ NUNCA VIU

PATCH ADAMS

ROBIN WILLIAMS QUER SALVAR VOCÊ

ISSN 0104-1592

00141

9 770104 159003

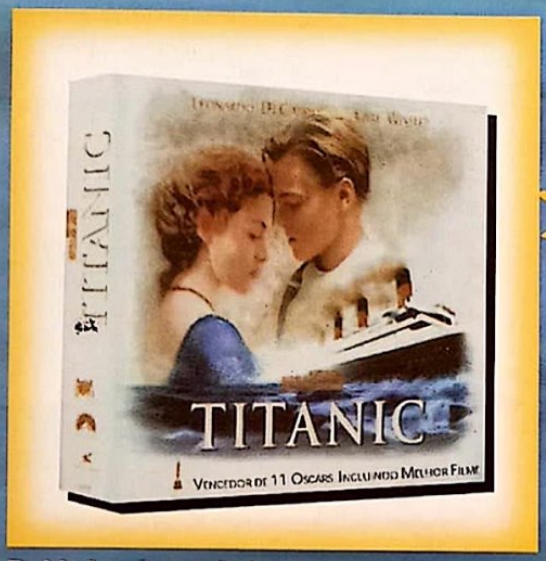
WALTER SALLES, FERNANDA MONTENEGRO

E A VITÓRIA DE CENTRAL DO BRASIL

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM O DIRETOR E A ESTRELA DO FILME MAIS PREMIADO DA HISTÓRIA DO CINEMA NACIONAL

VIAJE A BORDO DESTA PROMOÇÃO

TITANIC



Edição Especial (limitada)

R$ 29,90

Dublado e Legendado



R$ 19,90

Sell-Through

Dublado e Legendado

Faça já o seu pedido

(011) 290 0811

Aceitamos cartões de crédito.

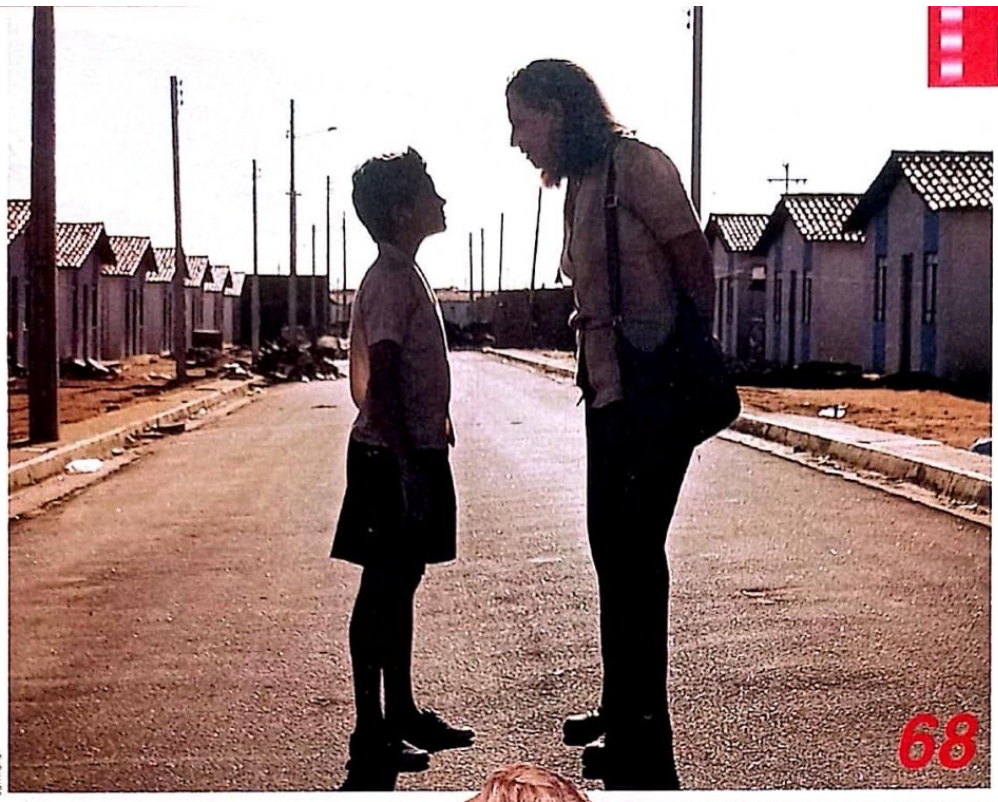
Entregamos para todo o Brasil via Sedex* (despesas por conta do destinatário).

JOINTVIDEO

CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.
Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana - 02033-000
São Paulo/SP - Fone: (011) 290 0811 - Fax: (011) 267 6120
http://www.jointvideo.com.br • jointvideo@jointvideo.com.br

(*) Não vendemos fitas por Reembolso Postal. Oferta válida enquanto durarem os estoques.

NESTA EDIÇÃO



Lumière



Warner

Columbia Buena Vista



Warner

Columbia TriStar

UIP

NOVOS FILMES

18 shakespeare apaixonado
Gwyneth Paltrow é a musa do bardo

24 elizabeth
Cate Blanchett brilha como a monarca inglesa

28 patch adams
Robin Williams prova que rir é o melhor remédio

32 a vida em preto e branco
as cores de uma fábula encantadora

36 o troco
Mel Gibson volta a interpretar o anti-herói

42 prova final
o terror adolescente de Robert Rodriguez

DESTAQUES

50 especial oscar 99
todos os candidatos e uma geral da década

68 central do brasil
o triunfo do filme que emocionou o mundo

70 fernanda montenegro
entrevista exclusiva com a maior estrela nacional

76 walter salles
o diretor de *Central do Brasil* abre o jogo

80 futuro imperfeito
o mundo do amanhã segundo o cinema

SEMPRE EM SET

4 **cartas**
7 **takes**
14 **amo e odeio** Sean Connery
46 **novos filmes** *Inimigo do Estado*
86 **hollywood boulevard** por Dulce D. de Brito
87 **videolançamentos** *A Máscara do Zorro*
93 **clássico por assinatura** *Operação França*
96 **cinema para guardar**
97 **próximas atrações**
98 **nostalgia**

AO LEITOR



Na Capa: Fernanda Montenegro (Ivson)

A edição do Oscar sempre é uma festa para o pessoal aqui de SET. Mas neste ano a gente caprichou: 100 páginas, uma geral em todos os filmes que concorrem à estatueta e a torcida para *Central do Brasil* e – claro – Fernanda Montenegro. No último dia 9 de fevereiro, por sinal, o pessoal daqui da redação estava grudado na telinha do computador para ver o ator Kevin Spacey divulgar a lista de indicados via Internet. Que *Central do Brasil* estaria entre os cinco finalistas na categoria de filme estrangeiro não havia a menor dúvida. Mas quando Kevin, com a elegância de sempre, anunciou o nome de Fernanda Montenegro como uma das indicadas à estatueta de melhor atriz, deixamos a sobriedade profissional de lado e demos pulos de alegria. Nossa colaboradora Roni Filgueiras conversou com Fernanda antes de ela embarcar para os Estados Unidos para receber mais um prêmio – e antes do anúncio dos indicados – e ela não acreditava que seu nome estaria entre as indicadas porque o Oscar "envolve muito dinheiro". Você confere as palavras da nossa primeira-dama do cinema (e também um papo com o diretor de *Central*, Walter Salles) a partir da página 68. Divirta-se e torça com a gente.

Os Editores

DOS LEITORES

DE CASA NOVA

Amada SET, agradeço a todos os deuses por vocês existirem e venho parabenizá-los pela excelente edição 139, que estava demais! Admito que as últimas edições estavam insuficientes, mas nada que abalasse a competência e o profissionalismo de uma equipe como esta. Agora de casa nova – que resultou em ótimas mudanças –, espero ansioso por mais!

Rodrigo Bouventura
(Canoas-RS)

Parabéns à toda equipe da SET. A edição de janeiro estava um primor de bom gosto e elegância. Trataram com dignidade desde o mito BB até o *"Psiclone"* de Gus Van Sant

Sérgio José da Silva
(Diadema-SP)

Quando li a edição de janeiro, nem acreditei. SET voltou ao seu tamanho original, aumentou o número de páginas e suas matérias voltaram a ser perfeitas! Parabéns à Editora Peixes, que deu oportunidade para que a edição 139 saísse do jeito que os leitores gostam. Continuem assim!

Luciano Frederico
(Tubarão-SC)

SET abriu o ano de 99 de casa nova e com o pé direito: a edição 139 estava magnífica! Parabéns e obrigado!

Adriano Luis Tavares dos Santos
(Rio de Janeiro-RJ)

TRANSFORMAÇÃO NOTA DEZ

Quando vi a primeira publicação de 99, não pensei duas vezes em adquiri-la. É notório que SET vem para arrasar com esta transformação nota 10, que inclui: novo visual e matérias sensacionais, como a do filme *Lado a Lado*, com as excelentes e talentosas atrizes Susan Sarandon e Julia Roberts.

Klauss Barbosa
(São Luís-MA)

Me surpreendi com a edição de janeiro, que trazia *Psicose* na capa. Senti que estou lendo artigos de pessoas capazes de transmitir os mais diversos assuntos com uma naturalidade e consciência impressionantes! Abrangem assuntos tanto diversos quanto deliciosos, como o presente que foi a matéria "A Telinha Contra-Ataca" ou o perfil incomparável do mito Brigitte Bardot. E com o aniversário da revista se aproximando, só tenho a desejar infinitas congratulações por estes anos maravilhosos – sintam-se felizes e realizados por serem tão capazes. Parabéns ao conjunto da obra, esta que reluta, mas que incondicionalmente se impõe como obra-prima.

André M.M.O.
(São Paulo-SP)

PSICOSE APROVADA

Encontro nesta revista tudo o que preciso para me manter bem informado sobre a maravilhosa arte do cinema. Parabéns à equipe de SET pela edição 139, que estava realmente maravilhosa e muitíssimo interessante, principalmente a matéria sobre o filme *Psicose*, feita com muito profissionalismo; coisa que vocês tiram de letra.

Diego Palmieri Scacalossi
(São José do Rio Preto-SP)

Parabéns pela ótima matéria sobre o novo *Psicose* e pela seção *Amo & Odeio* com o astro Mel Gibson. A edição 139 estava simplesmente demais!

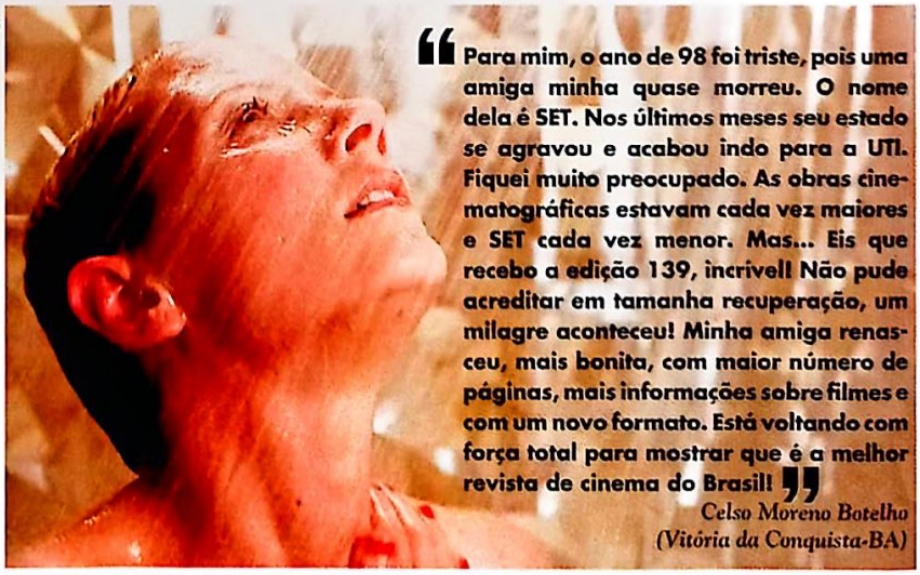
Valeriano Sousa Silva
(Fortaleza-CE)

CADÊ O JASON?

Fiquei indignada com a matéria *10 Vilões Mais Bacanas da Telona*. Como puderam deixar de fora dessa lista o Jason da série *Sexta-Feira 13*? É imperdoável!

Elodie Alexandra H. Fernandez
(São Paulo-SP)

UIP



"Para mim, o ano de 98 foi triste, pois uma amiga minha quase morreu. O nome dela é SET. Nos últimos meses seu estado se agravou e acabou indo para a UTI. Fiquei muito preocupado. As obras cinematográficas estavam cada vez maiores e SET cada vez menor. Mas... Eis que recebo a edição 139, incrível! Não pude acreditar em tamanha recuperação, um milagre aconteceu! Minha amiga renasceu, mais bonita, com maior número de páginas, mais informações sobre filmes e com um novo formato. Está voltando com força total para mostrar que é a melhor revista de cinema do Brasil!"

Celso Moreno Botelho
(Vitória da Conquista-BA)

ENTRE LEITORES

• Vendo todas as edições de SET (com as fichas de Cine & Vídeo) em ótimo estado.
Robson Mendes S. Albuquerque
R. Calixto da Motta, 36, ap. 72
04117-100 (São Paulo-SP)

• Compro as edições de 67 a 73 da Revista SET, em bom estado.
Jair Rodrigues
R. São Bento do Uma, 336
55000-000 (Caruaru-PE)

• Compro desenhos, filmes de ficção, terror, revistas antigas do cinema e televisão, das décadas de 40, 50 e 60.
Carlos Roberto de Souza
R. das Andorinhas, 398
37750-000 (Machado-MG)

• Vendo e troco mais de 5 mil itens, nacionais e importados, sobre os maiores nomes do cinema nacional, e também TV, incluindo reportagens, pôsteres, camisetas, CDs e fitas de vídeo. Envie os nomes dos atores de sua preferência para receber a relação.
Collectors Club
R. Basílio Zecchin, 68
12900-000 (Bragança Paulista-SP)

• Aos fãs de *Star Trek*, vendo os seguintes livros importados: *Inside Star Trek – The Real Story*, *Star Trek: Where No One Has Gone Before*, *Star Trek: The Worlds of the Federation*, além de muito material de atores e atrizes.
Agnello Loureiro
R. Des. Hermes Paraiba, 467
60330-140 (Fortaleza-CE)

• Se você é fã do premiado ator francês Jean Boisset, entre em contato. Tenho vasto material sobre sua carreira e quero organizar um fã-clube.
Regina
Caixa Postal 310
36001-970 (Juiz de Fora-MG)

• Gostaria de me corresponder com pessoas que tenham material sobre os indicados do Oscar de todos os tempos.
Francisco L. Farias
R. João Batista Bianchine, 596
09861-580 (São Bernardo do Campo-SP)

• Escreva para o meu e-mail e ingresse num clube para cinéfilos.
Rafael Jose Bona
bona@braznet.com.br

• Gostaria de me corresponder com fãs de Sandra Bullock, Julia Roberts, Mira Sorvino, Meg Ryan e Drew Barrymore.
Lucas Dalbeto
lumar@muranet.com.br

• Sou fã da atriz Claire Danes e também de seus filmes *Romeu & Julieta* e *Adoráveis Mulheres*. Troco qualquer foto de ator ou atriz de sua preferência por fotos dela.
Francisco Eliomar da Costa
Trav. Suzana, 15
60127-900 (Fortaleza-CE)

• Gostaria de me corresponder com garotas fãs de filmes de terror e do mestre Stephen King.
Rinaldo Pereira C. Silva
Qd. 46, casa 36, Setor Leste
72440-460 (Gama-DF)

• Quero me corresponder com pessoas de todo o Brasil ou do exterior, que sejam apreciadoras do cinema na sua "Era de Ouro" ou na sua atual fase cinematográfica, para troca de idéias ou materiais.
Raimundo Fernandes
Caixa Postal 7111 - Ag. Pituba
41811-970 (Salvador-BA)

• Gostaria de me corresponder com fãs de Nicolas Cage, John Travolta, Sarah Michele Gellar, Charlizer Theron, Liv Tyler e Dominique Swain.
Idélio Valões Cavalcanti
R. Diogo Alvares, 65, ap. 202
50711-110 (Recife-PE)

• Se você é fã dos seriados *Party of Five* (*O Quinteto*), *Friends* ou *Dawson's Creek*, entre em contato comigo.
Tissiana P. Galvão
R. Deputado Soares Filho, 60/201
20540-040 (Rio de Janeiro-RJ)

• Quero me corresponder com fãs do cinema nacional e do ator Matheus Nachtergaele. Procuro material para troca.
Paulo Silva
Rua A, caminho 02, 19, cj. Feira 06
44021-000 (Feira de Santana-BA)

• Gostaria de trocar informações com pessoas que gostem das obras de Billy Wilder, Ettore Scola, Woody Allen.
Fernando Chiquio Boppré
Caixa Postal 460
88010-970 (Florianópolis-SC)

A VOZ DO LEITOR

Correspondência recebida entre 24/01 e 12/02

Cartas	164
E-mail	58
Fax	27
Telefonemas	27
TOTAL	**276**

FALE COM A SET

Endereço: Rua Helena, 260 - 4º andar, CEP 04552-050, São Paulo – SP.
Tel: (011) 3049-3172
Fax: (011) 3049-3166
E-mail: set@edpeixes.com.br
ASSINATURAS:
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

ÚLTIMAS EDIÇÕES



nº 140 fevereiro 99
O sucesso de Cameron Diaz; Tom Hanks e Meg Ryan se apaixonam em *Mensagem para Você*; o terror da guerra em *Além da Linha Vermelha*; a estréia de *A Vida É Bela* e de *Jornada nas Estrelas: Insurreição*; em vídeo, *Arquivo X – O Filme*



nº 139 janeiro 99
Tudo sobre o novo *Psicose*; Julia Roberts e Susan Sarandon em *Lado a Lado*; Michael Caine topa tudo; a nova geração de astros da TV; o mito Brigitte Bardot; Renato Aragão e os novos infantis nacionais; em vídeo, *Armageddon*



nº 138 dezembro 98
Brad Pitt é a Morte em *Encontro Marcado*; Robin Williams descobre um *Amor Além da Vida*; a revolução de *O Príncipe do Egito*; a estréia de *Nova York Sitiada*; Jerry Lewis, o rei da comédia; em vídeo, *Impacto Profundo*



nº 137 novembro 98
Jim Carrey é o astro de *O Show de Truman*; Pedro Almodóvar e seu *Carne Trêmula*; Robert De Niro arrepia em *Ronin*; a estréia de *Formiguinhaz* e *O Aprendiz*; a invasão dos multiplexes; em vídeo, *Cidade dos Anjos*



nº 136 outubro 98
Antonio Banderas em *A Máscara do Zorro*; Anthony Hopkins garante que interpretar é mole; o adeus a Akira Kurosawa; os dez anos do fim da censura no Brasil; os gênios da dança Fred Astaire e Gene Kelly; em vídeo, *Titanic*

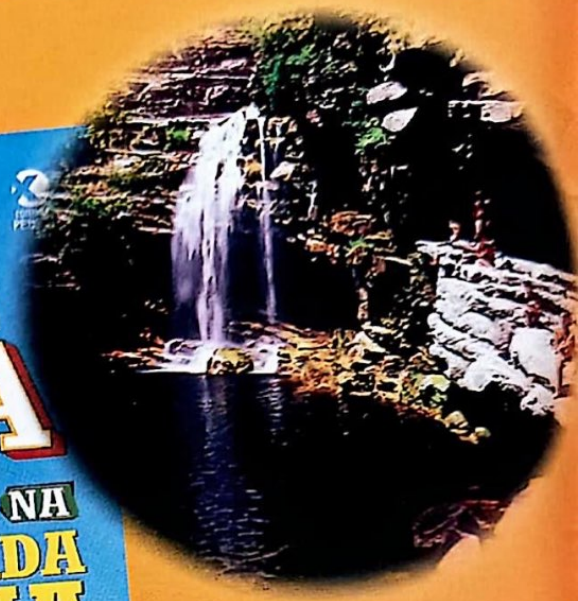


nº 135 setembro 98
Tom Hanks, Steven Spielberg e a saga de *O Resgate do Soldado Ryan*; Denise Richards, Neve Campbell e a nova geração de estrelas de Hollywood; George Clooney se dá bem em *Out of Sight*; em vídeo, *Melhor É Impossível*

Números atrasados: Atendemos as seis últimas edições mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca mais as despesas postais por intermédio da Editora Peixes, ou se preferir peça ao seu jornaleiro ou no Distribuidor Dinap (011) 810-4800.

Descubra o que é que a Chapada Diamantina tem.





Viaje pela trilha dos diamantes, numa aventura off-road de pura magia. Para você descobrir as emoções da vida ao ar livre. E seguir sua natureza.

EDITORA PEIXES

indiana jones em busca do roteiro final

A quarta parte da saga nem começou a ser produzida e já anda tirando o sono de muita gente

É preciso ser um verdadeiro arqueólogo quando o assunto é a boataria que circula na Internet sobre a quarta aventura de Indiana Jones no cinema. Afinal, há tantos rumores surgindo a cada dia que é preciso tomar muito cuidado no que acreditar. Para ajudar você, aqui vai uma lista com tudo o que já foi confirmado – e todas as mentiras – sobre o novo capítulo da saga do aventureiro mais famoso do cinema:

O ROTEIRO ESTÁ PRONTO: Verdade. George Lucas já disse que o roteiro está pronto e que só falta Steven Spielberg e Harrison Ford acertarem as agendas.

ATLÂNTIDA, EXCALIBUR OU... MARCIANOS???: Só Deus sabe. Até agora ninguém sabe qual será a missão de Indy. Os primeiros boatos apontavam para a busca pelo continente perdido da Atlântida. Logo depois o foco da busca foi para Excalibur, a lendária espada do rei Arthur. O terceiro script teria sido uma proposta recusada de Jeb Stuart (roteirista de *Duro de Matar* e *O Fugitivo*) que colocava o arqueólogo enfrentando extraterrestres.

PAPAI JONES: Verdade. Sean Connery deve voltar como o pai de Indiana. Pelo menos, Steven Spielberg, o dono da bola, já avisou que o roteiro final conta com a presença de Henry Jones.

A VOLTA DAS INDYGIRLS: Só Deus sabe. É possível que o filme traga de volta de uma só vez as estrelas das duas primeiras aventuras de Indiana Jones. Ainda na ala feminina, outros nomes aparecem na lista. Michelle Yeoh (*007 – O Amanhã Nunca Morre*) teria até assinado um contrato, fato desmentido pelo escritório da LucasFilmes. Até Sandra Bullock entrou na dança.

TOM SELLECK: Falso. Um dos boatos mais interessantes surgiu no ano passado. Tom Selleck estaria sendo cotado para viver o irmão de Indiana Jones. Seria justiça poética – afinal, o ator era a primeira opção de Spielberg na escolha para viver o heróico aventureiro. Em virtude de seu contrato com a série *Magnum*, a coisa desandou e o papel foi parar nas mãos de Ford.

INDIANA POSTIÇO: Verdade. Enquanto o filme não vem – e olha que Spielberg garantiu que não passa de 2001 –, a Universal lançará uma aventura que tem tudo a ver com a saga: *The Mummy*. Se depender das primeiras imagens, Brendan Fraser convence na pele de um cover de Harrison Ford.

Ricardo Matsumoto





Trilogia: cartazes dos filmes que mudaram a história do cinema

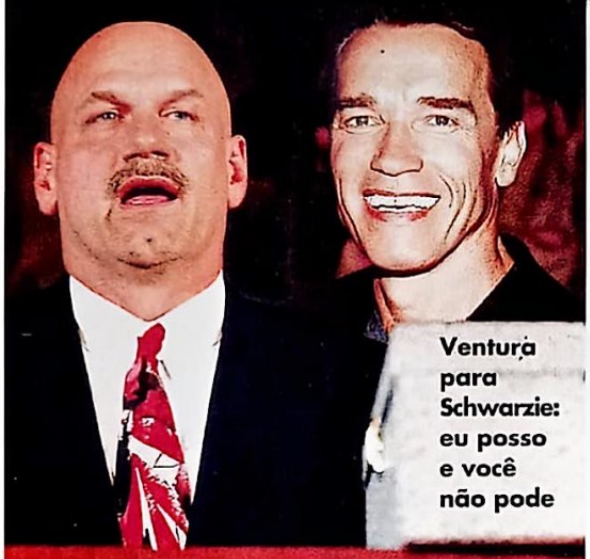


Fotos: Reprodução

JESSE VENTURA

amigo da onça

O ex-astro de luta livre e dublê de ator Jesse Ventura anda esnobando todo mundo. Depois de ganhar as eleições para governador do estado de Minnesota, nos Estados Unidos, ele passou a alfinetar seus velhos amigos. O último golpe foi em Arnold Schwarzenegger, que esteve com Ventura em *O Sobrevivente* e *O Predador* e que não poupou elogios quando encontrou o colega político em um evento. No dia seguinte, o governador surpreendeu a todos disparando farpas a Schwarzie na imprensa. "Arnold só pensa em fazer filmes e ganhar dinheiro", disse Ventura. "Seu interesse político está relacionado com os altos impostos que ele é obrigado a pagar." E não parou por aí: "O problema é que eu posso conseguir algo que ele não pode: ser presidente! Ele não nasceu aqui. E Arnold não admite que alguém diga que ele não pode fazer algo". Belo amigo...



Ventura para Schwarzie: eu posso e você não pode



Fotomontagem sobre fotos Sygma e Divulgação

FESTIVAL DE RECIFE

CELEBRAÇÃO NA CIDADE-ESTUÁRIO

Em sua terceira edição, o Festival Nacional do Recife, que acontece entre os dias doze e vinte de março, prova que já é um grande evento nacional. Além de mostrar trabalhos de cineastas brasileiros já conhecidos, o festival dá uma mão para quem está começando, ajudando na finalização de produções independentes. A abertura será com o filme *Retrato Falado*, de Castro Alvez, dirigido por Silvio Tendler. Além de mostras competitivas (de curtas e longas-metragens), haverá também uma feira que contará com a presença de produtoras de cinema e vídeo, distribuidoras de filmes, exibidores, emissoras de TV e outros profissionais da área.

"Não. Na verdade ouvi dizer que Joel Schumacher vai ser a Batgirl"

ALICIA SILVERSTONE quando lhe perguntaram se faria um outro Batman

Reprodução

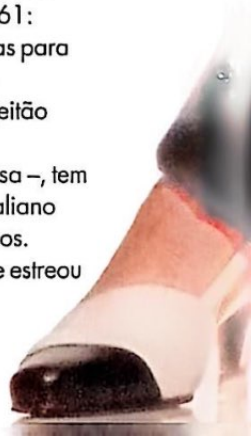


Depardieu e Christian Clavier: heróis mais que perfeitos

ASTERIX E OBELIX

A ÚLTIMA ESPERANÇA DA FRANÇA

O cinema francês, que se encontrava em alguma UTI, voltou a respirar normalmente. O motivo são dois guerreiros gauleses que combatem as legiões de Roma nas HQs desde 1961: Asterix e Obelix. Depois de ter suas histórias traduzidas para dezenas de idiomas e de virar uma série de desenhos animados, a dupla ganhou uma superprodução com jeitão hollywoodiano: *Asterix & Obelix Contra César* custou 50 milhões de dólares – a mais cara produção francesa –, tem protagonistas de peso (como Gérard Depardieu e o italiano Roberto Benigni) e é uma adaptação fiel dos quadrinhos. Algumas coisas, porém, não mudam: nem bem o filme estreou e a rabugenta imprensa francesa já caiu matando.



fique de olho

catherine zeta-jones

Seu belíssimo rosto já havia passado despercebido em filmes como *Cristóvão Colombo – A Aventura do Descobrimento* e no constrangedor *O Fantasma*. A estonteante Catherine Zeta-Jones, entretanto, só foi descoberta mesmo na minissérie para a TV *Titanic* no início do ano passado (lançada pouco depois do filme de James Cameron). Steven Spielberg viu, gostou e sugeriu seu nome ao diretor Martin Campbell. Não deu outra: em *A Máscara do Zorro*, Catherine fez bonito e seduziu os marmanjos. Seu próximo filme chama-se *Armadilha*, em que ela contracena com Sean Connery. Aos 29 aninhos, seu futuro parece ser promissor.

Sedução: Catherine mostra suas curvas

Sygma


Dupla aposentada: Pedro e Bino dão lugar aos filhos

N AL Fusco

CARGA PESADA

a nova geração

Nos anos 70, Antônio Fagundes e Stênio Garcia fizeram da série *Carga Pesada* um grande sucesso da TV brasileira. Agora, o programa está prestes a voltar à telinha até o ano 2000. Na nova versão, a dupla de caminhoneiros virou dona de uma transportadora e deixou as aventuras rodoviárias nas mãos de seus filhos, interpretados por Marcos Palmeira e Antônio Calloni. A idéia é filmar tudo em película, assim como as séries *A Justiceira* e *Mulher*. Quem sabe eles não vão parar no cinema?. Globo Filme neles...


Babe: milhões na telinha

CJC

TELEVISÃO MILIONÁRIA

NEGÓCIO ARRISCADO

Quando o assunto é cifras milionárias, muita gente acha que o cinema deixa a televisão para trás – mas a coisa não é bem assim. Veja a rede americana de TV ABC, por exemplo, que desembolsou 35 milhões de dólares (um orçamento razoável para qualquer produção) para ter exclusividade na exibição de três filmes: o sucesso *Patch Adams* e as decepções *Encontro Marcado* e *Babe – O Porquinho Atrapalhado na Cidade*. A coisa não pára por aí: o canal Fox pagou 90 milhões para ter uma versão com cenas a mais de *O Mundo Perdido: Jurassic Park* – valor equivalente ao custo total do filme. No final das contas, porém, o investimento não compensou: a audiência dos dinossauros de Spielberg ficou bem atrás de uma série sobre o grupo The Temptations, exibida no mesmo horário em outra emissora.

"Eu não espero que ele se saia tão bem quanto *Titanic*, isso seria pedir demais"

GEORGE LUCAS e suas expectativas sobre Star Wars – Episódio 1

NEW LINE CINEMA

a ordem é continuar

A produtora New Line parece que aprendeu direitinho a regra de que um filme bem-sucedido merece uma continuação e engatilhou seqüências para todos os seus sucessos. A nova aventura do espião Austin Powers já está a caminho, mas é só o começo: na seqüência, virão *Blade 2* (novamente com Wesley Snipes no papel do Caçador de Vampiros), *A Hora do Rush 2* (repetindo a dobradinha Jackie Chan/ Chris Tucker) e até um novo *Debi & Lóide*, que mostrará como a dupla se conheceu – mas sem Jim Carrey ou Jeff Daniels no elenco. Idéias originais, que é bom, nem sinal.


Tucker e Chan: reunidos novamente

Warner

PAPO rápido

joseph fiennes

À primeira vista, pode parecer meio difícil ser descrito sempre como "o irmão mais novo de Ralph Fiennes", mas tudo indica que Joseph vai pular rapidinho esse estágio. Com duas atuações muito elogiadas em cartaz ao mesmo tempo, o astro de *Elizabeth* e de *Shakespeare Apaixonado* está conquistando seu lugar ao sol a passos largos. No mínimo, ele vai virar um especialista em etiqueta do século 16: coincidência ou não, esses dois papéis o colocam no centro da corte da rainha Elizabeth, que, entre 1558 e 1603, fez a Inglaterra crescer e aparecer.

Há quanto tempo você trabalha como ator?

Há uns sete ou oito anos. Fiz teatro juvenil por um ano e meio, e daí passei três anos em uma escola de teatro. Desde então, estou na luta.

Foi difícil interpretar Shakespeare?

Em termos. Há muita gente para quem ele é sagrado, como os estudiosos e o público de teatro. Por outro lado, pelo que pesquisei, concluí que a vida dele é uma página em branco. Ninguém sabe nada. Pode-se deduzir alguma coisa de suas peças e seus sonetos, mas não se sabe de sua religião, suas convicções políticas, sua visão da vida na corte ou mesmo de sua sexualidade. Para mim isso foi bom, porque me deu mais liberdade.

Mas como você conseguiu, digamos, preencher o personagem?

Quando fiz *Elizabeth*, li muito – foi uma maneira de complementar minha educação deficiente (*risos*). Desta vez, não achei que isso fosse necessário. Preferi me concentrar no roteiro, que focaliza Shakespeare como um sujeito jovem que está tentando se virar como dramaturgo. Ele é um gênio, mas não se dá conta disso. Ele se acha muito bom, mas só quer pagar o aluguel.

Agora sua irmã Martha está dirigindo *Eugene Onegin*, com trilha de seu irmão Magnus e seu irmão Ralph no papel principal. Como é que você não está nesse filme?

Tive de brigar feio para me safar (*mais risos*).

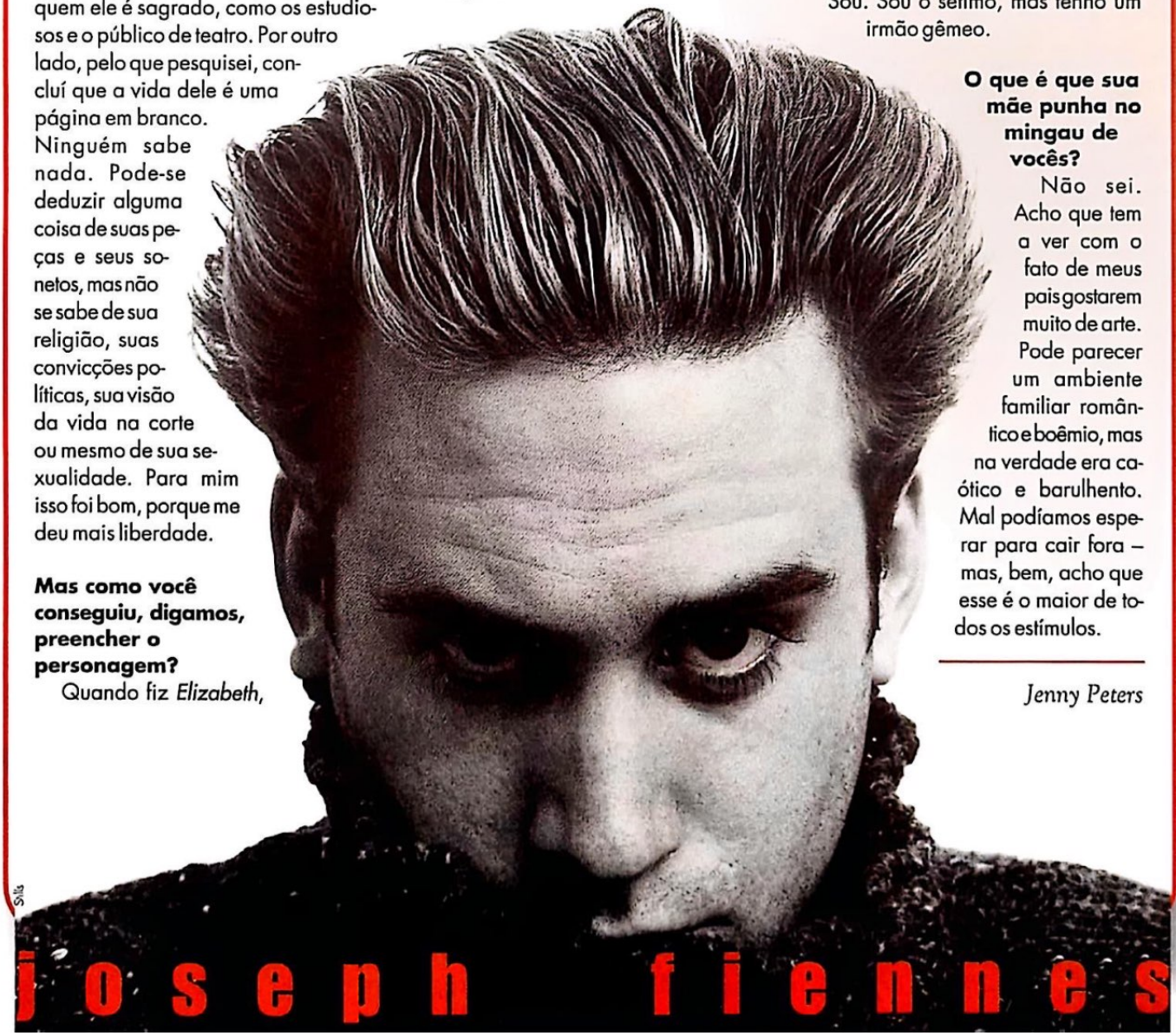
Você é o irmão caçula?

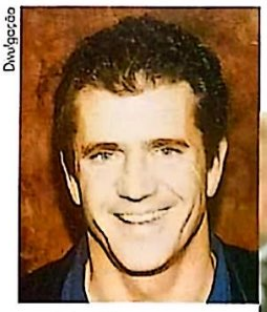
Sou. Sou o sétimo, mas tenho um irmão gêmeo.

O que é que sua mãe punha no mingau de vocês?

Não sei. Acho que tem a ver com o fato de meus pais gostarem muito de arte. Pode parecer um ambiente familiar romântico e boêmio, mas na verdade era caótico e barulhento. Mal podíamos esperar para cair fora – mas, bem, acho que esse é o maior de todos os estímulos.

Jenny Peters





Divulgação



CIC

Heróis: Batman Gibson e Super Lewis

BATMAN E SUPERMAN

NÃO CUSTA SONHAR

Parece que o diretor Richard Donner, da série *Máquina Mortífera*, teve uma idéia para matar dois coelhos com uma só cajadada. Ele estaria disposto a dirigir um filme que acabaria com a novela do novo *Super-Homem* e que, de tabela, daria um jeito na série *Batman* – no estaleiro desde o fracasso do último filme.
O projeto seria *Batman & Superman – The World's Finest* e contaria com Mel Gibson como o Cavaleiro das Trevas e Daniel Day-Lewis no papel do Homem-de-Aço. Enquanto ninguém confirma ou desmente esse boato, a Warner jura que *Superman Lives* ainda vive, com Nicolas Cage como o herói e com Shekhar Kapur (de *Elizabeth*), Simon West (*Con-Air*) e Steve Norrington (*Blade*) na disputa para dirigir o filme.

MEGAPLEX

A NOVA EVOLUÇÃO DO CINEMA CHEGA AO BRASIL

Depois do surgimento do conceito do multiplex no Brasil (cerca de dez salas de cinema concentradas no mesmo espaço), é a vez do megaplex dar as caras. Até o final do ano, será inaugurado no Barra Shopping do Rio de Janeiro um complexo de dezoito cinemas com capacidade para mais de 4 mil espectadores. A United Cinemas International, responsável pelo empreendimento e que já possui 51 salas funcionando no país, está investindo 100 milhões de reais na construção de outros quinze multiplex em várias cidades brasileiras.
É cinema que não acaba mais!

"Ser uma estrela de cinema é apenas um rótulo e, ao meu ver, não depende do fato de ser uma boa atriz, e sim pelo tamanho dos seios, o número do manequim e se você fez uma plástica no rosto ou no nariz"

KATE WINSLET, a estrela de Titanic, *desabafando durante uma entrevista para a BBC de Londres*

ASTROS VIRTUAIS

futuro sem gente

Leonardo DiCaprio, Will Smith ou Tom Cruise? Que nada, o futuro pertence a Monty. Explica-se: com os avanços tecnológicos, muita gente anda dizendo que o próximo século será a era dos astros digitais, e o lançamento de Monty é o primeiro passo. Trata-se de um personagem criado em computador que oferece respostas imediatas. Ou seja, à medida que se digita frases e diálogos, Monty reproduz os movimentos labiais com perfeição. Já pensou? Em vez de contratos milionários, egos inflados e brigas durante as filmagens, os diretores poderão criar o astro que bem entender. Hmmm, e quem é que vai cuidar dos autógrafos?



Reprodução

Imagem virtual: astro de mentira

AGUARDE! ***8mm*, suspense com Nicolas Cage e Joachin Phoenix, chega ao Brasil em 30 de abril; e a comédia *OFFICE SPACE*, do criador do desenho animado *Beavis & Butt-Head*, estréia em maio.**

10 filmes que deixaram nova york em ruínas

10 OS CAÇA-FANTASMAS
Nova York já foi alvo das ameaças mais variadas, mas nenhuma foi tão divertida quanto os fantasmas que assombraram a cidade neste sucesso do começo da década passada. Entre monstros melequentos, aparições horripilantes e Rick Moranis completamente descabelado, o mais temível dos fantasmas foi uma criatura de outra dimensão que tomou a forma de... um gigantesco boneco de marshmellow!

9 INDEPENDENCE DAY
Aliens malvados não têm respeito quando o assunto é a arquitetura americana. No arrasador *ID4*, os primeiros a virar poeira são a Casa Branca, em Washington, e, claro, o edifício Empire State. Para completar, nada melhor do que ver uma imagem insólita: a Estátua da Liberdade naufragando no oceano.

8 FUGA DE NOVA IORQUE
Não dá para imaginar um destino mais adequado para a "Grande Maçã" do que ser transformada em um presídio de segurança máxima. O mais bacana é que, entre a escória da civilização, ainda dá para pegar um táxi e visitar um dos grandes museus. Mas atenção: não saia de casa sem ter uma arma ao alcance da mão. Afinal, pode ser que você precise matar um ou outro bandido durante o passeio.

7 IMPACTO PROFUNDO
Um cometa está em rota de colisão com nosso sofrido planeta. Antes da destruição, porém, o mundo tem que agüentar o pânico, as lágrimas e uma grande variedade de desgraças que antecedem oo fim do mundo. É claro que tudo tinha de terminar com uma gigantesca onda causada pela queda do corpo celeste no oceano. Nova York, infelizmente, estava no meio do caminho e acaba debaixo d'água. Dava até para surfar...

6 ARMAGEDDON
Um asteróide do tamanho do Texas já é um baita problema, mas os fragmentos que antecedem o colosso estelar fazem um belo estrago na bucólica paisagem nova-iorquina – abrindo rombos em prédios, destruindo o topo do imponente edifício da Chrysler e causando um baita engarrafamento.

5 KING KONG
Não mexa com a Mãe Natureza. Esse é, de certa forma, o recado de *King Kong*, um dos grandes clássicos do cinema – o original da década de 30, no qual o macacão sobe no edifício Empire State para brincar com aviões bimotores. Quem paga o pato é mesmo a cidade que nunca dorme.

4 GODZILLA
Nova York abriga tipos estranhos, mas um lagarto com 54 metros de altura é demais. Godzilla, um bicho bem espaçoso, se espreme entre os prédios, derruba a metade e faz com que o exército exploda o Madison Square Garden. Mas será que alguém consegue explicar como é que ele se enfiou nos esgotos subterrâneos da cidade?

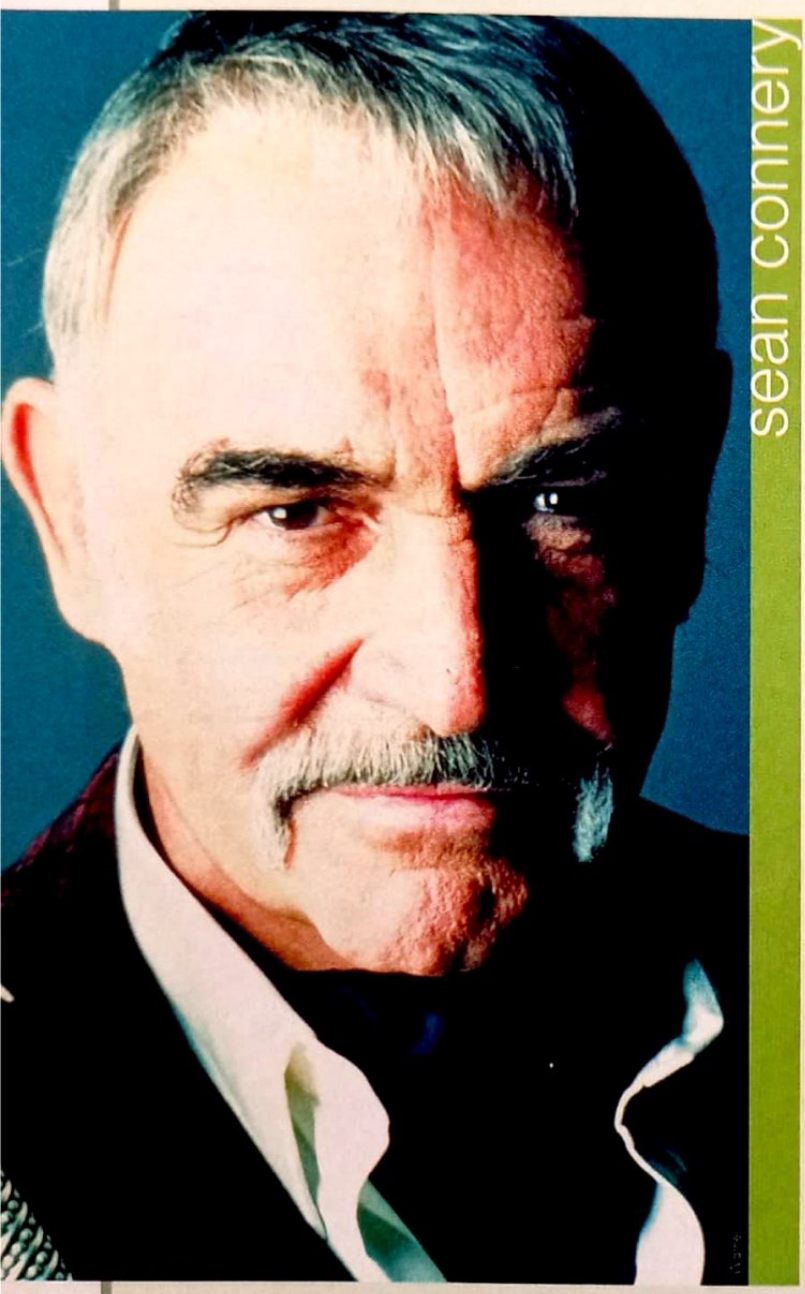
3 PLANETA DOS MACACOS
O astronauta interpretado por Charlton Heston nesse clássico moderno pensa estar em outro planeta – dominado por símios inteligentes que vivem em uma sociedade bélica. Mas a grande verdade da aventura só é revelada em seus minutos finais, quando nosso herói encontra a Estátua da Liberdade semidestruída em uma praia deserta: não é um outro mundo, e sim o futuro da Terra depois de uma guerra nuclear.

2 WATERWORLD
No futuro, o derretimento das calotas polares causou a inundação dos continentes. Quando Kevin Costner, um mutante capaz de respirar embaixo d'água, submerge no mar sem fim, ele encontra ruínas de uma cidade americana. Tudo bem, não era Nova York, mas alguém tem dúvida de que ela também jaz nas profundezas?

1 NOVA YORK SITIADA
Um terrorista incomoda muita gente, especialmente quando ele escolhe justamente Nova York como alvo. Depois da destruição de um ônibus lotado, de um teatro lotado e de um edifício federal (também lotado), o exército americano toma a cidade em busca dos criminosos. É claro que, com Bruce Willis como um general, a última coisa que se pode esperar é sutileza.



t u d o o A M O



● **ESCÓCIA:** "Me orgulho de ter nascido na Escócia, e o meu maior desejo é, um dia, ver a Escócia livre (*o país se encontra sob domínio inglês*). Me preocupo com a situação de minha terra e não tenho pudores em expressar minhas opiniões".

● **MINHA MULHER, MICHELINE:** "Estamos casados há trinta anos. É uma relação em constante mutação que tem funcionado até o momento".

● **MEU TRABALHO:** "É quase embaraçoso ser recompensado por fazer algo que, por si, já é a própria recompensa. Se fizer meu trabalho direito, ninguém vai pedir o dinheiro de volta".

● **ESPORTES:** "Se eu não tivesse me tornado um ator, seria um atleta. Eu até joguei futebol profissionalmente na Escócia".

● **MINHA IDADE:** "Eu já tenho seguro social e assistência médica de graça. Nem ônibus eu preciso mais pagar".

● **ATUAR:** "É provavelmente o que eu faço melhor. Não que eu tivesse muitas opções para seguir outras carreiras. Ninguém iria bater na minha porta por causa de meu currículo acadêmico – afinal, abandonei a escola aos treze anos".

● **UÍSQUE ESCOCÊS:** "Posso beber um martini, batido ou misturado, que não faz a menor diferença: o que eu gosto mesmo é de uma boa dose de uísque escocês. Isso sempre será melhor do que qualquer martini".

● **GOLFE:** "Conheci minha mulher durante um torneio de golfe no Marrocos. Ela venceu na categoria feminina, e eu na masculina – não engoli aquilo até meus trinta-e-poucos anos!"

● **O DISCOVERY CHANNEL E A CNN:** "Isso é tudo que eu vejo na TV. O Discovery tem programas ótimos, a maioria australianos. Com a CNN eu tenho notícias do mundo inteiro e bons programas esportivos".

● **FAZER CENAS SEM DUBLÊS:** "Faço o máximo que meu corpo permite sem arriscar meu pescoço".

● **UM BOM BANHO:** "Quando eu era criança, só havia um único banheiro na minha rua em Edimburgo, que pertencia a uma cervejaria. E não tinha água quente! O meu Oscar

q u e e u

O D E I O

(*que ele ganhou por Os Intocáveis*) está guardado em um armário do banheiro, ao lado de meus manuais de golfe".

● **TEMPO LIVRE:** "Já tirei até dois anos de folga. Lembro que, certa vez, demorei três anos entre um filme e outro.

● **ROBIN HOOD NO FILME *ROBIN E MARIAN*:** "Provavelmente foi o personagem mais parecido comigo que fiz".

● **A IDÉIA DE ME APOSENTAR:** "Não acho que a palavra correta seria 'aposentadoria'. Sempre achei que, se sentir que minha carreira alcançou seu limite e não funcionar mais para mim, eu simplesmente sairei de cena".

● **FEMINILIDADE:** "Sempre espero que as mulheres sejam mais gentis e tranqüilas do que eu. Quero dizer, tem de haver um equilíbrio entre um homem e uma mulher que os torne um só. É como o *yin* e o *yang*. Sei que os homens também têm seu lado feminino, mas acho que ser gentil faz parte do que é ser uma mulher".

■ **REFILMAGENS SEM SENTIDO DE CLÁSSICOS:** "Não consigo entender, por exemplo, por que um diretor gostaria de refilmar *Psicose* quadro a quadro. Qual seria o motivo? E por que não relançar o original?"

■ **O PANORAMA POLÍTICO ATUAL:** "Acho que nunca houve um tempo em que as pessoas estivessem tão descontentes com seu governo – e não importa em que lugar. É a mesma coisa no mundo todo, seja na Rússia, na América, seja na Inglaterra. A França, então, está um desastre".

■ **BOATOS DE QUE VOU INTERPRETAR JAMES BOND NOVAMENTE:** "Nunca! Eu não faria Bond de novo nem que fosse como diretor. Se houver um bom papel, posso até interpretar outro personagem em um novo *007*, mas só assim".

■ **EXCESSO DE ANÁLISE PSICOLÓGICA:** "Acho que os Estados Unidos seguiram para essa direção. Todo mundo faz análise! Como resultado, ninguém faz mais nada, o país está paralisado pela análise".

■ **A SUPERVALORIZAÇÃO DE PEQUENOS INCIDENTES:** "Quando minha mulher teve suas jóias roubadas, foi capa de todos os tablóides. Mas para que tanto barulho? Bem, o fato ocorreu em Nova York, então ninguém deveria se espantar..."

■ **TER SIDO NEGADO O TÍTULO DE "CAVALEIRO":** "Fiquei extremamente desapontado, mas, por mais estranho que possa parecer, não fiquei com raiva e nem surpreso".

■ **ESTEREÓTIPOS DE BELEZA:** "Ninguém precisa ter dentes brancos como as teclas de um piano, cabelos eternamente sedosos ou olhos faiscantes para ser atraente".

■ **O ESTEREÓTIPO DE JAMES BOND:** "Sou um ator capacitado para interpretar qualquer papel".

■ **A ALEGAÇÃO DE QUE BATO EM MULHERES:** "Isso tudo começou com uma entrevista que dei à *Playboy* em 1965, quando falei que não via nada errado em um homem bater numa mulher. Mas não quis dizer 'bater' como se acerta um soco em um homem. Um tapa é justificável – quando não existem mais alternativas e se for seguido de um aviso. Se uma mulher está histérica, eu bato mesmo. Mas o que eu disse foi tirado do contexto e mal interpretado".

■ **MARGARET THATCHER:** "Aquela mulher me esnobou anos atrás quando eu sugeri um plano para revitalizar a indústria cinematográfica inglesa. Ela grunhiu alguma besteira, me olhou como se eu estivesse pedindo um emprego e deu de ombros. Foi isso, fim da história".

■ **VIAJAR DISFARÇADO:** "Existem muitos malucos por aí, e eu acho que andar com óculos escuros, um chapéu cobrindo a cabeça, um sobretudo e dois guarda-costas gigantescos é pedir para atrair esses lunáticos".

■ **OS BOATOS DE QUE ODEIO JAMES BOND:** "Nunca deixei de gostar de Bond, só fui buscar outros papéis. Mas acho que seus filmes estagnaram. Quentin Tarantino deve estar dirigindo-os..."

■ **O FILME *CUBA*:** "Tínhamos uma ótima idéia e um roteiro péssimo. Não estávamos preparados. Acho que o diretor Richar Lester teve mais culpa pelo fracasso do filme do que qualquer um".

Susan Granger

“Em breve, num cinema perto de você” ficou



O sinal DIRECTV chega às áreas cobertas pelo satélite. Instalação sujeita a condições técnicas. DIRECTV™ é uma marca da DIRECTV (International), Inc.

...mais perto do que nunca.

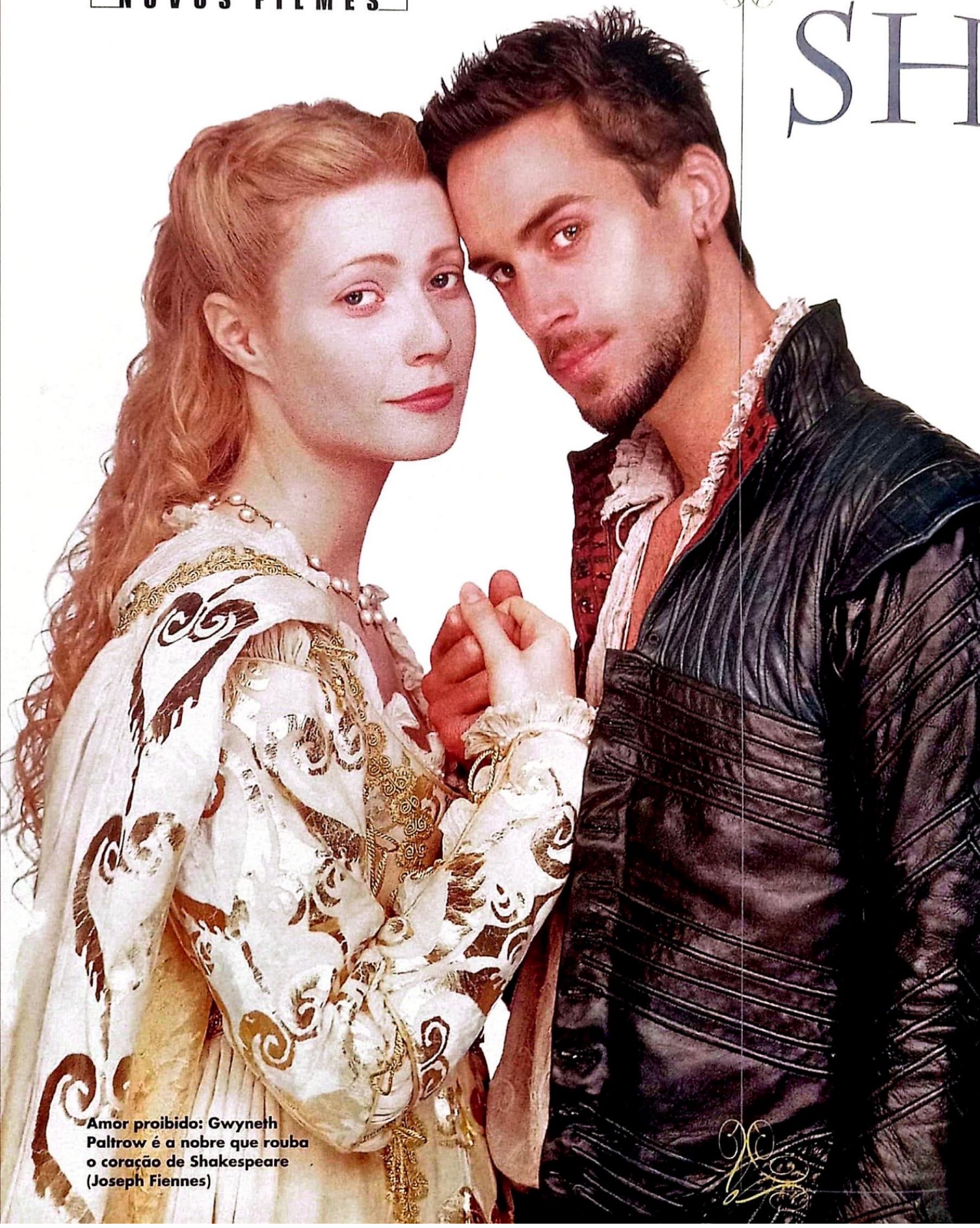


Consulte nossos preços e escolha a melhor forma de pagamento.

Assine já!
(011) 250-3700
Todos os dias, das 9h às 21h.

DIRECTV™
O mundo é seu
www.directv.com.br

SH



Amor proibido: Gwyneth Paltrow é a nobre que rouba o coração de Shakespeare (Joseph Fiennes)

AKESPEARE APAIXONADO

Prepare-se. Nesta comédia você vai ver o maior autor da história como nunca viu: farrista, mulherengo e sem uma única idéia na cabeça

13 indicações

por André Barcinski

William Shakespeare é o autor mais analisado e discutido da história. Como criador das maiores obras literárias de todos os tempos e indiscutível centro do cânone da literatura ocidental, Shakespeare teve toda a sua obra dissecada, detalhe por detalhe. O curioso é que, embora se saiba tudo sobre as obras de Shakespeare, sua vida permanece um mistério. Historiadores há muito desistiram de procurar pistas sobre certas passagens da vida do bardo. Muito do que hoje se toma por verdade é resultado de suposições, não de fatos concretos – há até quem afirme que Shakespeare não escreveu livro algum, mas apenas assumiu a autoria de dramas escritos por um nobre, Edward De Vere.

De todas as fases da vida de Shakespeare, a mais misteriosa é certamente a que compreende o período entre 1585, quando ele deixou sua casa em Stratford-upon-avon, e 1592, quando ressurgiu em Londres, escrevendo peças para companhias teatrais da cidade. Ninguém sabe ao certo o que ele fez durante esses oito anos – afinal, ele ainda não era o famosíssimo autor de *Romeu e Julieta* (que seria encenada pela primeira vez em 1594).

Shakespeare Apaixonado, novo filme de John Madden – um sujeito que fez trabalhos mais sérios, como *Ethan Frume* e *Sua Majestade, Mrs. Brown* –, tenta, com muita criatividade e grande dose de invenção, preencher as lacunas na biografia do escritor, criando uma história mezzo-verídica-mezzo-fictícia sobre os anos que precederam à estréia de *Romeu e Julieta* e a conseqüente consagração de Shakespeare. No filme, escrito por Marc Norman e pelo dramaturgo Tom Stoppard (roteirista de *O Império do Sol* e de *Brazil – O Filme*), Shakespeare é retratado como um escritor pobre e ambicioso, que passa as noites bebendo em tavernas e cortejando uma penca de admiradoras deslumbradas por seu charme e beleza ("Na verdade Will era bem feio", lembra Norman).

BLOQUEIO CRIATIVO

A história começa por volta de 1593, quando Shakespeare (interpretado por Joseph Fiennes, irmão mais novo de Ralph) sofre um bloqueio criativo enquanto escreve uma comédia, *Romeu e Ethel, a Filha do Pirata*. Will passa as tardes choramingando a falta de inspiração, enquanto o empresário teatral Richard Henslowe (Geoffrey Rush, de *Shine*), pressionado por credores, implora para que ele termine logo a peça. Embora cheio de amantes, o pobre bardo ainda não havia encontrado uma mulher que realmente tocasse o seu coração, e essa frustração amorosa parece impedi-lo de criar.

Até que surge uma beldade, a nobre Viola De Lesseps (Gwyneth Paltrow), amante de teatro e fã incondicional de Shakespeare, por quem ele se apaixona desesperadamente. E a paixão ressuscita a criatividade de Will: inspirado pelo cupido, ele deixa de lado a comédia que está escrevendo e cria um magnífico drama amoroso, *Romeu e Julieta*. Assim como os dois amantes dessa tragédia clássica, o amor de William e Viola está condenado desde o primeiro instante: ele é casado (contra a sua vontade) e ela está prometida para um nobre violento e ganancioso, o Conde de Essex (Colin Firth).

ROMANTISMO EXACERBADO

Shakespeare Apaixonado estreou sem muita fanfarra e já se tornou um dos maiores sucessos do ano nos Estados Unidos. Na Inglaterra, bateu o recorde de bilheteria para um filme britânico no fim de semana de estréia, que pertencia a *Ou Tudo ou Nada*. Também ganhou três prêmios Globo de Ouro (melhor comédia, roteiro e atriz para Gwyneth Paltrow) e é o recordista do ano em indicações para o Oscar, contabilizando treze – uma a menos que *Titanic*, o grande vencedor do ano passado. →

Foto: UIP

SHAKESPEARE APAIXONADO



Foto: UIP

O projeto já circulava em Hollywood havia pelo menos seis anos. Em 1993, Julia Roberts apaixonou-se pelo roteiro e quis interpretar Viola. O estúdio Universal topou bancar o filme, contanto que Julia convencesse Daniel Day-Lewis (que acabara de fazer *Em Nome do Pai*) a interpretar Shakespeare. Apesar dos insistentes pedidos da atriz, Day-Lewis não topou e o projeto acabou esquecido.

Até que o estúdio Miramax resolveu apostar: comprou os direitos da Universal, escalou a ascendente Gwyneth Paltrow para o papel de Viola, e completou o elenco com um grupo de grandes atores, alguns saídos da Royal Shakespeare Company. Além de Geoffrey Rush e Colin Firth, participam do elenco o ótimo Rupert Everett (o amigo gay de Julia Roberts em O *Casamento de Meu Melhor Amigo*), no papel do escritor Christopher Marlowe; Judi Dench (a rainha Vitória de *Sua Majestade, Mrs. Brown*) interpretando a rainha Elizabeth; e Simon Callow (de *Quatro Casamentos e um Funeral*), como Edmund Tilney, chefe dos censores da época.

GWYNETH PALTROW É A MUSA QUE INSPIRA WILL SHAKESPEARE A ESCREVER A PEÇA *ROMEU E JULIETA*

A mistura de comédia, romance e filme histórico parece ter agradado em cheio ao público – especialmente às mulheres, que andam lotando as sessões, certamente motivadas pelo romantismo exacerbado da história, coisa pouco comum nesta época em que paixões cinematográficas costumam ser tratadas com cinismo. "As pessoas gostam de histórias românticas", diz o diretor John Madden. "No nosso caso, além de uma grande história de amor, temos também a história desse escritor extraordinário."

Shakespeare Apaixonado é mesmo um filme esperto e engraçado. Grande parte de seu sucesso deve-se aos roteiristas Marc Norman e Tom Stoppard, que conseguiram escrever um roteiro atraente a leigos que nunca leram Shakespeare e que também não ofende historiadores que passaram anos estudando a fundo a vida do mestre. Norman e Stoppard usaram uma tática simples: basearam-se no pouco que se sabe sobre o início da carreira do escritor e preencheram as lacunas com histórias fictícias.

GENTE DE VERDADE E DE MENTIRA

Vários personagens do filme realmente existiram. Os empresários teatrais Richard Henslowe e Richard Burbage (interpretado por Martin Clunes), que brigavam para contratar Shakespeare, são personagens verídicos (Burbage, inclusive, era um grande ator, que viria a➔



mistérios do homem universal



Com seu passado envolto em sombras, estudiosos tentam desvendar Shakespeare por meio de sua obra

Shakespeare apaixonado? Românticos incorrigíveis, sempre queremos escarafunchar a vida íntima de nossos ídolos. Mas será que vale a pena fazer o mesmo com o bardo? Dele não restaram cartas ou diários, apenas datas oficiais: nascido em abril de 1564 em Stratford-upon-avon, morreu (a lenda diz que de febre, após uma bebedeira) em 1616. Só fez a escola local, casou-se aos dezoito anos (por interesse), trabalhou em Londres para a companhia do Globe Theather. E basta.

O melhor é entender as motivações de seu teatro. O objetivo da existência de Shakespeare foi subir na vida, ganhar dinheiro e ser um cavalheiro. Não pensava na posteridade, mas no seu presente, nas pessoas que assistiam às suas peças e que as faziam. Cara a cara com os atores, sem o anonimato da escuridão, a platéia (comendo, rindo, aplaudindo os artistas favoritos e vaiando os vilões) queria se divertir. "*Romeu e Julieta* é uma tragédia lírica em que Shakespeare, com seus olhos oportunistas bem abertos, produziu algo capaz de agradar a cada uma das camadas de sua platéia eclética", escreveu Anthony Burgess.

A comunicação era direta (longe das leituras eruditas e pedantes de hoje) e os temas de suas peças refletiam o seu mundo, de um delicado equilíbrio entre a herança medieval, a redescoberta do passado e os avanços científicos. A agonia era conviver com restos de trevas e a conseqüência do conhecimento: o ceticismo.

Que, talvez, explique o pouco-caso de Will com o destino de suas obras: só sete anos após sua morte é que amigos reuniram suas criações numa coletânea. Dois séculos mais tarde, especialistas decidiram que ele foi apenas o testa-de-ferro de Bacon, o verdadeiro autor de *Macbeth*, *Rei Lear*, *A Tempestade* etc. Há poucos meses um especialista da CIA disse ter provas de que ele nem sequer existiu. Há quem diga até que foi homossexual. Todos partem de sua dramaturgia para tentar capturar o homem efêmero de biografia decepcionante. Pena. Esquecem-se de que Will Shakespeare interessou-se por outro homem: o universal.

Carlos Haag

SHAKESPEARE APAIXONADO



interpretar Hamlet, Otelo, Lear e Ricardo III). O escritor Christopher Marlowe, que aparece como um amigável rival de Shakepeare, tornaria-se famoso ao escrever grandes tragédias, como *Edward II*, *Doctor Faustus* e *The Massacre at Paris* (não há, no entanto, registro algum de que ele teria ajudado Will a escrever *Romeu e Julieta*, como insinua o filme). O ator Ned Alleyn, interpretado por Ben Affleck (de *Gênio Indomável* e *Armageddon*), também existiu, assim como, é claro, a rainha Elizabeth, que, como mostra o filme, adorava teatro.



Já outros personagens são pura invenção. Viola De Lesseps, por exemplo, não existiu. Seu nome é uma homenagem à personagem da comédia *Noite de Reis*, de Shakespeare. Há inclusive uma passagem no filme nitidamente inspirada nessa peça, quando Viola, que sonha em atuar no teatro (mulheres não eram permitidas em palcos na época e todos os papéis femininos eram interpretados por homens travestidos), veste-se de homem para participar dos ensaios.

Shakespeare Apaixonado é, portanto, um desses raros filmes históricos que não se prendem à obsessão pela reconstituição perfeita de fatos. E, por sua liberdade com a vida do bardo, os roteiristas estão sendo acusados de ter plagiado um livro escrito na década de 40, No *Bed for Bacon*, e um especial de TV da BBC produzido em 1978, chamado *Will Shakespeare – The Untold Story* (ou "A História Desconhecida"). Verdade ou mentira? Ninguém sabe. Mais um mistério envolvendo o maior escritor de todos os tempos.

(Shakespeare in Love, EUA/Inglaterra, 1998) **Direção:** *John Madden. Com Gwyneth Paltrow, Joseph Fiennes, Geoffrey Rush, Tom Wilkinson, Judi Dench, Colin Firth, Ben Affleck, Rupert Everett. 122 min.*

Fotos: UIP



O FILME NÃO SE PRENDE À HISTÓRIA REAL E ROMANTIZA OS ANOS OBSCUROS DA VIDA DO AUTOR

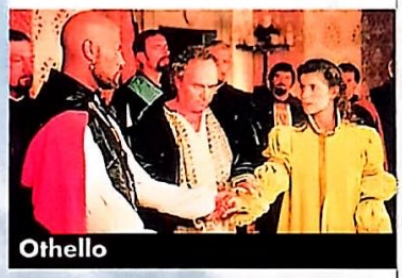
A "corte" do bardo (*em sentido horário*): Judi Dench, Geoffrey Rush e Ben Affleck


Romeu e Julieta

o escritor mais atuante do cinema

Entre comédias, dramas e Kenneth Branagh, o bardo vai continuar em cartaz por muito tempo

Cineastas sempre foram obcecados por Shakespeare. Só nos últimos quatro ou cinco anos, chegaram às telas pelo menos dez filmes inspirados nas obras do escritor, incluindo *Romeu e Julieta*, com Leonardo Di Caprio e Claire Danes; *Othello*, com Laurence Fishburne; *Noite de Reis*, com Helena Bonham-Carter; *Hamlet*, de Kenneth Branagh; *Ricardo III*, com Ian McKellen; e *Ricardo III – Um Ensaio*, dirigido por Al Pacino (um filmaço, aliás).


Othello


Ran

Mas não é de hoje que o cinema bebe da fonte do maior autor de todos os tempos. Foi Sir Laurence Olivier quem popularizou os textos de Shakespeare no cinema em clássicos como *Hamlet* e *Henrique V*. Existem também outros filmes que se basearam em obras do escritor e que não dão a menor pista disso. *Garotos de Programa*, de Gus Van Sant, é um desses casos (o filme é uma versão de *Henrique IV*). E o mestre Akira Kurosawa fez *Ran*, uma belíssima versão de *Rei Lear*.


Hamlet


Garotos de Programa

E vem mais: podem ir se preparando para ver Ethan Hawke no papel de um Hamlet na Nova York dos dias de hoje. Michelle Pfeiffer, Kevin Kline, Rupert Everett e Calista Flockhart em uma belíssima adaptação de *Sonho de uma Noite de Verão*. Julie Taylor, a diretora da adaptação de *O Rei Leão* na Broadway, está fazendo *Titus Andronicus*, com Anthony Hopkins no papel principal (e último papel de sua carreira, segundo o próprio ator, que anunciou sua aposentadoria, cansado de Hollywood). O projeto mais ambicioso, no entanto, é o de Kenneth Branagh, que pretende adaptar três obras: primeiro, transformará *Love's Labour Lost* num musical ambientado nos anos 30; depois, fará uma versão de *Macbeth* passada numa corretora em Wall Street; finalmente, o ator e diretor rodará sua visão de *As You Like It* no Japão. Há realmente algo de podre no reino da Dinamarca...


Ricardo III – Um Ensaio


Hamlet

Fotos: divulgação



ELIZ

por Ka[illegible] Sadovski

Fox

INTRIGA, ASSASSINATO, CONSPIRAÇÃO E SANGUE, MUITO SANGUE. NÃO ESTAMOS FALANDO DE MAIS UM ÉPICO SOBRE GÂNGSTERES ÍTALO-AMERICANOS, E SIM DA HISTÓRIA BEM VERDADEIRA DA RAINHA QUE TRANSFORMOU

ZABETH

A INGLATERRA EM UMA DAS NAÇÕES MAIS PODEROSAS DO MUNDO. E ESSA PERSONAGEM AO MESMO TEMPO DETERMINADA E FRÁGIL GANHA A INTÉRPRETE IDEAL EM UM NOVO TALENTO QUE PROMETE DOMINAR AS TELAS NA VIRADA DO MILÊNIO: CATE BLANCHETT



A cena que abre o grandioso *Elizabeth* já deixa a platéia preparada para o que vem pela frente: três protestantes são levados à fogueira, enquanto as massas ensandecidas gritam que eles devem queimar no inferno. Chocante, mas nem um pouco gratuita, a seqüência estabelece o tom pesadíssimo que o filme do indiano Shekhar Kapur vai seguir.

Elizabeth, na verdade, é menos uma aula de história sobre os eventos que levaram a Inglaterra a ser a potência de hoje e mais um retrato – fiel ou não, os historiadores que decidam – de uma jovem ingênua que teve de aprender, na marra, o que era necessário para comandar um país à beira do colapso. E essa força se traduz em um nome: Cate Blanchett.

Com apenas três filmes no currículo, essa atriz australiana de trinta anos

ELIZABETH ENCONTRA SUA FORÇA NO ELENCO SUPERLA

Fotos: Fox



Produção requintada: os cenários e figurinos reproduzem com exatidão o clima da época

surpreende com a fúria com a qual ela se entregou à personagem. Sua Elizabeth convence tanto nos momentos de paixão quanto nos de desespero, mostrando que por trás da poderosa rainha existia uma jovem que ainda não havia descoberto seu propósito. Mesmo ao lado de atores excepcionais como Geoffrey Rush e Christopher Eccleston, Blanchett consegue não ser eclipsada.

ELENCO EXCEPCIONAL

O filme, dirigido pelo indiano Shekhar Kapur, mostra a trajetória de Elizabeth sob um ângulo pouco visto nas dezenas de adaptações da vida da Rainha Virgem nas telas (e na TV inglesa). O filme começa com a rainha católica Maria Tudor à beira da morte, mas incapaz de ordenar a execução de sua meia-irmã Elizabeth – uma protestante e filha bastarda do rei Henrique VIII (*veja boxe*) –, que seria a herdeira natural do trono inglês.

Ao assumir um país prestes a ser anexado ao domínio espanhol – e em guerra iminente com a França –, a jovem Elizabeth é obrigada a renunciar suas paixões e sua própria vida: "Seu corpo pertence ao Estado", brada, a certa altura, o conselheiro real interpretado por Richard Attenborough. Dessa forma, os fatos verídicos caminham lado a lado com o conflito da rainha em abdicar sua paixão pelo nobre Robert Dudley (Joseph Fiennes) em prol da responsabilidade com a Coroa.

A veracidade de fatos históricos, portanto, não parece ser a preocupação do diretor Kapur. Na verdade, ele demonstra estar tão hipnotizado com o talento de Blanchett quanto o público, e a cada camada da personalidade de Elizabeth que é revelada a



Duro aprendizado: Elizabeth se esforça para aprender a ser rainha

atriz se entrega ao papel com mais paixão. Ela tanto pode ser leve e bem-humorada (como na seqüência em que, reunida com os nobres da corte, diz que "não enxerga um motivo sequer para uma mulher se casar") como dura e insensível ("Não sou a Elizabeth de homem nenhum", dispara a jovem justamente para o dono de seu coração).

O filme seria de fato dominado completamente por Cate Blanchett se o resto do elenco não fosse igualmente excepcional. Geoffrey Rush nos dá o personagem mais aterrorador do ano no papel do sombrio Francis Walsingham, o homem encarregado de proteger a rainha. Ele é capaz de cortar gargantas com a mesma naturalidade que invade o santuário da rainha para lhe dizer que "sua missão é protegê-la, inclusive dela mesma". Sua performance seria digna do Oscar se a Academia não tivesse optado lhe indicar por um filme bem mais "comercial", *Shakespeare Apaixonado*.



Outros atores menos conhecidos também deixam sua marca: Christopher Eccleston (que faz o duque de Norfolk, braço direito da falecida Maria Tudor), Kathy Burke (a própria Tudor), Fanny Ardant (assustadora como a tirânica regente francesa Marie de Guise) e Fiennes, no papel do lorde Dudley, que caminha para tornar-se tão (ou até mais) famoso que seu irmão, Ralph. A única exceção é Richard Attenborough, tão deslocado que às vezes parece estar na ilha de *Jurassic Park*.

SANGUE INGLÊS

Mas não espere de *Elizabeth* um drama de época recheado de cenas românticas ou um relato histórico lento e pesado: o filme tem um ritmo incomum nas produções do gênero e equilibra com maestria momentos intimistas e diálogos afiados com seqüências de tirar o fôlego, como os atentados que a rainha sofre por conspiradores ávidos para lhe privar do trono enquanto ela não possui um herdeiro.



Palavras do mestre: Cate Blanchett e o diretor Shekhar Kapur

E seqüências antológicas parecem ser uma marca de Shekhar Kapur. Ele é capaz de costurar diálogos, imagens e sons com uma precisão de veterano, criando uma série de cenas que dificilmente vão sair da memória: "Sangue inglês nas cores francesas", diz Marie de Guise após rechaçar um ataque britânico; a longa série de assassinatos de conspiradores da rainha, que ordena "que tudo seja consumado; e a imagem final de Elizabeth após ter se proclamado Rainha Virgem e iniciar um reinado de quatro décadas que transformou a Inglaterra em um poderoso império. Um épico traduzido em cinema de primeira.

(Inglaterra, 1998) ***Direção:*** *Shekhar Kapur.* ***Com*** *Cate Blanchett, Geoffrey Rush, Joseph Fiennes, Richard Attenborough, Christopher Eccleston, Jamie Foreman, Edward Hardwicke, James Frain, Kathy Burke, Fanny Ardant. 124 min. www.elizabeth-themovie.com*

Reprodução



uma breve história do Império Britânico

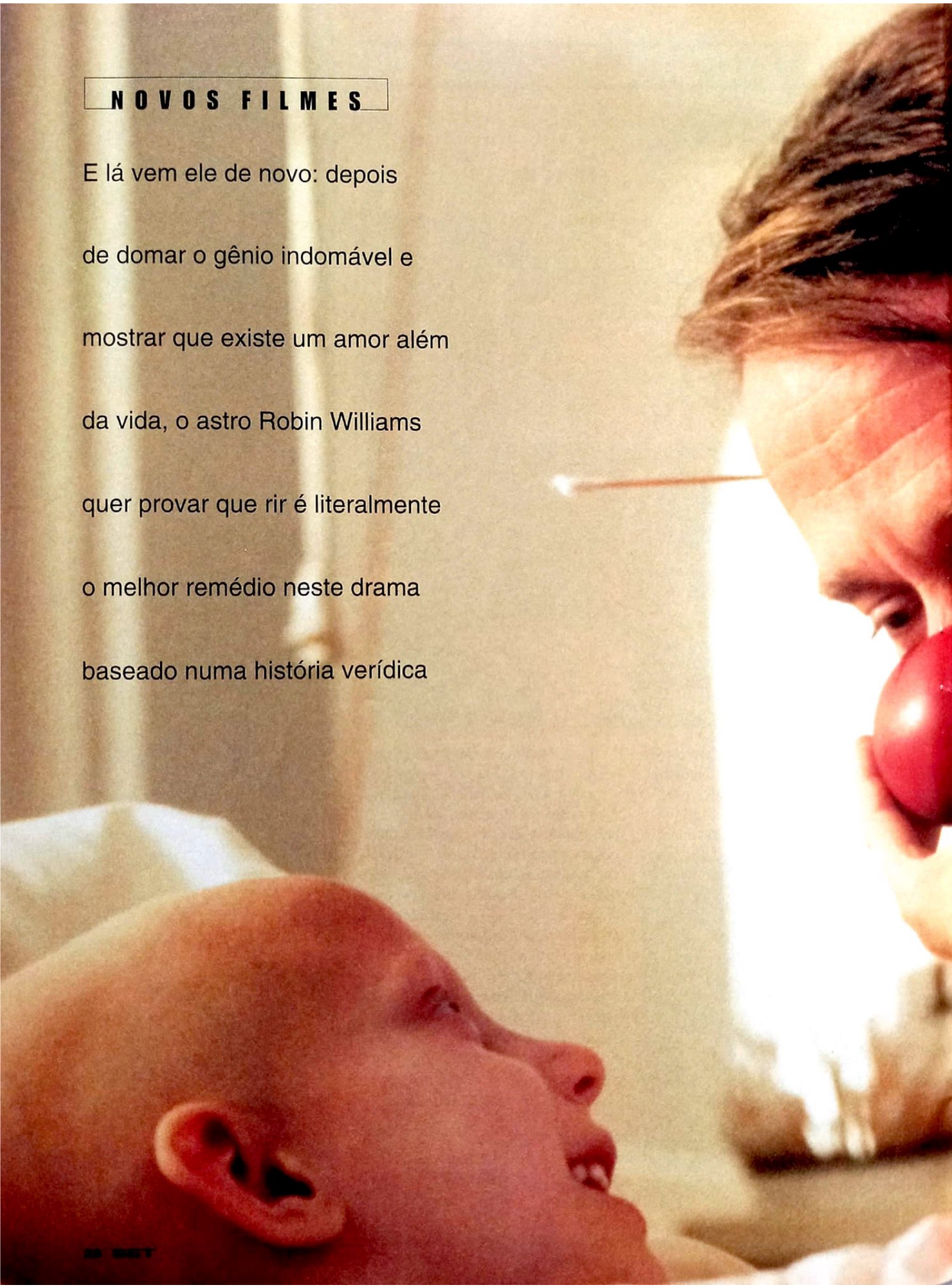
Maria Tudor e Elizabeth. Ou católicos contra protestantes, Corinthians versus Palmeiras, casados contra solteiros. Filhas do mesmo monarca, Henrique VIII, mas de mães diferentes, as duas rainhas governaram a Inglaterra de maneira particular.

A católica Maria Tudor (1515-1558) nasceu da união de Henrique com a herdeira do trono espanhol Catarina de Aragão. Ao subir ao trono, Tudor encontrou uma Inglaterra dominada pelo protestantismo e impôs sua religião na base da força. Queimou padres, cidadãos e até cadáveres exumados. Por causa de seus singelos métodos de catequização, ganhou o apelido de "a sanguinária" .

Elizabeth (1533-1603) é filha de Ana Bolena, a sucessora de Catarina de Aragão no leito real – e foi por causa de Bolena que Henrique se divorciou e entrou em choque com a Igreja Católica. Elizabeth sempre foi uma figura incômoda aos olhos da irmã, a ponto de ser trancafiada na Torre de Londres acusada de conspiração antes de assumir o trono inglês. Sob seu poder a Inglaterra retomou a religião protestante – os católicos pagavam um imposto para não serem incomodados – e viveu uma de suas melhores épocas da História.

Inimigas mortais, Maria Tudor e Elizabeth se confrontam até hoje. As duas repousam lado a lado na abadia de Westminster, em Londres.

Sérgio Martins



NOVOS FILMES

E lá vem ele de novo: depois

de domar o gênio indomável e

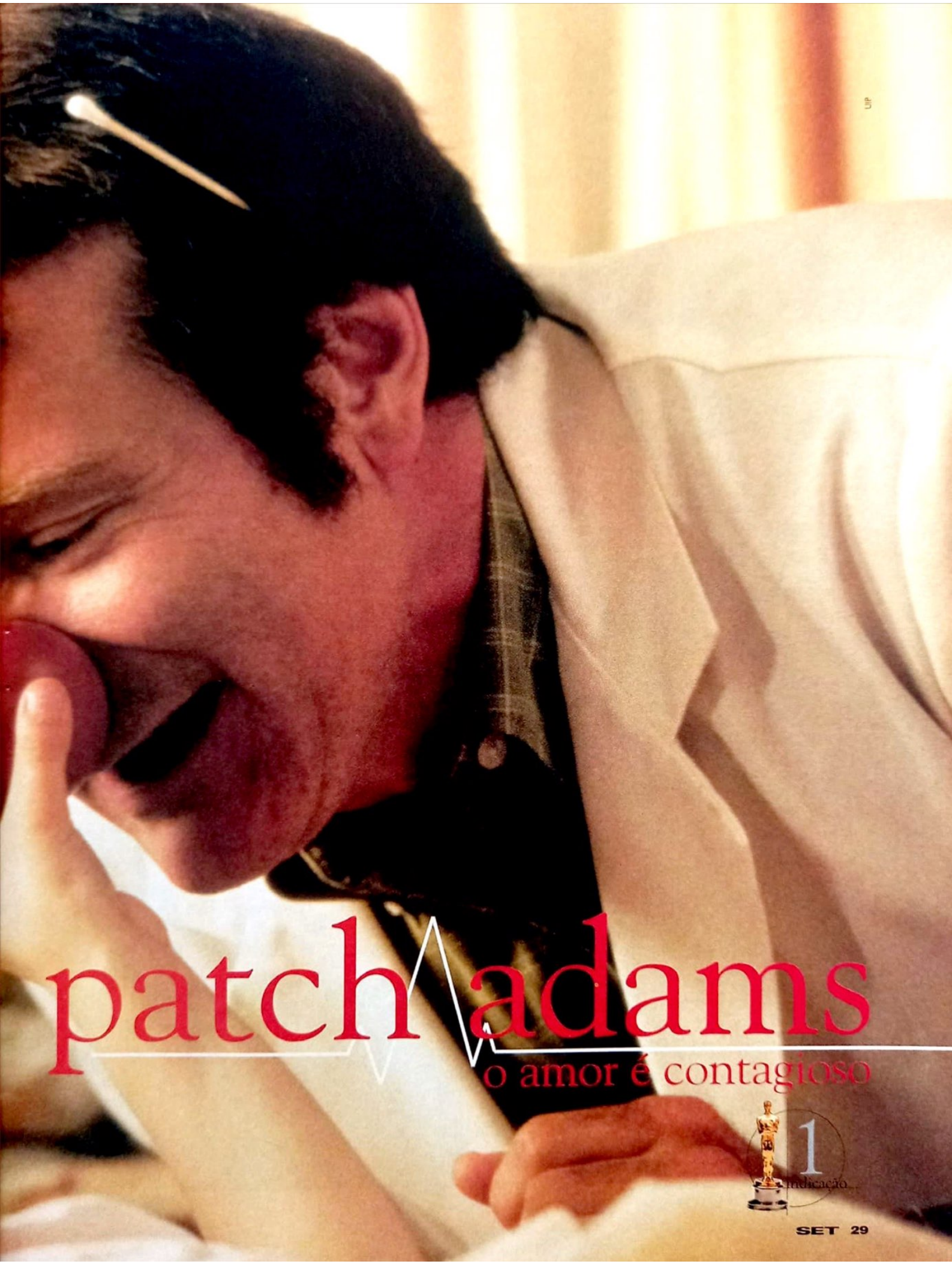
mostrar que existe um amor além

da vida, o astro Robin Williams

quer provar que rir é literalmente

o melhor remédio neste drama

baseado numa história verídica


patch adams
o amor é contagioso
1
indicação

patch adams
o amor é contagioso

O roteiro do filme coloca o personagem de Robin Williams como um sensível e carinhosa, enquanto o resto da humanidade é cruel

este homem vai mudar a sua vida

Só Freud explica a obsessão de Robin Williams em querer salvar o mundo. Nos últimos anos, este ator de talento fora do comum tem interpretado o mesmo tipo de personagem. O papel típico de Williams é o do sujeito deslocado, não adaptado à sociedade "normal", mas que tenta vencer por meio da criatividade, da bondade e do humor. Sinta só o drama:



Bom Dia Vietnã (1987) No papel de um disc-jóquei do Exército americano, Williams alegra as tropas no Vietnã e prova que bom humor pode aliviar o sofrimento humano.

Fotos: Divulgação



Sociedade dos Poetas Mortos (1989) – Williams vive um professor de Literatura que combate a rigidez de sua escola com aulas de poesia.



Tempo de Despertar (1990) – No papel de um médico, Williams prova que carinho e dedicação são capazes de despertar catatônicos.



Jack (1996) – Uma criança de dez anos no corpo de um homem de 40 mostra aos adultos que a vida não é só trabalho e escritório.



Gênio Indomável (1997) O psiquiatra Williams ajuda um gênio a domar seu espírito autodestrutivo.



Amor Além da Vida (1998) Depois de morrer, Williams viaja ao céu e ao inferno para buscar sua esposa suicida. É o amor vencendo as profecias bíblicas!

Robin Williams deve estar maluco. Só assim dá para acreditar que um sujeito inteligente lê um roteiro como o de *Patch Adams – O Amor É Contagioso* e não vê nada de errado. O filme é de uma pieguice constrangedora, mas, ainda assim, tornou-se uma das maiores surpresas da temporada nos Estados Unidos: *Patch* já arrecadou quase 150 milhões de dólares e confirmou Williams como um dos atores mais populares da atualidade.

Patch Adams é inspirado na história real de Hunter Adams, um médico que resolve "humanizar" o tratamento de doentes usando o riso e o bom humor como terapia. Patch faz consultas vestido de palhaço, canta para os pacientes, e sonha em montar um hospital gratuito. Suas idéias causaram alvoroço entre a comunidade médica americana e transformaram-no numa espécie de guru. Hoje, aos 53 anos, Adams viaja pelo mundo dando palestras sobre os efeitos terapêuticos do riso e angariando dinheiro para a construção de seu tão sonhado hospital.

Ainda adolescente, Patch foi internado numa clínica psiquiátrica para curar-se de um impulso suicida. Foi lá que percebeu como a frieza na relação médico/paciente só piorava as coisas. Assim que saiu da clínica, matriculou-se na Universidade de Medicina de Virgínia, de onde quase foi expulso por insistir em visitar doentes vestido de palhaço. Há cinco anos, Adams lançou um livro em que contava sua história. Vários diretores mostraram-se interessados em adaptá-la para o cinema, mas Tom Shadyac (de *Ace Ventura*) acabou levando a melhor.



Papel e caneta na mão: Robin volta às aulas

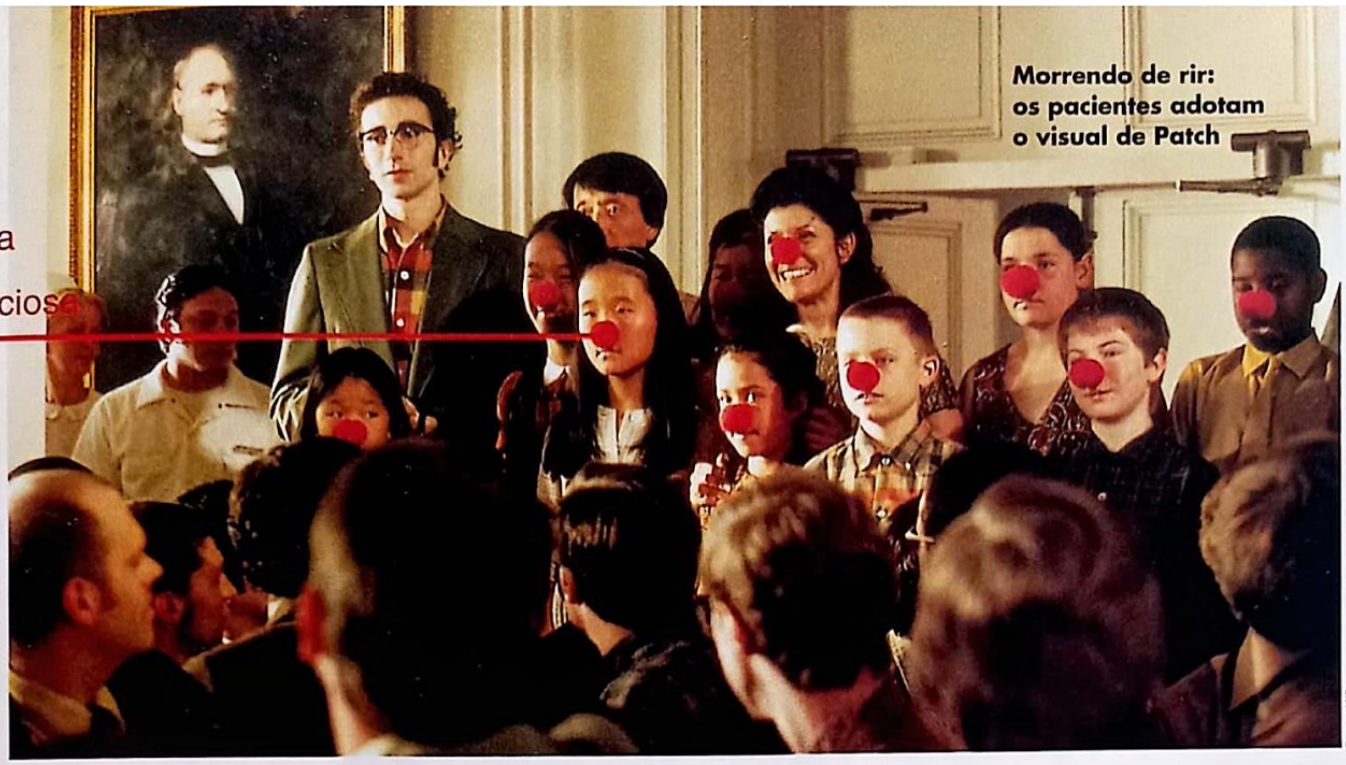
HOSPITAL DIVERTIDO

Realmente é difícil acreditar que o verdadeiro Adams possa ser parecido com o personagem criado por Williams. De fato, alguns detratores acusaram-no de usar dinheiro de doações para gastos pessoais (o hospital que ele diz estar construindo há mais de vinte anos ainda não ficou pronto). Adams rebate acusando os detratores de defenderem os interesses de grandes corporações médicas. Este ano, ele será homenageado pela Associação Americana de Humor Terapêutico (sim, isso existe) por "trinta anos dedicados a fazer pacientes rirem".

O interesse despertado pelo filme multiplicou o número de doações para o hospital do Adams de verdade. "Este filme vai conseguir o que eu venho tentando há mais de duas décadas: construir o primeiro 'hospital divertido' do mundo", diz o médico.

DISCURSO DE VEREADOR

No filme, o médico é mostrado como uma mistura de Ghandi, Jesus Cristo e Bozo, um sujeito compulsivamente alegre que não consegue falar uma frase sem botar uma piadinha no meio. E o próprio Adams admite que a escolha de Robin Williams para interpretá-lo não poderia ter sido mais feliz. "Robin é muito parecido comigo", disse o médico. "Não estou falando fisicamente, mas espiritualmente. Nós dois gostamos de alegrar as pessoas e usamos nossos dons



Morrendo de rir: os pacientes adotam o visual de Patch

Fotos: UIP

pessoa

ganancios

cômicos para trazer um pouco de alegria aos menos afortunados."

Williams e o diretor Shadyac, no entanto, exageraram na mitificação de Adams, que aparece como um santo batalhando contra um sistema injusto e maldoso. O roteiro é de um maniqueísmo radical: Patch é humano, sensível e carinhoso, enquanto o resto da humanidade é cruel e gananciosa. E os diálogos? Cada frase que sai da sua boca parece discurso de candidato a vereador: "Se vamos combater doenças, precisamos combater a mais perigosa de todas as doenças, a indiferença". Ufa!

André Barcinski

(Patch Adams, EUA, 1998) **Direção:** *Tom Shadyac.* **Com** *Robin Williams, Daniel London, Monica Potter, Philip Seymor Hoffman, Bob Gunton. 115 min. www.patchadams.com*

E O OSCAR VAI PARA... WN

MELHOR REVENDA

FITAS A PARTIR DE R$ 2,99

MELHOR PREÇO

MAIOR ACERVO

MELHOR PRAZO

COMPRANDO LOTES DE:
250/350/500 FITAS
VOCÊ ESCOLHE SEUS BRINDES

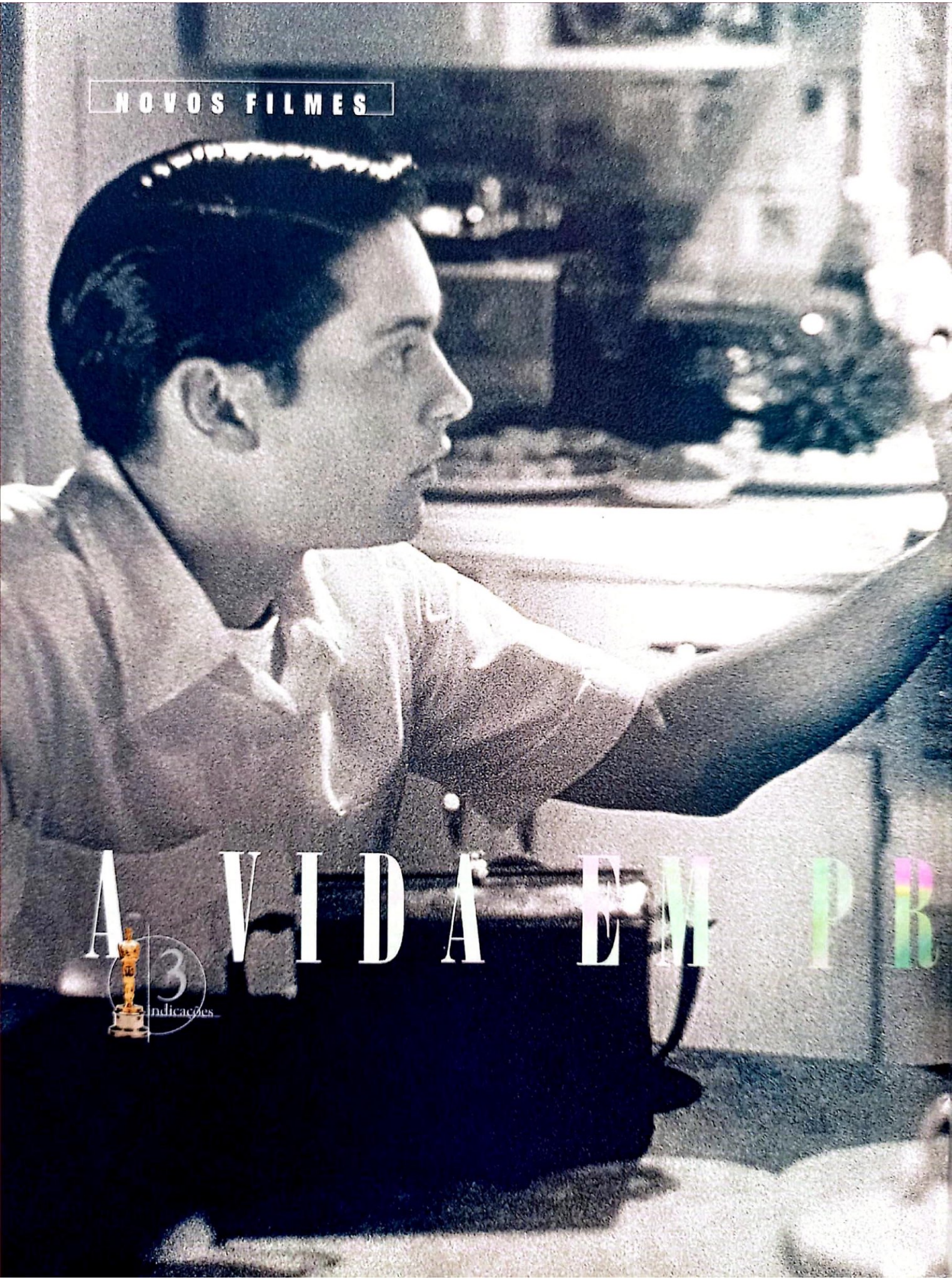
- ESTOJOS
- EXPOSITORES
- REBOBINADOR
- FRETE
- POSTER

WN

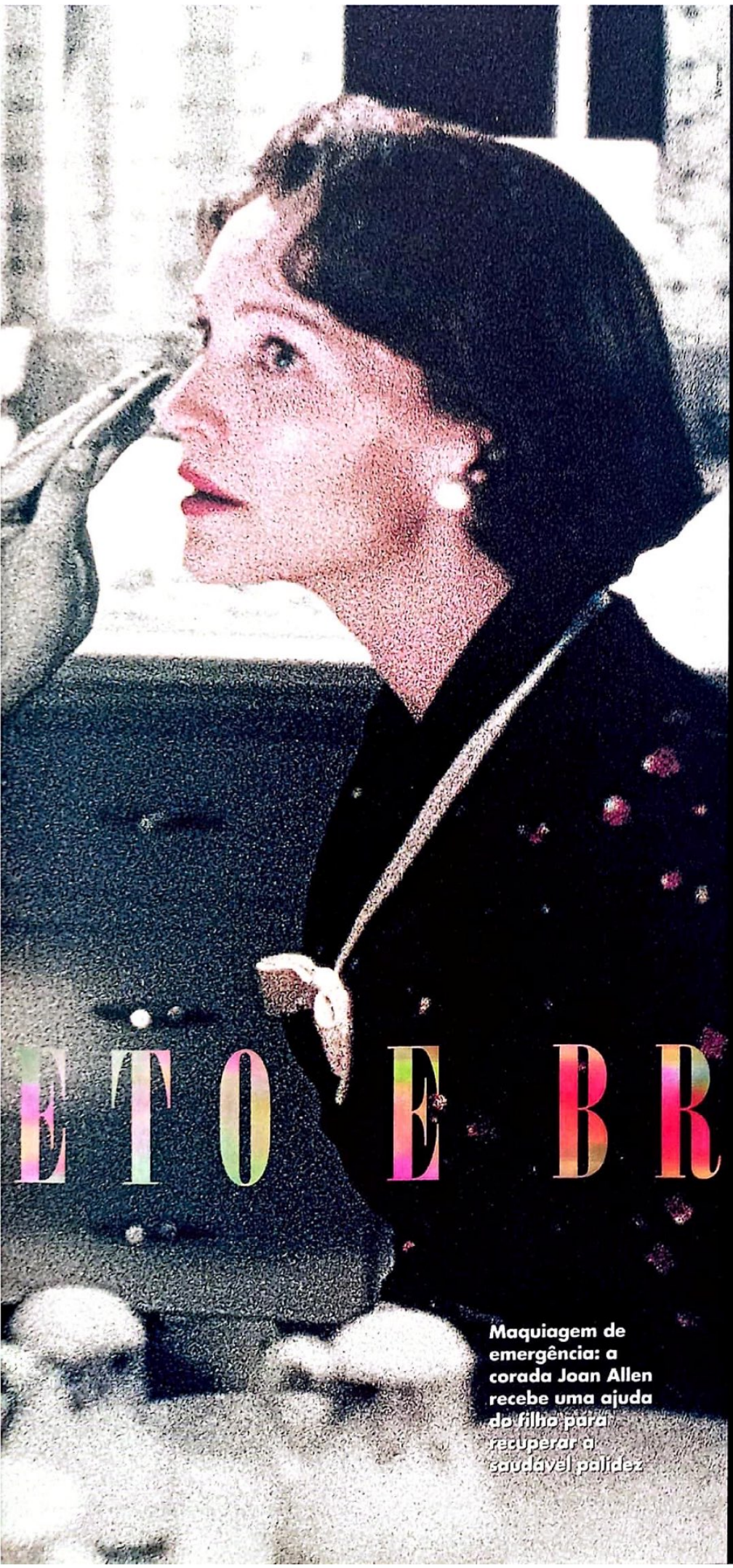
TELEVENDAS: (011) 6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZA, 334 - CEP 02036-010
SÃO PAULO - SP (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA A SEXTA DAS 9:00 ÀS 19:00 HORAS
SABADO DAS 9:00 ÀS 16:00 HORAS
TELEFAX: (011) 290-8143

SOLICITE NOSSA LISTAGEM

RPZ/262-75118


NOVOS FILMES
A VIDA EM PR
3
Indicações

ETO E BRANCO



Maquiagem de emergência: a corada Joan Allen recebe uma ajuda do filho para recuperar a saudável palidez

Imagine como seria sua vida se ela se passasse em um programa de televisão. É exatamente isso o que acontece com os protagonistas desta comédia surpreendente

O sonho de todo fã de uma série de televisão é conhecer pessoalmente tudo aquilo que ele acompanhou por anos na telinha. Muitas vezes, ele sonha que está resolvendo um caso junto com o detetive Columbo; descobrir os segredos dos sete mares ao lado do almirante Nelson de *Viagem ao Fundo do Mar*; ou mesmo participar de explorações espaciais em *Jornada nas Estrelas*. Mas o diretor Gary Ross foi além de um simples sonho →



e o transformou num dos mais fascinantes filmes desta década.

A Vida em Preto e Branco mostra dois irmãos, David e Jennifer (Tobey Maguire e Reese Witherspoon), que magicamente são transportados para dentro da série fictícia *Pleasantville*, inspirada no famoso seriado dos anos 50 *Papai Sabe Tudo* – e, como ele, rodada em preto-e-branco. Como todo programa televisivo feito na época, a cidade-título é tão familiar e nostálgica quanto um rótulo de Maizena. Ninguém tem problemas financeiros, risos são distribuídos fartamente, o time de basquete da escola nunca perde uma partida, casais dormem em camas separadas e ninguém está preocupado com a quantidade de colesterol ingerida num tradicional café da manhã regado a panquecas cobertas com melado e ovos mexidos com bacon.



Mistura visual: o universo da fictícia Pleasantville vira uma bagunça com personagens e cenários coloridos e em preto-e-branco



A cidade é um verdadeiro paraíso para o jovem, que adora aquele mundo falsamente perfeito, e um inferno para sua irmã, totalmente adaptada ao modo de vida dos anos 90. Mas esse mundo tranqüilo está para sofrer uma revolução de valores, quando os dois irmãos deixam de interpretar os papéis que lhes foram criados na série (Bud e Mary Sue Parker) e resolvem, acidentalmente ou não, subverter a ordem estabelecida.

A primeira pedra na janela da pacata Pleasantville é atirada pela garota ao mostrar para seu namorado na série que o banco de um automóvel tem bastante espaço para fazer outras coisas além de ficar apertando as mãos. Assim, esse mundo que anda em linha reta começa a dar seus primeiros tropeções – e são as posturas liberadas de Jennifer/Mary Sue que impulsionam o choque cultural e de costumes da cidade. O resultado disso é que, a cada demonstração de sentimento, a cidade e seus habitantes começam a ganhar cores.

MUNDO SEM SEXO

Segundo Gary Ross, um conceituado roteirista que aqui estréia como diretor, *A Vida em Preto e Branco* é sobre pessoas enfrentando mudanças, sendo incapazes de lidar com elas e liberando o que têm dentro de si, suas verdadeiras cores. "Isso cria uma ruptura nessa cidade", conta. "Entre pessoas que querem permanecer em preto-e-branco e pessoas que desejam as cores." A metáfora pode parecer óbvia, mas funciona maravilhosamente bem.

O filme segue a mesma linha dos demais roteiros de Ross, *Quero Ser Grande* e *Dave – Presidente por um Dia* (ambos indicados ao Oscar): uma pessoa comum se vê envolvida em eventos extraordinários. O diretor confirma que esse tema é seu favorito, uma vez que permite um espaço muito amplo para trabalhar os personagens e ainda deixa aberta a porta para a sátira.

"É uma espécie de *Alice no País das Maravilhas*, com dois jovens passando através de um espelho moderno", compara Ross. "O filme é sobre o fato de que nós crescemos com uma certa mitologia, onde tudo era perfeito, onde cada família era um núcleo perfeito. Ora, quantas famílias são realmente perfeitas?" Ele lembra que, nos programas de TV como o que é mostrado no filme, todo mundo dormia em camas separadas, o sol estava sempre brilhando, a temperatura era sempre agradável – era, enfim, um mundo sem conflitos, sem contestações e, claro, sem sexo.



Fotos: Warner

COMBUSTÃO ESPONTÂNEA

A própria questão sexual é colocada dubiamente, até mesmo pela personagem mais liberal interpretada por Reese Whiterspoon. Ela ensina, sabe lá de que forma, sua "mãe televisiva" (mais uma brilhante interpretação de Joan Allen) a sentir prazer sexual, sem saber que isso causaria uma liberação exagerada naquela recatada senhora. A cena, que começa com Allen se masturbando na banheira, termina com a combustão espontânea de uma árvore na frente da casa – o incêndio pega até de surpresa o Corpo de Bombeiros, que nunca havia visto algo semelhante. Vale lembrar que os casos mais perigosos dos bombeiros de Pleasantville são retirar gatos de cima das árvores.

O diretor ressalta que *A Vida em Preto e Branco* fala sobre pessoas que estão saindo de um meio ambiente enclausurado, claustrofóbico e repressivo para experimentar a liberdade. Quando o personagem de Tobey Maguire começa a contar para seus colegas o que acontece no romance *Tom Sawyer*, de Mark Twain, o livro que anteriormente estava com páginas em branco é inundado com o texto original, causando uma peregrinação dos jovens da cidade à biblioteca. E quanto mais sentimentos diferentes, mais cores são despertadas na cidade. A própria Mary Sue, uma aluna pouco convencional na sua própria dimensão, descobre o prazer da literatura, acordando para seu próprio mundo de cores.

CINEMA DE IDÉIAS SIMPLES

Na parte técnica, *A Vida em Preto e Branco* teve seus 40 milhões de dólares de orçamento bem empregados, com a construção da cidade de Pleasantville e a confecção de todos os modelitos da época – aliás, o filme recebeu indicações ao Oscar deste ano nas categorias de figurino e direção de arte. Parte da grana também foi utilizada para obter a melhor mistura possível de cores num fundo preto-e-branco. Diferentemente de Spielberg, que filmou em preto-e-branco e colorizou uma menina de vestido vermelho em *A Lista de Schindler*, Ross preferiu ajustar eletronicamente as cores da filmagem original em cima do filme em preto-e-branco. O diretor diz que não queria que o filme parecesse colorizado. "Fizemos o possível para manter os contrastes que os filmes em preto-e-branco geralmente têm", explica Ross. "E quando as cores começam a aparecer, a gente nota o que se perde se a vida fosse monocromática."



Mas não é apenas em aspectos técnicos que *A Vida em Preto e Branco* é notável: além de Joan Allen, o elenco traz também Jeff Daniels, interpretando o dono da lanchonete que vira pintor e tem uma paixão secreta por ela; e William H. Macy, no papel de um pai perfeito até que sua esposa deixa de servir o jantar na hora certa. Há também a participação especial do veterano comediante Don Knotts, que faz o responsável por transportar os dois irmãos para dentro do programa de TV. Todos esses ingredientes fazem de *A Vida em Preto e Branco* uma experiência gratificante: faz a gente pensar em como nossas vidas muitas vezes precisam de cores novas para vivermos melhor e por que o bom cinema é feito das idéias mais simples.

Paulo Gustavo Pereira

(Pleasantville, EUA, 1998) Direção: Gary Ross. Com Tobey Maguire, Reese Witherspoon, Joan Allen, Jeff Daniels, William H. Macy, J.T. Walsh, Don Knotts. 124 minutos. www.lycos.com/pleasantville

Pleasantville é um mundo *quase* perfeito: não há conflitos, contestações e as pessoas não sabem o que significa sexo



Joan Allen e William H. Macy vivem o casal perfeito. Abaixo, as cores da jovem chamam a atenção de todos, inclusive dos marmanjos



NOVOS FILMES



Warner

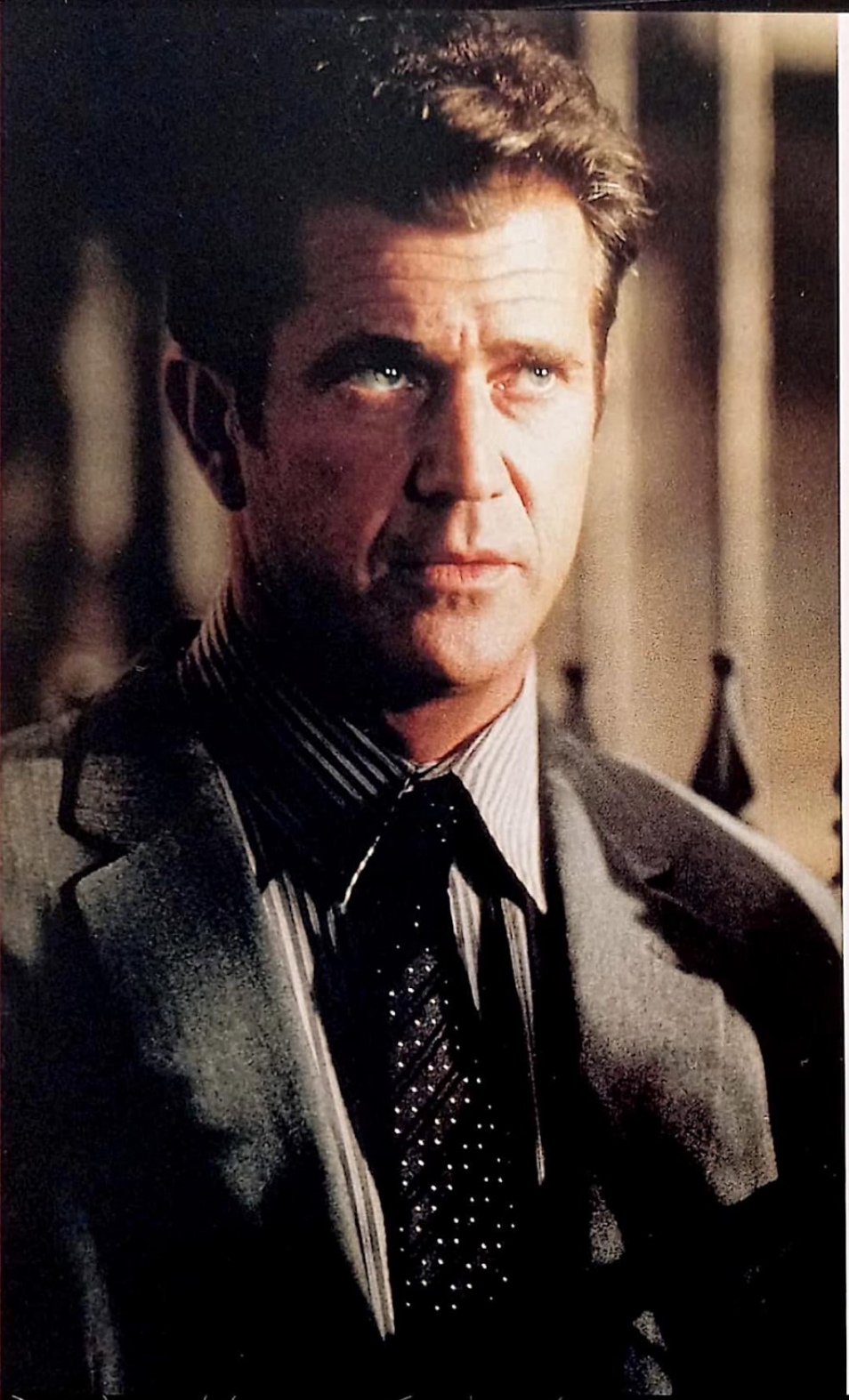
Mel Gibson é um vilão barra-pesada em busca de vingança neste thriller carregado de violência



Depois de mais de duas décadas personificando bom mocinho em Hollywood, Gibson volta a ser um anti-herói – tal qual em *Mad Max*, que o projetou internacionalmente no início de sua carreira. Em *O Troco*, o ator faz o vigarista Porter, o mais bonzinho dos bandidos que infestam o filme como baratas em bueiro abandonado.

"Espero que esse seja o último marginal de verdade que interpreto no cinema", afirmou Mel Gibson. "Porter não possui coração. Talvez ele seja o mais cruel de todos os personagens que já interpretei até hoje."

Após ser traído pela própria mulher, Rosie (a atriz Maria Bello da série de televisão *Plantão Médico*), e pelo melhor amigo Val (Gregg Henry) – ambos bandidões de primeira categoria como todos do filme –, Porter se recupera de dois tiros nas costas e segue caminho rumo à vingança. Seu objetivo é tentar recuperar os 70 mil dólares a que ele tinha direito, mas que foram embolsados →



pela dupla. Só que o que Porter não sabe é que tanto Rosie quanto Val têm ligações com uma quadrilha barra-pesada conhecida como "The Organization", que ele também terá de enfrentar. Na verdade, tudo é uma grande desculpa para que o personagem de Gibson saia matando como um louco em seqüências de tanta violência que até os mais chegados ao gênero correm o risco de sentir náuseas.

OLHO DA RUA

A outra história amarga de *O Troco*, no entanto, não traz sangue nem violência. Ela começou nos bastidores, durante a fase de edição final do filme dirigido por Brian Helgeland, o roteirista do recente *Los Angeles – Cidade Proibida* e que também escreveu *Teoria da Conspiração*, com Gibson.

Depois de assistir à versão original de Helgeland, o ator sugeriu ao cineasta que refilmasse um pouco menos da metade do que já havia sido gravado. Helgeland recusou a proposta e desligou-se (ou foi desligado) do projeto.

"Tanto eu quanto os produtores achamos que algumas alterações eram imprescindíveis e deveriam ser levadas adiante", contou o ator sem entrar em detalhes sobre as novas cenas. "Queríamos mudanças no roteiro e na direção. Helgeland sentiu que a integridade artística de seu trabalho estaria comprometida e preferiu se retirar. Como eu também desempenhava a função de produtor, tinha de ser responsável e tomar essas decisões difíceis. Acho que hoje temos um filme melhor."

Helgeland, por sua vez, pensou duas vezes antes de seguir em frente com Gibson como protagonista. "A primeira coisa que passou pela minha

Herói às avessas: acostumado a viver sujeitos legais como o Martin Riggs da série *Máquina Mortífera*, o astro dá uma de bandido, seja matando gente, seja dando flagras na cama





Veteranos de plantão: James Coburn (*à esq.*) e Kris Kristofferson marcam presença em *O Troco*

cabeça quando li *The Hunter*, no qual *O Troco* foi baseado", lembra, "foi de que Mel não poderia participar do projeto, já que ele poderia querer dirigir o filme." Felizmente para o roteirista o astro não só gostou da história escrita por Helgeland como acabou aceitando a idéia de ele assumir também a direção.

O certo é que *O Troco* versão Mel Gibson tenta seguir uma atmosfera semelhante a de outro filme baseado no mesmo livro de Richard Stark, o clássico *noir* *À Queima Roupa*, dirigido em 1967 por John Boorman e protagonizado por Lee Marvin.

COPO DE CAFÉ

Ao contrário dos cortes rápidos e cenas curtas, característicos de produções contemporâneas ao estilo *Pulp Fiction*, *O Troco* faz lembrar os filmes policiais do fim dos anos 60 e da década de 70 somados a uma influência cômica do trabalho do escritor Elmore Leonard – já traduzido em filmes como o recente *Irresistível Paixão*, com George Clooney.

"Esse filme me lembra um pouco trabalhos de Don Seigel, Sam Peckinpah e John Boorman do começo dos anos 70", ressaltou Mel Gibson, lembrando que, quando tinha treze anos, sua dieta cinematográfica era composta de filmes de crime como *The Getaway* e *Charley Varrick*. "*O Troco* é um pouco de cada um desses filmes que assisti quando garoto, mas só que com um pouco mais de ousadia e uma atmosfera mais *underground*", ressalta. "Afinal de contas já se passaram trinta anos e estamos num mundo diferente."

Para chegar a essa atmosfera *noir* descrita por Gibson, a fita de *O Troco* passou por um processo especial de descolorização por uso de um solvente que fez com que as cores originais se aproximassem ao máximo do preto-e-branco.

"O mesmo processo foi utilizado para a produção de *The Game*, com Michael Douglas, mas só que desta vez acho que o resultado saiu ainda melhor", diz o astro. "Parece que alguém entornou um copo de café na fita." Gibson chegou a pensar em rodar *O Troco* em preto-e-branco e em 16 mm, mas como ele mesmo admite que é um sujeito que gosta muito de dinheiro, desistiu da idéia.

DINHEIRO MINGUADO

E gosta mesmo. Para ter uma idéia de como vinte anos foram suficientes para mudar por completo as finanças de Gibson, basta lembrar que para ele fazer seu primeiro filme, a comédia *Summer City*, de 1977, o combinado era receber o minguado cachê de vinte dólares – dinheiro que jamais chegou aos bolsos do ator. Em contrapartida, abocanhou nessas duas décadas uma fortuna avaliada em quase 100 milhões de dólares.

E dinheiro e trabalho são coisas que provavelmente não vão faltar no futuro de Mel Gibson. Ele está rodando *The Million Dollar Hotel*, um policial futurista escrito por Bono, vocalista do U2, e dirigido pelo alemão Wim Wenders. Nos planos do ator está dirigir uma nova versão da ficção científica *Fahrenheit 451*, que ainda não saiu do papel. "Esse é o filme dos meus sonhos", conta Gibson. "Sei que não sou mais um garoto de vinte e poucos anos, mas também não estou tão velho assim para desistir de meus sonhos."

Claudio Castilho

(Payback, EUA, 1999) Direção: Brian Helgeland. Com Mel Gibson, Gregg Henry, Deborah Unger, David Paymer, James Coburn, Kris Kristofferson, Maria Bello, Lucy Alexis Liu. 101 minutos. www.paybackmovie.com



Fotos: Warner

DEPOIS DE VER A PRIMEIRA CÓPIA DO FILME, MEL GIBSON SUGERIU ALGUMAS MUDANÇAS AO DIRETOR BRIAN HELGELAND, QUE RECUSOU AS IMPOSIÇÕES DO ASTRO E FOI DEMITIDO



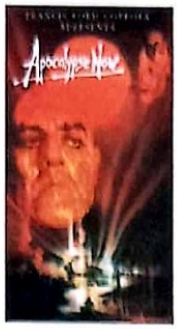
Atração fatal: Gibson e a novata Lucy Liu

100% VIDEO®

PREÇO DE SEDEX NÃO INCLUSO - PROMOÇÃO VÁLIDA ENQUANTO DURAR O ESTOQUE!



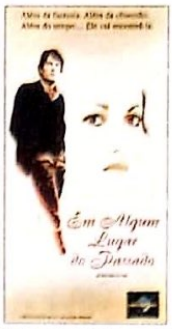
OS DEZ MANDAMENTOS *(LEG)*
(CIC) 24,90



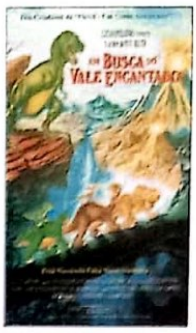
APOCALYPSE NOW
(LEG) (CIC) 15,90



BALTO *(DUB)*
(CIC) 15,90



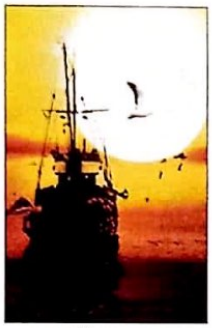
EM ALGUM LUGAR DO PASSADO *(LEG)*
(CIC) 15,90



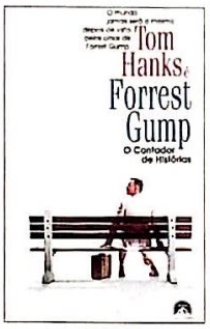
EM BUSCA DO VALE ENCANTADO VOL. 1 A 5 *(DUB)*
(CIC) 15,90 CADA



O FANTASMA DA ÓPERA *(LEG)*
(CIC) 15,90



FERNÃO CAPELO GAIVOTA *(LEG)*
(CIC) 15,90



FORREST GUMP - O CONTADOR DE HISTÓRIAS *(DUB/LEG)*
(CIC) 15,90



GHOST - DO OUTRO LADO DA VIDA *(LEG)*
(CIC) 15,90



GREASE - EDIÇÃO ESPECIAL 20 ANOS *(LEG)*
(CIC) 15,90



JORNADA NAS ESTRELAS *(LEG)*
Temos todos os títulos lançados no Brasil *(CIC)* 15,90



JURASSIC PARK - MUNDO PERDIDO
(DUB/LEG) (CIC) 15,90



MISSÃO IMPOSSÍVEL
(LEG) (CIC) 15,90



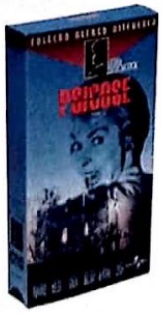
O DIA DO CHACAL *(LEG)*
(CIC) 15,90



O ÓLEO DE LORENZO
(LEG) (CIC) 15,90



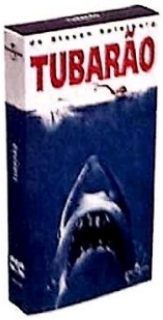
PERFUME DE MULHER
(LEG) (CIC) 15,90



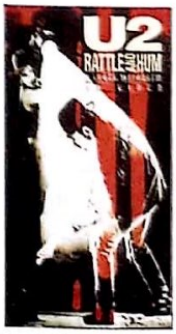
PSICOSE *(LEG)*
(CIC) 15,90



TOP GUN - ASES INDOMÁVEIS
(LEG) (CIC) 15,90



TUBARÃO *(LEG)*
(CIC) 15,90



U2 - RATTLE AND HUM
(LEG) (CIC) 15,90

Depto de Vendas: Av. Governador Pedro de Toledo 311 • CEP: 13070-152 • Campinas - SP
Fone/Fax: (019) 234-0709 **E-mail: cemvenda@100video.com.br**

100% VIDEO®

NÃO PERCA ESTA PROMOÇÃO!

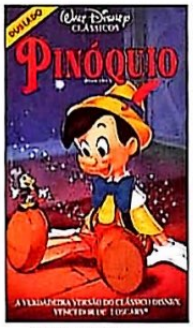
De 2ª a 6ª das 9:00 às 19:00hs
Sábado das 9:00 às 13:00hs



CENTRAL DO BRASIL *(EUROPA)* 64,90



OPERAÇÃO DRAGÃO - EDIÇÃO 25 ANOS *(DUB/LEG) (WARNER)* 29,90



PINOQUIO *(DUB) (ABRIL)* 29,90



ADVOGADO DO DIABO *(DUB/LEG) (WARNER)* 24,90



SERÁ QUE ELE É? *(LEG) (COLUMBIA)* 24,90



TRILOGIA GUERRA NAS ESTRELAS - Versão Original *(LEG) (ABRIL)* 3 Fitas - 24,90



2001 - UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO *(LEG) (WARNER)* 19,90



BLADE RUNNER - VERSÃO DO DIRETOR *(LEG) (WARNER)* 19,90



CASABLANCA - 50 ANOS *(LEG) (WARNER)* 19,90



LARANJA MECÂNICA *(LEG) (WARNER)* 19,90



MELHOR É IMPOSSÍVEL *(LEG) (COLUMBIA)* 19,90



O CARTEIRO E O POETA Filme + Livro *(LEG) (ABRIL)* 19,90



OS DOZE CONDENADOS *(LEG) (WARNER)* 19,90



SETE HOMENS E UM DESTINO *(LEG) (WARNER)* 19,90



DIRTY DANCING - RITMO QUENTE *(LEG) (FLASHSTAR)* 14,90

FORMAS DE PAGAMENTO

CHEQUE: nominal à **MULTI ENTRETENIMENTOS LTDA.** Anexar este cupom, devidamente preenchido e assinado, e enviar para: **100% VIDEO: AV. GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 311 CEP: 13070-152 CAMPINAS/SP**

CARTÃO DE CRÉDITO: preencher e assinar este cupom, e enviar para 100% VIDEO, via fax (019) 234-0709 ou pelo correio, no endereço acima.

NOME / RAZÃO SOCIAL:.....

RG / CGC:..... **CPF/INSC.ESTADUAL:**.....

ENDEREÇO:.....

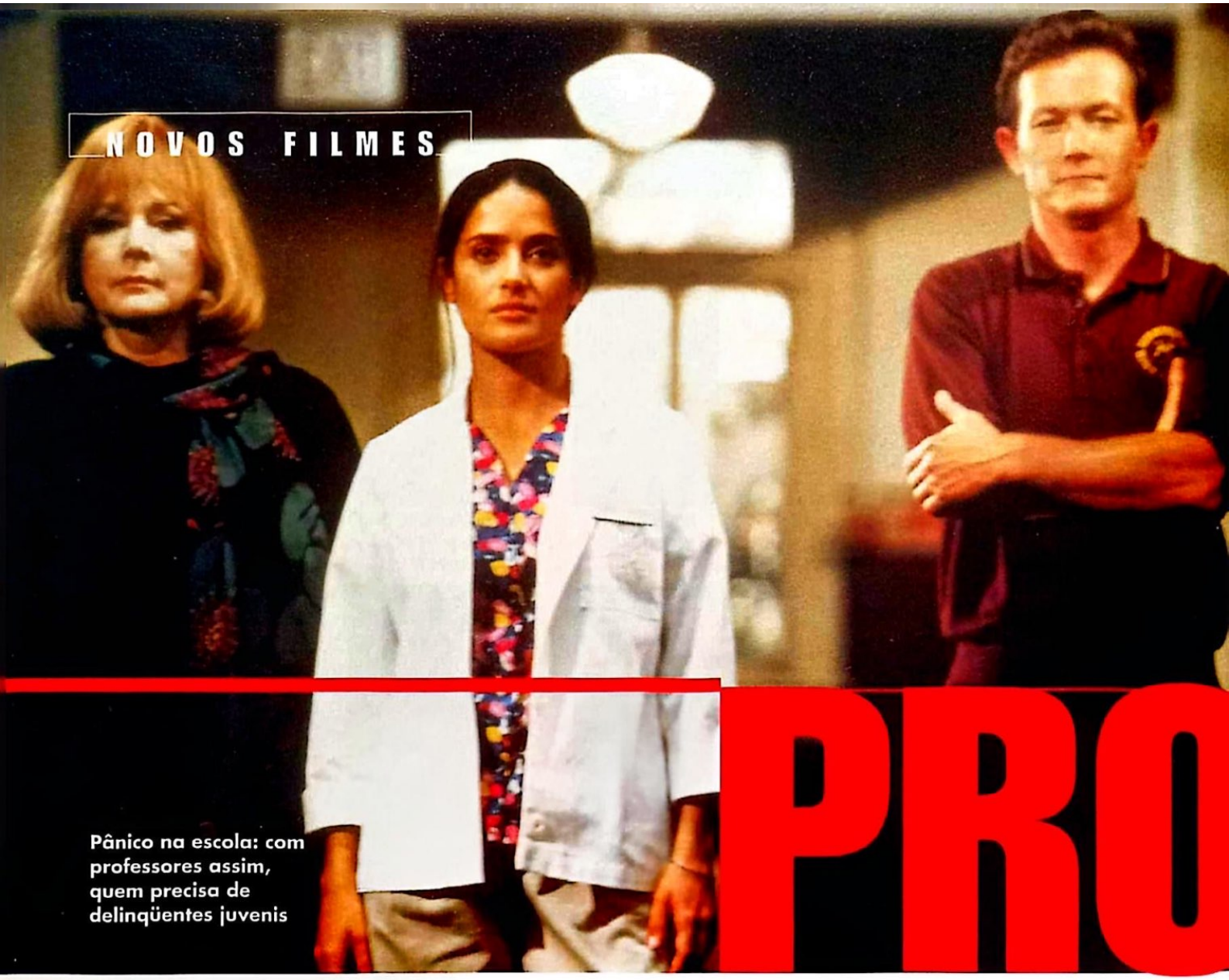
BAIRRO:..... **CIDADE:**..... **UF:**.....

CEP:..... **TELEFONE:**..... **FAX:**.....

☐ **VISA** ☐ **SOLLO / AMERICAN EXPRESS** ☐ **CREDICARD / DINNERS**

Nº DO CARTÃO:..... **VALIDADE:** .....

VALOR DO DÉBITO:..... **ASSINATURA:**



Pânico na escola: com professores assim, quem precisa de delinqüentes juvenis

PRO

A fórmula do terror para adolescentes começa a demonstrar sin

Quando o modesto *Pânico* chegou às telas em 1996 conseguiu um feito surpreendente: renovou o interesse das pessoas em filmes de terror, depois de anos confinados no mercado de vídeo, e provou aos executivos de Hollywood que gritos e sustos ainda poderiam render ótimos dividendos. Três anos depois, a fórmula do filme dirigido por Wes Craven dá provas de que funcionou bem demais. Até a exaustão, para falar a verdade. *Pânico* gerou uma série de clones defeituosos que, além da baixa qualidade, encheu a paciência do público (*veja boxe*). O resultado foi uma debandada geral dos cinemas – o que pode custar muito caro ao gênero.

O que os realizadores de *Pânico* fizeram, na verdade, foi requentar com muita habilidade os mesmos filmes de terror que transformaram o gênero em uma piada – como as séries *Sexta-Feira 13* e *A Hora do Pesadelo* – e embalar o resultado numa roupagem moderna para os adolescentes de hoje. Mais do que reinventar o gênero, porém, o filme revelou o roteirista superstar Kevin Williamson. Sua habilidade em costurar roteiros para lá de batidos (um assassino persegue um grupo de jovens e os mata um a um etc.) com diálogos lotados de referências da cultura pop o transformou em algo mais do que um simples roteirista: Williamson virou grife.

O que nos leva ao novo *Prova Final*, a esperadíssima reunião de Kevin Williamson com o cultuado diretor Robert Rodriguez, responsável pela aventura *A Balada do Pistoleiro* e pelo divertido *Um Drink no Inferno*. A Dimension, produtora do filme, apostou na tal "grife Kevin Williamson" e fez toda a campanha promocional em cima do roteirista, na esperança de atrair os mesmos adolescentes que fizeram de *Pânico* um sucesso.

A NOVA DEMI MOORE

Todas as peças estavam no lugar: os diálogos afiados, muito sangue, o elenco formado por jovens atores prestes a "acontecer" e mais figurinhas cultuadas pela molecada – como



VA FINAL

de cansaço nesta assustadora (mas não muito) ficção científica

Robert Patrick, o andróide T-1000 de *O Exterminador do Futuro 2*, e a sensual Salma Hayek, a vampira-mor de *Um Drink no Inferno*. Até Harry Knowles, o guru da Internet e "chapa" de Rodriguez, está no filme. Tudo no lugar para mais um sucesso, certo?

Errado. Do jeito que está, *Prova Final*, mesmo não sendo uma bomba completa, decepciona. Exageradamente contido, Robert Rodriguez trocou sua tradicional técnica frenética de contar uma história por um formato mais tradicional – prova de que a produtora queria mesmo vender o lucrativo nome de Kevin Williamson. O resultado é uma mistura de terror adolescente e ficção científica que bebe de uma dezena de fontes, do clássico *Vampiros de Almas* às teorias conspiratórias de *Arquivo X*. Nem o recente *Homens de Preto* escapa das citações.

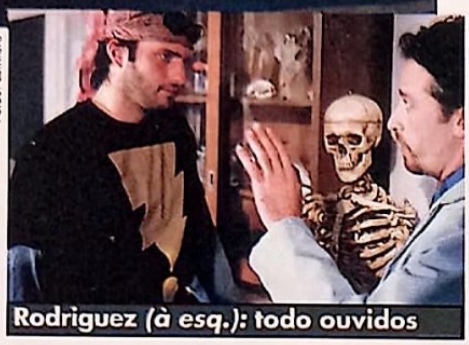
A história é assim: os professores de uma escola tipicamente americana são dominados por alienígenas que querem – óbvio – conquistar o mundo a partir de uma cidadezinha no meio-oeste americano. Alguns alunos mais espertos (o nerd, o rebelde, a novata...) descobrem a trama e tratam de eliminar a ameaça espacial – e que delícia deve ser enfiar uma caneta bem no olho daquele professor chato que vive pegando no seu pé, não?

Não faltam brincadeiras com dezenas de filmes de terror e ficção, sustos em abundância, aliens asquerosos (inclusive o infalível monstrão final) e a revelação de uma beldade chamada Jordana Brewster, que faz a bonitona da escola. Jordana, por sinal, é brasileira, teve uma ponta no filme *Super-Xuxa Contra o Baixo Astral* e iniciou sua carreira nos EUA na televisão. Capa de várias revistas, a moça está sendo considerada a nova Demi Moore do cinema americano.

Mas nada foi o bastante para fazer de *Prova Final* um sucesso: o filme estacionou em decepcionantes 40 milhões de dólares (tanto *Pânico* quanto sua continuação ultrapassaram a marca dos 100 milhões só nos Estados Unidos), provando que a tal fórmula já está desgastada – →



Caça-alienígenas: estudantes desmascaram ETs do mal



Fotos: Lumiere

Rodriguez (*à esq.*): todo ouvidos

bem como o nome de Williamson. Apesar disso, não pode ser considerado um fracasso, já que custou apenas 15 milhões. Uma continuação, por outro lado, está descartada.

O filme chegou aos cinemas americanos no final do ano passado, batendo de frente com pesos pesados como *A Civil Action* (drama com John Travolta), *Lado a Lado* (drama com Julia Roberts e Susan Sarandon) e *Além da Linha Vermelha* (drama de guerra com um elenco estelar) e se deu mal, sendo totalmente ignorado pelos adolescentes, que, em teoria, deveriam lotar os cinemas para ver a única produção despretensiosa da temporada. Se nada for feito até o ano que vem, o terror vai ter um triste fim neste final de século.

Roberto Sadovski
Ricardo Matsumoto

(The Faculty, EUA, 1999) **Direção**: *Robert Rodriguez.* **Com** *Jordana Brewster, Josh Hartnett, Elijah Wood, Clea DuVall, Shawn Hatosy, Robert Patrick, Laura Harris, Salma Hayek, Piper Laurie, Famke Janssen, Bebe Neuwirth, Christopher McDonald, Jon Stewart, Harry Knowles. 104 min.*

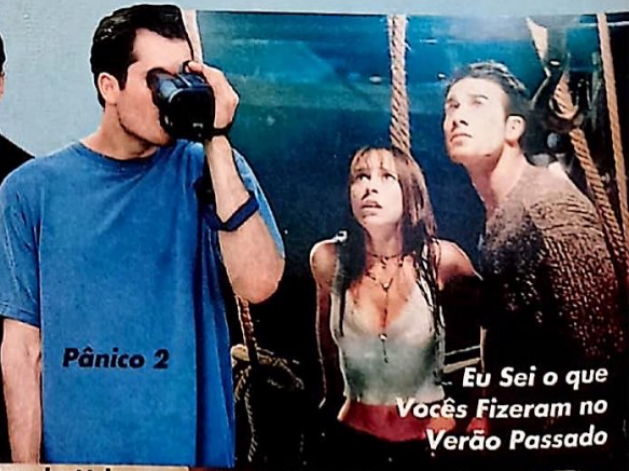
O TERROR que não sai da adolescência

Será que os engravatados de Hollywood acreditam que só adolescentes assistem a filmes de terror? Se for julgada a produção do gênero dos últimos anos, a resposta é sim. Para cada maravilha como o asfixiante *O Aprendiz*, somos bombardeados com bobagens que seguem religiosamente a cartilha de – mais uma vez – *Pânico*. Além do óbvio *Pânico 2* (que finalmente chegou aos cinemas brasileiros depois de mais de um ano no estaleiro), fomos brindados com *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado* (também com roteiro de Kevin Williamson), sua continuação *Eu Ainda Sei...*, *Lenda Urbana*, *Comportamento Suspeito* (leia mais em *Novos Filmes*) e o próprio *Prova Final*. Nem os clássicos da matança desenfreada escaparam da "modernização": para dar sinal verde a *Halloween: H20*, os produtores trataram de colocar a veterana Jamie Lee Curtis ao lado de carinhas novas, como Josh Hartnett (que também está em *Prova Final*) e Michelle Williams (da série de TV *Dawson's Creek*).

Mas é bom que alguém apareça rapidinho com uma nova "revolução" para os filmes de terror, já que a onda causada pela produção encabeçada por Neve Campbell e Courteney Cox está na últimas – as mais recentes produções dessa linha de montagem, *Prova Final* e *Eu Ainda Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado*, estacionaram em bilheterias bem abaixo das expectativas. E o próprio guru dessa "nova era", o roteirista Kevin Williamson, parece ter perdido o *timing*: sua estréia como diretor em *Killing Mrs. Tingle*, que deve sair este ano, é mais um terror adolescente. Parece que o gênero não vai perder as espinhas no rosto tão cedo.



Halloween: H20



Pânico 2

Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado

Fotos: Divulgação



Lenda Urbana



Um Lobisomem Americano em Paris

A verdadeira alma do Blues.

Por apenas R$ 8,50 + CD GRÁTIS!





Sinta na alma os acordes mais poderosos do Blues. Dos lamentos dos escravos aos palcos planetários. Histórias, lendas e mitos. E muito mais. Afinal, Blues não é estilo. É estado de espírito.

REVISTA SHOWBIZZ

Garanta a sua.
Dia 25/02 nas bancas.

Abril

Fotos: Columbia Buena Vista



Fuga alucinante: o herói é perseguido em trajes sumários

inimigo do esta

Will Smith é um sujeito comum envolvido em uma conspiração ne

Você está sendo vigiado e não desconfia de nada. Seu telefone está grampeado, há microcâmeras espalhadas pela sua casa e satélites monitoram todos os seus passos. Paranóia? Muito pelo contrário. Com um ótimo roteiro, uma direção segura e a presença do carismático Will Smith, *Inimigo do Estado* mostra que tudo é possível com a tecnologia da espionagem – basta morar nos Estados Unidos, onde conspirações parecem pipocar em cada esquina.



Smith encontra Hackman: explicações

Smith é Robert Clayton Dean, um advogado bem-sucedido, bem casado e pai de um garoto adorável. Sua vida caminha na mais perfeita paz até que ele, acidentalmente, se mete no meio de uma conspiração envolvendo um figurão da Agência de Segurança Nacional, Thomas Brian Reynolds (Jon Voight). Ele passa a ser perseguido porque carrega, sem saber, um disquete que mostra o envolvimento de Reynolds no assassinato de um congressista (Jason Robards, numa aparição rápida e não creditada).

A partir daí, a vida de Dean começa a ruir. Ele perde o emprego, seus cartões de crédito são cancelados e é até acusado de trair a mulher. O pior: todos estão atrás de algo que ele não faz idéia do que seja. O mistério permanece até aparecer o enigmático Brill (Gene Hackman), que revela possuir conhecimentos sobre o serviço secreto e tenta explicar a Dean a razão de sua cabeça estar a prêmio.

Dirigido por Tony Scott e produzido por Jerry Bruckheimer (a dupla trabalhou em *Top Gun*, *Um Tira da Pesada 2*, *Dias de Trovão* e *Maré Vermelha*), *Inimigo do Estado* é um thriller empolgante. Tudo funciona com uma precisão invejável, mesmo que



do

e thriller emocionante

o roteiro esteja ancorado a um argumento para lá de batido. Apesar disso, é fácil imaginar-se no lugar de Dean, um pobre coitado perseguido por um exército de agentes altamente treinados, afinal de contas é Will Smith – que caçou alienígenas com uma naturalidade absurda em *Homens de Preto* – que está lá tentando salvar sua pele. E não há como negar que, com ele, tudo fica muito mais divertido.

Ricardo Matsumoto

(Enemy of the State, EUA, 1998) Direção: Tony Scott. Com Will Smith, Gene Hackman, Jon Voight, Lisa Bonet, Regina King, Jake Busey, Jason Lee, Jack Black, Barry Pepper, Gabriel Byrne. 132 min.
www.enemyofthestate.com

VIDAS EM JOGO

Nada é o que parece quando se participa de uma brincadeira que pode se tornar mortal

Valeu a pena esperar mais de um ano até que *Vidas em Jogo* estreasse no Brasil: o filme é simplesmente genial. Sua trama consegue envolver tão bem que é impossível não se surpreender com as reviravoltas do enredo. O megaempresário Nicholas Van Orton (Michael Douglas) é um homem sem emoções atormentado por uma tragédia familiar. Sua vida é tediosa e voltada para os negócios. Tudo muda quando seu irmão Conrad (Sean Penn) lhe dá um estranho presente de aniversário: a chance de participar de um misterioso jogo organizado pela Consumer Recreation Products, uma empresa de propósitos misteriosos.

Intrigado e em busca de experiências diferentes, Van Orton acaba topando entrar na brincadeira, mesmo sem entender direito seu funcionamento. A única coisa que ele sabe é que o jogo pode começar a qualquer momento e de maneira surpreendente. De repente, o ricaço se envolve nas mais insólitas situações – tudo aparentemente arquitetado pela empresa que oferece o serviço. Mas a coisa fica séria e sua vida parece realmente correr perigo. O espectador acompanha os passos do empresário, que fica perdido entre o que é real e o que foi forjado pela empresa.

Em pouco mais de duas horas, *Vidas em Jogo* prova que existe vida inteligente no cinema. É, sem dúvida, uma verdadeira aula de como conduzir uma história de maneira brilhante. O final pode não agradar a todos, mas não compromete o resultado. Ainda mais para um público acostumado a ver tantos filmes ruins na telona.

(The Game, EUA, 1997) Direção: David Fincher. Com Michael Douglas, Sean Penn, Deborah Unger, James Rebhorn, Peter Donat, Carroll Baker, Anna Katarina, Armin Mueller-Stahl. 128 min.

Fox



Chave misteriosa: Douglas descobre o primeiro item do jogo

Humor negro e Cameron Diaz são os atrativos de Uma Loucura de Casamento


Top Tape

Amigos reunidos: despedida de morte

UMA LOUCURA DE CASAMENTO

Cameron Diaz parece que é mesmo chegada no humor negro. Depois de estrelar *Por uma Vida Menos Ordinária* e o megassucesso *Quem Vai Ficar com Mary?*, ela mergulha novamente no gênero ao lado de Christian Slater. Kyle Fisher (Jon Favreau, de *Swingers*) vai se casar com Mary, ou melhor, com Laura Garrety (Cameron Diaz). Antes, ele é convencido pelos amigos a participar de uma despedida de solteiro de arromba. O problema é que, durante a festança, uma garota morre acidentalmente nos braços de um dos amigos de Fisher. Está armada a confusão.

(Very Bad Things, EUA, 1998) ***Direção:*** *Peter Berg.* ***Com*** *Cameron Diaz, Christian Slater, Daniel Stern, Jon Favreau, Jeremy Piven, Jeanne Tripplehorn, Leland Orser. 101 min. www.verybadthings.com*

VOLTA POR CIMA

Holly Hunter e Danny DeVito vivem momentos difíceis neste drama com toques de comédia. Judith Nelson (Hunter) é uma ex-estudante de medicina recém-divorciada. Seu marido, que era médico, deixou-a justamente por uma colega de profissão. Arrasada, ela tenta recomeçar sua vida, sozinha e abandonada no luxuoso apartamento em Nova York que o casal dividia. Isso até conhecer Pat Francato (DeVito), o zelador do prédio. Mergulhado em dívidas, Francato sofre pela morte trágica da filha, mas a amargura que domina o ambiente não resiste à amizade que surge entre os dois. Destaque para as boas interpretações da dupla central.

(Living Out Loud, EUA, 1998) ***Direção:*** *Richard LaGravenese.* ***Com*** *Holly Hunter, Danny DeVito, Queen Latifah, Martin Donovan, Elias Koteas. 99 min. www.livingoutloudmovie.com*

COMPORTAMENTO SUSPEITO

Uma cidade em busca da perfeição é o palco deste assustador filme de terror adolescente

Logo nas primeiras cenas de *Comportamento Suspeito*, algo parece familiar – especialmente aos fãs da série *Arquivo X*. O clima, a música de fundo, as tomadas de câmera. A similaridade, no entanto, não é mera coincidência. Este mais novo exemplar do gênero "terror adolescente" é o primeiro trabalho no cinema de David Nutter, que dirigiu vários episódios do programa.

Nutter topou pegar o fraco roteiro de Scott Rosenberg (de *Con Air*), chamou seus colegas de *Arquivo X* – o compositor Mark Snow e o diretor de fotografia John Bartley – e mandou ver. O resultado é uma espécie de episódio especial da série: bem-feito, intrigante em alguns momentos, mas com uma história irregular.

Katie Holmes (da série *Dawson's Creek*) vive Rachel, uma adolescente rebelde que se envolve com Steve (James Marsden, outro ator de TV), um jovem que se muda com a família para a pacata Cradle Bay depois da morte de seu irmão. Modelo de bom comportamento adolescente, a cidade mantém as aparências escondendo um terrível segredo – e cabe à dupla desvendá-lo. O filme ainda conta com o veterano ator William Sadler (de *Duro de Matar 2*) no papel de um faxineiro obcecado por ratos – um alívio cômico em um filme de sustos certeiros.

(Disturbing Behavior, EUA, 1998) ***Direção:*** *David Nutter.* ***Com*** *Katie Holmes, James Marsden, Nick Stahl, Bruce Greenwood, William Sadler, Steve Railsback. 84 min. www.disturbing-behavior.com*


Columbia TriStar

Rebeldes com causa: Katie Holmes e seu estranho amigo

Números atrasados

Nº 1



Nº 2



Nº 3



Se você não comprou estas edições de Família Aventura na banca, indique no cupom os exemplares que você deseja e envie anexo um cheque nominal à Ed. Peixes Ltda. com o valor total de seu pedido.

Rua Helena, 260, 4º andar — CEP: 04552-050 — São Paulo, SP

Nome:.....

Endereço:.....

Bairro:.....

Cidade:..... UF.....CEP.....

Telefone: ..... e-mail:.....

☐ Nº 1 – Novembro 1998 – R$ 5,90

☐ Nº 2 – Janeiro 1999 – R$ 5,90

☐ Nº 3 – Fevereiro 1999 – R$ 5,90

Total..... – R$ .....

Fotos: Divulgação



o resgate



soldado ryan



osca

a vida é





cent

além da linha vermelha



99

Batalhas travadas durante a Segunda Guerra Mundial, tragédias e comédias ambientadas na Inglaterra do século 16, outro filme sobre o Holocausto e, no meio disso tudo, um pouquinho de Brasil. Com todos esses ingredientes, a festa deste ano promete ser a mais eclética da década. Façam suas apostas



shake a perna brasil

read



UIP



Fox

elizabeth

O indiano Shekhar Kapur, preterido na indicação a diretor, transformou sua vigorosa, estética e inusitada biografia da lendária rainha Elizabeth I – que governou com mão de ferro e inteligência a Inglaterra na segunda metade do século 16 – em um dos azarões da competição, repetindo o feito de *Ou Tudo ou Nada*. A produção inglesa somou sete indicações.



a vida é bela

A megacampanha de divulgação que o cineasta italiano Roberto Benigni promoveu na América para o lançamento de *A Vida É Bela* já pode ser considerada um sucesso com as sete indicações (inclusive a de filme estrangeiro) recebidas para sua fábula contra a guerra e o sofrimento nos campos de concentração – um recorde para produções de língua não-inglesa.



Lumiere



Desde seu lançamento, em plena temporada de verão nos EUA, *O Resgate do Soldado Ryan* já era considerado um dos favoritos na disputa pela estatueta. A reconstituição ultra-realista do desembarque das tropas americanas nas praias da Normandia – episódio conhecido como Dia D, porque foi o primeiro passo para a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial –, o treinamento "militar" dos atores sob a supervisão de um veterano de guerra, o orçamento relativamente modesto (65 milhões de dólares) e o perfeccionismo cruel de Steven Spielberg deram o que falar. Depois de conquistar o Globo de Ouro, contabilizar outras dez indicações e reestrear lá e aqui no Brasil repetindo o grande sucesso, seu favoritismo continua imbatível.

o resgate do soldado ryan



UIP

shakespeare apaixonado

Na Londres do final do século 16, o jovem William Shakespeare sofre um bloqueio criativo, apaixona-se pela aspirante a atriz Viola, recupera a verve e escreve *Romeu e Julieta*. O delicioso "mote" alimenta *Shakespeare Apaixonado*, que fez bonito no Globo de Ouro e surpreendeu com treze indicações (uma a menos que os recordistas *A Malvada* e *Titanic*, com quatorze cada). Com uma bela resposta do público nas bilheterias, será que teremos mais surpresas?

além da linha vermelha

De novo a Segunda Guerra Mundial, mas agora no Pacífico Sul, local da batalha de Guadalcanal, travada entre americanos e japoneses. O elenco de astros tornou ainda mais badalada a volta de Terrence Malick à direção (após vinte anos de reclusão) com este drama de guerra violento e lírico, que transforma o conflito num verdadeiro poema. A crítica americana torceu o nariz e se dividiu, mas a Academia o reverenciou com sete indicações.



Fox

melhor diretor


UIP

peter weir

o show de truman

A indicação do australiano Peter Weir tem sabor de prêmio de consolação, já que o badalado *O Show de Truman*, uma curiosa e opressora encenação dos poderes de manipulação da mídia na sociedade americana, obteve apenas três indicações – nenhuma delas por melhor filme ou ator para Jim Carrey, vencedor do Globo de Ouro. Indicações anteriores: melhor roteiro original por *Green Card;* melhor diretor por *A Testemunha* e *Sociedade dos Poetas Mortos.*

terrence malick

além da linha vermelha

O realizador de *Terra de Ninguém* e *Cinzas do Paraíso* saiu de vinte anos de reclusão para adaptar o romance de James Jones, um retrato contundente e virtuosístico da guerra, com *Além da Linha Vermelha*. Os papéis para o filme foram disputados a tapa pelos ídolos de Hollywood, sinal de seu consolidado e ainda imenso prestígio. Será que a Academia vai endossá-lo?


Fox


Gamma

john madden

shakespeare apaixonado

É bem possível que, às vésperas de completar cinqüenta anos, o diretor inglês John Madden receba um presente inesperado. Conhecido do público brasileiro por projetos mais modestos, como *Ethan Frome – Um Amor para Sempre* e *Sua Majestade, Mrs. Brown*, ele acertou a mão na comédia romântica *Shakespeare Apaixonado*. A sorte está lançada.



roberto benigni

a vida é bela

No último Festival de Cannes, ao receber o Grande Prêmio do Júri para *A Vida É Bela* das mãos de Martin Scorsese, o italiano Roberto Benigni não se fez de rogado, caiu de joelhos em reverência ao cineasta Ítalo-americano e transformou a cerimônia numa grande festa. Dá para imaginar o que pode acontecer se a Academia decidir premiá-lo?


Lumière

steven spielberg

o resgate do soldado ryan



Desde sua primeira indicação por *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, em 78, passando por sucessos de bilheteria como *E.T.* e *Caçadores da Arca Perdida*, que Steven Spielberg foi solene e repetidamente ignorado pela Academia, a ponto de receber um Oscar especial pelo conjunto de sua obra sete anos antes de, finalmente, ser reconhecido com os prêmios de *A Lista de Schindler*. Agora, vinte anos após sua primeira indicação, o mais bem-sucedido diretor de Hollywood tem tudo para repetir a façanha de cinco anos atrás com *O Resgate do Soldado Ryan*, filme dedicado a seu pai, Arnold, que lutou na Segunda Guerra em Burma, como encarregado de rádio. Prêmio anterior: melhor diretor por *A Lista de Schindler*. Indicações anteriores: melhor diretor por *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, *Caçadores da Arca Perdida* e *E.T.*

melhor ator

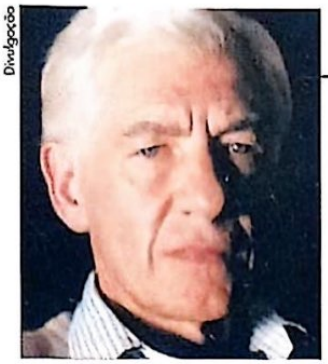


UIP

tom hanks

o resgate do soldado ryan

Depois de anos fazendo comédias descerebradas para adolescentes, Tom Hanks conseguiu sua primeira indicação com o sensível *Quero Ser Grande*. Mas sua consagração veio com as duas estatuetas recebidas por *Filadélfia* e *Forrest Gump* – que lhe permitiram igualar o recorde do astro Spencer Tracy. Como resultado, Hanks conseguiu realizar o simpático *The Wonders – O Sonho Não Acabou* e o milionário seriado televisivo *Da Terra à Lua* como bem entendesse. Agora, com sua composição contida e minimalista para o sisudo capitão John Miller, o protagonista de *O Resgate do Soldado Ryan*, Tom Hanks pode ser o primeiro ator em toda a história da Academia a acumular três Oscar. Aí, nem o céu é o limite. Indicação anterior: melhor ator por *Quero Ser Grande*. Prêmios anteriores: melhor ator por *Filadélfia* e *Forrest Gump*.


Divulgação

ian mckellen

gods and monsters

Na pele do cineasta americano James Whale, diretor do clássico do terror *Frankenstein*, e ousado o suficiente para assumir sua condição de homossexual na conservadora Hollywood dos anos 40 e 50, o shakespeariano inglês Ian McKellen (de *Ricardo III*) parece ser o único a ameaçar o favoritismo de Tom Hanks com sua atuação em *Gods and Monsters*.

nick nolte

temporada de caça

Como o alucinado policial da pequena New Hampshire, que vê na misteriosa morte de um morador a chance de sair da mediocridade e obscuridade de sua vida, Nick Nolte conquistou sua segunda (e merecida) indicação, devidamente amparado pela competência de Paul Schrader na direção do drama *Temporada de Caça*. Indicação anterior: melhor ator por *O Príncipe das Marés*.


Europa


Divulgação

edward norton

american history x

Jim Carrey foi pego de surpresa pela surpreendente indicação de Edward Norton, um dos queridinhos de Hollywood desde sua estréia em *As Duas Faces de um Crime*. Em *American History X*, Norton interpreta um neonazista convicto condenado a três anos de prisão e preocupado com o destino de seu irmão caçula. Indicação anterior: melhor ator coadjuvante por *As Duas Faces de um Crime*.

roberto benigni

a vida é bela

Quem diria que *O Filho da Pantera Cor-de-Rosa*, também conhecido como *O Pequeno Diabo* ou *Johnny Stecchino*, dono de um estilo de humor pastelão bem ao gosto do cinema italiano, poderia quebrar recordes e se qualificar na disputa pelo Oscar? Todos eles são um só: Roberto Benigni, o azarão por trás da aguda e inteligente crítica ao nazismo de *A Vida É Bela*.


Lumiere

melhor atriz

cate blanchett

elizabeth

Ela pode surpreender já em seu segundo papel como protagonista, logo após sua elogiada atuação em *Oscar e Lucinda*. Interpretando a polêmica e lendária rainha Elizabeth I em sua juventude, quando assumiu o trono aos 23 anos, Cate Blanchett conquistou o Globo de Ouro de melhor atriz na categoria drama, respeitável antecedente na disputa pelo Oscar. Levar a estatueta para a Austrália não seria nada mau para esta jovem atriz, colecionadora dos mais prestigiados prêmios de teatro em sua terra natal, que cresceu aos olhos de Hollywood depois de participar do drama feminino *Um Canto de Esperança*, ao lado de atrizes premiadas como Glenn Close e Frances McDormand.





gwyneth paltrow

shakespeare apaixonado

Primeiro foi a premiação com o Globo de Ouro, agora só falta mesmo o Oscar para coroar a bem-sucedida carreira da ex-namorada de Brad Pitt e Ben Affleck. Sua corajosa, delicada e determinada Viola – que chega a se vestir de homem para poder atuar, um privilégio à época negado às mulheres – é o objeto do desejo e musa inspiradora do jovem bardo de *Shakespeare Apaixonado*. Uma atuação que deixa a atriz mais próxima da estatueta.



emily watson

hilary and jackie

Depois de estrear no cinema com uma indicação ao Oscar por *Ondas do Destino*, Emily Watson fez parceria com Daniel Day-Lewis em *O Lutador* e agora repete a façanha mais uma vez com sua performance como Jacqueline du Pré, violoncelista de grande sucesso que tem uma relação tumultuada com a irmã no também inglês *Hilary and Jackie*. Indicação anterior: melhor atriz por *Ondas do Destino*.





Fox



Lumiere

fernanda montenegro

central do brasil

Em toda a história da Academia, apenas Sophia Loren conseguiu ganhar um Oscar por um filme de língua não-inglesa. Fernanda Montenegro, a primeira atriz latino-americana a ser indicada na categoria, pode repetir o feito com *Central do Brasil*. A imprensa americana colocou Fernanda no páreo, mesmo que uma bolsa de apostas hollywoodiana tenha seu nome em último colocado entre as indicadas. Nada, é claro, que vá abalar a torcida para a consagrada atriz, que declarou ao saber da indicação: "Estou me sentindo como a mãe da noiva, ou como a própria noiva, talvez".

meryl streep

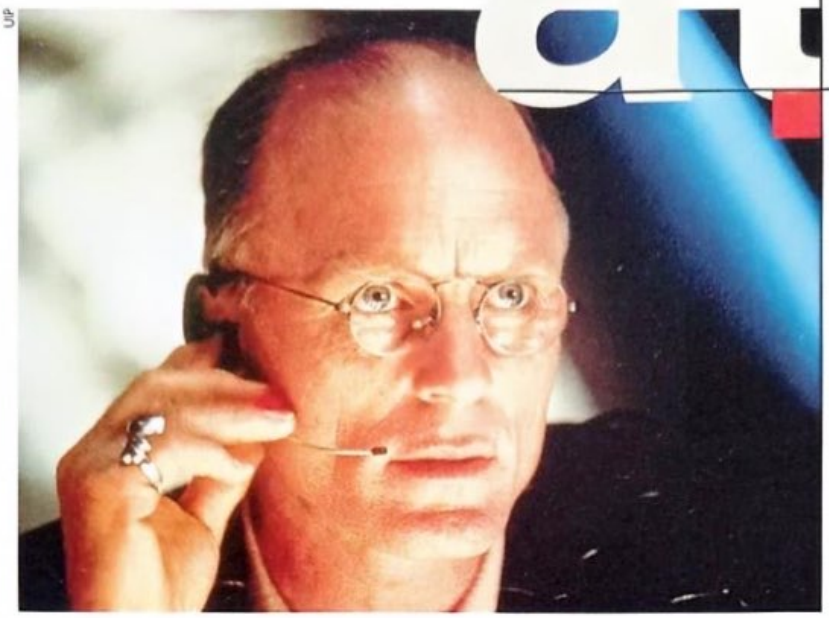
one true thing

Falta apenas uma para Meryl Streep igualar o recorde de doze indicações de Katharine Hepburn. Com o drama *Um Amor Verdadeiro*, no qual interpreta uma dedicada mãe sofrendo de câncer, ela empatou com Jack Nicholson e suas onze indicações ao Oscar. Prêmios anteriores: melhor atriz coadjuvante por *Kramer vs. Kramer* e melhor atriz por *A Escolha de Sofia*. Indicações anteriores: melhor atriz por *A Mulher do Tenente Francês*, *Silkwood*, *Entre Dois Amores*, *Ironweed*, *Um Grito na Escuridão*, *Lembranças de Hollywood* e *As Pontes de Madison;* e melhor atriz coadjuvante por *O Franco Atirador*.



UIP

melhor coadjuvante


UIP

ed harris
o show de truman

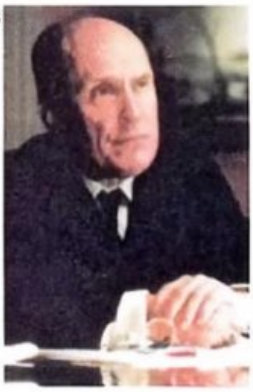
A conquista do Globo de Ouro dá uma leve vantagem para Ed Harris na disputa pelo Oscar com o emblemático papel de alter-ego do diretor Peter Weir em *O Show de Truman*. A inesperada queda nas apostas e indicações ao filme, porém, acabaram diminuindo seu favoritismo. Indicação anterior: melhor ator coadjuvante por *Apollo 13*.

geoffrey rush
shakespeare apaixonado



Depois de receber o Oscar por *Shine – Brilhante*, o australiano Geoffrey Rush transformou-se em ator cultuado, daqueles que dão prestígio a qualquer produção. Em *Shakespeare Apaixonado*, o reconhecimento de sua atuação como o empresário mercenário do jovem dramaturgo reafirma esse prestígio. Prêmio anterior: melhor ator por *Shine – Brilhante*.

robert duvall
a civil action


UIP

Como o advogado de defesa de uma empresa acusada da morte de uma criança, Robert Duvall recebe nova indicação ao Oscar com *A Civil Action*, um intenso drama de tribunal. Prêmio anterior: melhor ator por *A Força do Carinho*. Indicações anteriores: melhor ator por *O Dom da Fúria* e *O Apóstolo*; melhor ator coadjuvante por *O Poderoso Chefão* e *Apocalypse Now*.



billy bob thornton
a simple plan

Ele foi "descoberto" em *Na Corda Bamba* e foi um dos protagonistas do maior sucesso do ano passado, *Armageddon*. Mas Billy Bob Thornton corre por fora nesse páreo por sua composição de Jacob Mitchell, o irmão de Bill Paxton em *A Simple Plan*. Prêmio anterior: melhor roteiro adaptado por *Na Corda Bamba*. Indicação anterior: melhor ator por *Na Corda Bamba*.


Divulgação

james coburn
affliction

Como o violento e zangado Glen Whitehouse, pai severo e assustador do pacato policial interpretado por Nick Nolte em *Temporada de Caça*, James Coburn faz dobradinha com seu protagonista nas indicações a ator. "Isso significa que depois de cem filmes, eu finalmente consegui acertar um", comentou o veterano Coburn ao saber da indicação.


Europa

brenda blethyn

little voice



Depois de conquistar vários prêmios internacionais com *Segredos e Mentiras*, a inglesa Blenda Blethyn volta a concorrer a uma estatueta com o delicado *Little Voice*, no papel da mãe relapsa e falastrona de uma encantadora jovem com inegável talento para o canto à procura de sua própria voz. Indicação anterior: melhor atriz por *Segredos e Mentiras*.

kathy bates

segredos do poder



Ela está mesmo impagável como a estrategista política incorruptível e assumidamente lésbica que vem socorrer a campanha do candidato à Presidência americana interpretado por John Travolta no polêmico *Segredos do Poder*. Kathy Bates tem a vantagem de ser a única americana indicada nesta categoria. Prêmio anterior: melhor atriz por *Louca Obsessão*.

rachel griffiths

hilary and jackie

Ela foi a amiga salvadora de Toni Collete em *O Casamento de Muriel* e uma das parentes fofoqueiras de Cameron Diaz em *O Casamento do Meu Melhor Amigo*. Parecida com Juliette Lewis e Juliete Binoche, ela recebeu elogios rasgados da crítica para sua atuação como a flautista Hilary du Pré de *Hilary and Jackie*.



lynn redgrave

gods and monsters

Irmã de Vanessa, Lynn Redgrave recebeu o Globo de Ouro por sua performance como a governanta dedicada e moralista do cineasta James Whale em *Gods and Monsters*. Numa categoria sem favoritismos, o prêmio pode lhe dar uma leve vantagem em relação às outras indicadas. Indicação anterior: melhor atriz por *Georgy, a Feiticeira*.



judi dench

shakespeare apaixonado

Mais conhecida como a diretora do Serviço Secreto Inglês da série *James Bond*, a inglesa Judi Dench colecionou prêmios com *Sua Majestade, Mrs. Brown*, e agora ganha nova indicação no papel da rainha Elizabeth em *Shakespeare Apaixonado* – cuidado para não confundir com a Elizabeth no páreo de melhor atriz! Indicação anterior: melhor atriz por *Sua Majestade, Mrs. Brown*.



filme estrangeiro

★ *Central do Brasil* (*Central Station*), de Walter Salles – Brasil ★ *Bacheha-Ye Aseman* (*Children of Heaven*), de Majid Majidi – Irã ★ *El Abuelo* (*The Grandfather*), de José Luis Garci – Espanha ★ *A Vida É Bela* (*Life is Beautiful*), de Roberto Benigni – Itália ★ *Tango* (*Tango*), de Carlos Saura – Argentina

roteiro original

★ *Politicamente Incorreto*, por Warren Beatty e Jeremy Pikser ★ *A Vida É Bela*, por Vicenzo Serami e Roberto Benigni ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por Robert Rodat ★ *Shakespeare Apaixonado*, por Marc Norman e Tom Stoppard ★ *O Show de Truman*, por Andrew Niccol

roteiro adaptado

Gods and Monsters, por Bill Condon ★ *Irresistível Paixão*, por Scott Frank ★ *Segredos do Poder*, de Elaine May ★ *A Simple Plan*, por Scott B. Smith ★ *Além da Linha Vermelha*, por Terrence Malick

Fox







fotografia

★ *A Civil Action*, por Conrad L. Hall ★ *Elizabeth*, por Remi Adefarasin ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por Janusz Kaminski ★ *Shakespeare Apaixonado*, por Richard Greatrex ★ *Além da Linha Vermelha*, por John Toll

montagem

★ *A Vida É Bela*, por Simona Paggi ★ *Irresistível Paixão*, por Anne V. Coates ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por Michael Kahn ★ *Shakespeare Apaixonado*, por David Gamble ★ *Além da Linha Vermelha*, por Billy Weber, Leslie Jones e Saar Klein

direção de arte & cenários

★ *Elizabeth*, por John Myhre e Peter Howitt ★ *A Vida em Preto e Branco*, por Jeannine Oppewall e Jay Hart ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por Tom Sanders e Lisa Dean Kavanaugh ★ *Shakespeare Apaixonado*, por Martin Childs e Jill Quertier ★ *Amor Além da Vida*, por Eugenio Zanetti e Cindy Carr

figurino

★ *Bem Amada*, por Coleen Atwood ★ *Elizabeth*, por Alexandra Byrne ★ *A Vida em Preto e Branco*, por Judianna Makovsky ★ *Shakespeare Apaixonado*, por Sandy Powell ★ *Velvet Goldmine*, por Sandy Powell

maquiagem

★ *Elizabeth*, por Jenny Shircore ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por Lois Burwell, Conor O'Sullivan e Daniel C. Striepeke ★ *Shakespeare Apaixonado*, por Lisa Westcott e Veronica Brebner

documentário

★ *Dancemaker*, de Matthew Diamond e Jerry Kupfer ★ *The Farm: Angola, USA*, de Jonathan Stack e Liz Garbus ★ *The Last Days*, de James Moll e Ken Lipper ★ *Lenny Bruce: Swear to Tell the Truth*, de Robert B. Weide ★ *Regret to Inform*, de Barbara Sonneborn e Janet Cole





Poderoso Joe

Columbia Buena Vista

documentário – curta

The Personals: Improvisations on Romance in the Golden Years, de Keiko Ibi ★ *A Place in the Land*, de Charles Guggenheim ★ *Sunrise over Tiananmen Square*, de Shui-Bo Wang e Donald McWilliams

trilha sonora – drama

★ *Elizabeth*, por David Hirschfelder ★ *A Vida É Bela*, por Nicola Piovani ★ *A Vida em Preto e Branco*, por Randy Newman ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por John Williams ★ *Além da Linha Vermelha*, por Hans Zimmer

trilha – musical ou comédia

★ *Vida de Inseto*, por Randy Newman ★ *Mulan*, por Matthew Wilder, David Zippel e Jerry Goldsmith ★ *Patch Adams – O Amor É Contagioso*, por Marc Shaiman ★ *O Príncipe do Egito*, por Stephen Schwartz e Hans Zimmer *Shakespeare Apaixonado*, por Stephen Warbeck

canção

★ "I Don't Want to Miss a Thing" (*Armageddon*), de Diane Warren ★ "The Prayer" (*A Espada Mágica*), de Carole Bayer Sager, David Foster, Tony Renis e Alberto Testa ★ "A Soft Place to Fall" (*O Encantador de Cavalos*), de Allison Moorer e Gwil Owen ★ "That'll Do" (*Babe – O Porquinho Atrapalhado na Cidade*), de Randy Newman · 'When You Believe" (*O Príncipe do Egito*), de Stephen Schwartz

efeitos sonoros

★ *Armageddon*, por George Watters II ★ *A Máscara do Zorro*, por David McMoyler ★ *O Resgate do Soldado Ryan*, por Gary Rydstrom e Richard Hymns

efeitos especiais

★ *Poderoso Joe*, por Rick Baker, Hoyt Yeatman, Allen Hall e Jim Mitchell ★ *Armageddon*, por Richard R. Hoover, Pat McClung e John Frazier ★ *Amor Além da Vida*, por Joel Hynek, Nicholas Brooks, Stuart Robertson e Kevin Mack

curta-metragem

★ *Culture*, de Will Speck e Josh Gordon *Election Night* (*Valgaften*), de Kim Magnusson e Anders Thomas Jensen ★ *Holiday Romance*, de Alexander Jovy ★ *La Carte Postale* (*The Postcard*), de Vivian Goffette ★ *Victor*, de Simon Sandquist e Joel Bergvall

curta de animação

Bunny, de Chris Wedge ★ *The Canterbury Tales*, de Christopher Grace e Jonathan Myerson ★ *Jolly Roger*, de Mark Baker ★ *More*, de Mark Osborne e Steve Kalafer ★ *When Life Departs*, de Karsten Kiilerich e Sefan Fjeldmark

som

★ *Armageddon*, por Kevin O'Connell, Greg P. Russell e Keith A. Wester ★ *A Máscara do Zorro*, por Kevin O'Connell, Greg P. Russell e Pud Cusack · *O Resgate do Soldado Ryan*, por Gary Rydstrom, Gary Summers, Andy Nelson e Ronald Judkins ★ *Shakespeare Apaixonado*, por Robin O'Donoghue, Dominic Lester e Peter Glossop ★ *Além da Linha Vermelha*, por Andy Nelson, Anna Behlmer e Paul Brincat

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA
Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

PROJETO VÍDEO

VENDA DE FILMES ESPECIALIZADA

PARA MONTAGEM E AMPLIAÇÃO DE VIDEOLOCADORAS

- Filmes selados e com dois meses de garantia
- Para pagamento a vista desconto especial
- Pagamento facilitado com cheques
- Na montagem de sua locadora você ganha estojos, fitas promocionais, expositores, brindes especiais e rebobinador

TEMOS A MELHOR OFERTA DO MERCADO
NOSSO OBJETIVO: ATENDELO-LO SEMPRE

CONSULTE-NOS
TEL/FAX (011) 572-5995 / 539-6396
Al. dos Aícas, 269 - Moema - SP
Est. Próprio - Seg./Sab. das 11 as 22hs as



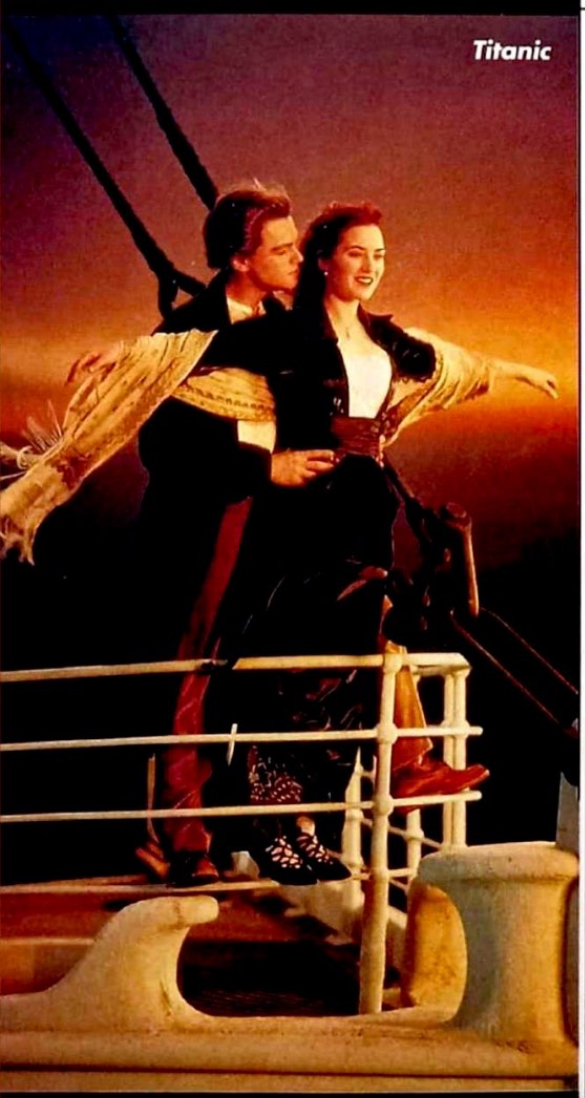
Meu Pé Esquerdo



Gênio Indomável



Dança com Lobos



Titanic

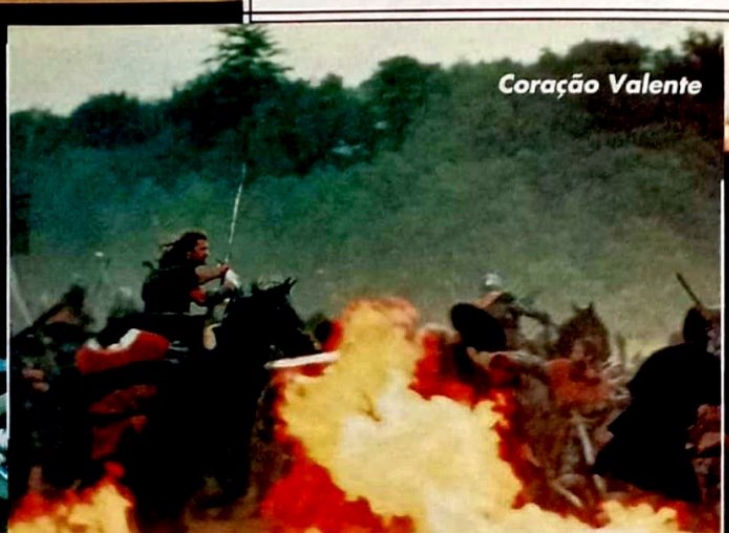
uma década de



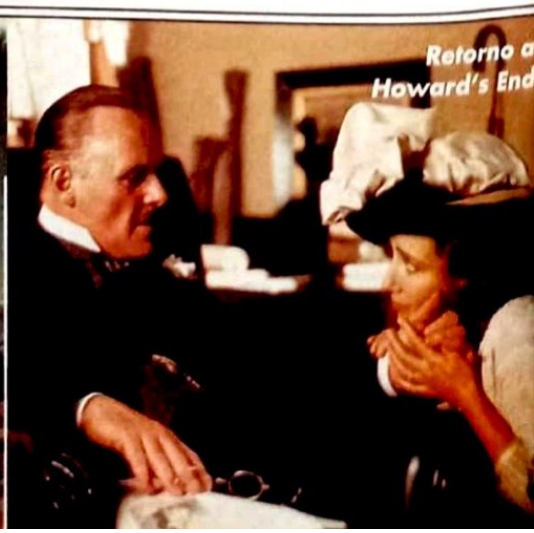
Fotos: Divulgação



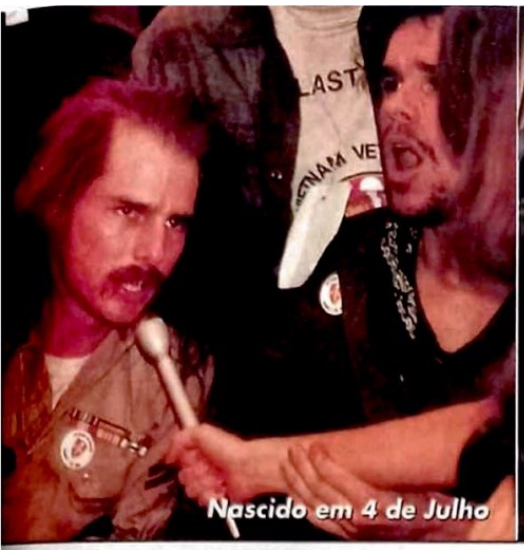
Conduzindo Miss Daisy



Coração Valente



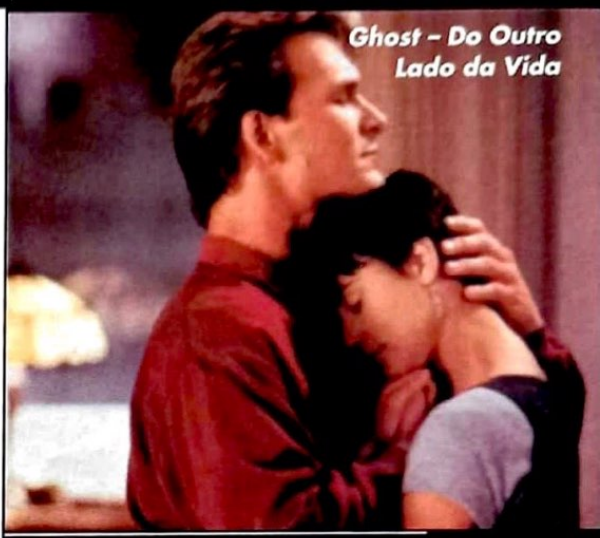
Retorno a Howard's End


Nascido em 4 de Julho


Os Bons Companheiros

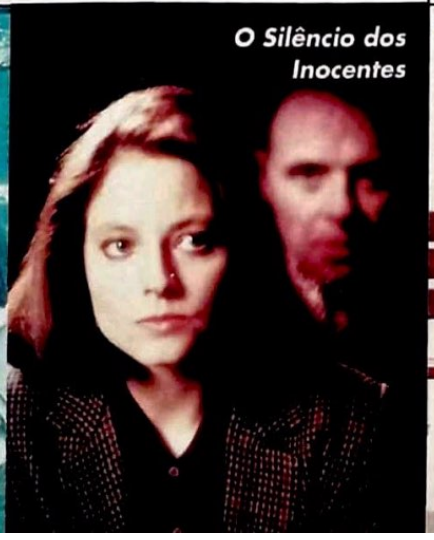

Os Imperdoáveis

1999, o penúltimo ano do século e, também, do milênio. Se a data traz um sentimento de renovação, essa foi justamente a palavra de ordem da maior festa do cinema nos últimos dez anos. O Oscar passou por uma série de transformações, sedimentou tendências, criou mitos e desperdiçou carreiras. Muitas delas estão aí para quem quiser ver – é só examinar o que vem acontecendo desde **1990**


Ghost – Do Outro Lado da Vida


Despedida em Las Vegas

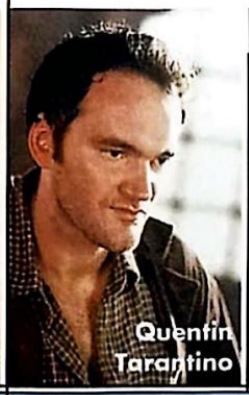

O Carteiro e o Poeta


O Silêncio dos Inocentes


Forrest Gump – O Contador de Histórias

A Academia corrigiu algumas injustiças nos anos 90 e premiou


James Cameron

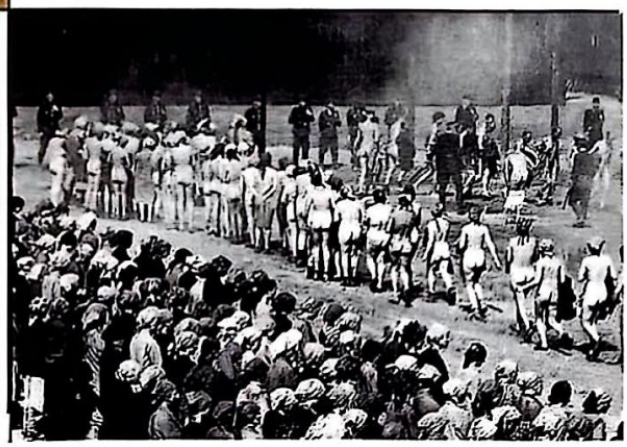

Quentin Tarantino


Kevin Costner



Uma década de mudança: o Oscar abriu espaço para o cinema independente (*O Paciente Inglês, à esq.*), animação (*A Bela e a Fera, abaixo, à esq.*) e até para Steven Spielberg (*A Lista de Schindler, abaixo*)





Fotos: Divulgação

Dos dramas chorosos que mostravam pessoas "de verdade" da década de 80 – como *Gente como a Gente* e *Laços de Ternura* –, a Academia virou suas atenções nos anos 90 para produções que não escondiam a verdadeira vocação de Hollywood: épicos grandiosos e astros milionários. Foi a década de atores como Mel Gibson e Tom Hanks, de diretores como Steven Spielberg e James Cameron e também da produtora Miramax, que transformou a alcunha "cinema independente" em uma marca milionária com *Pulp Fiction*, o filme que mudou o modo de Hollywood fazer cinema e que transformou em astro o diretor Quentin Tarantino.

A ascensão das produções independentes foi, por sinal, a mudança mais importante no perfil do Oscar. De que outra maneira a Academia poderia produzir uma lista de indicados a melhor filme como a de 1997? *O Paciente Inglês*, o filme da Miramax que levou o prêmio, concorreu à estatueta com *Fargo*, *Segredos e Mentiras* e *Shine – Brilhante* – todos produzidos sem a participação de grandes estúdios. O único título destoante do ano foi *Jerry Maguire*, estrelado por Tom Cruise.

Em contrapartida, foi nesta década que os recordes praticamente imbatíveis de filme mais indicado e filme mais premiado, pertencentes respectivamente a *A Malvada* e *Ben-Hur*, foram igualados por uma superprodução – na verdade, pelo maior filme já feito em Hollywood até hoje: *Titanic*. No ano passado, o trabalho de James Cameron foi indicado em quatorze categorias e ganhou onze estatuetas, além de ter se tornado a maior bilheteria da história do cinema.

uma década de oscar

Steven Spielberg por *A Lista de Schindler*

DIRETORES, ASTROS E ANIMAÇÃO

Algumas injustiças também foram corrigidas. Em 1994, a Academia finalmente curvou-se ao gênio pueril de Steven Spielberg, concedendo-lhe o Oscar de melhor direção por um filme que não tem nada de infantil, *A Lista de Schindler*. Em compensação, em 1991, a mesma Academia transformou Kevin Costner em um anti-Midas ao eleger *Dança com Lobos* o melhor filme. Desde então, a carreira de Costner naufragou lentamente, culminando com o fracasso de seu segundo filme na frente e também atrás das câmeras, *O Mensageiro*.

Ao contrário do que aconteceu com Costner, outros dois astros consolidaram sua carreira com o Oscar. Mel Gibson, que até então era mais conhecido como o protagonista da série *Máquina Mortífera*, arrebatou quatro estatuetas – inclusive a de melhor diretor – com o drama épico *Coração Valente* em 1996. Já Tom Hanks consagrou-se com os dois Oscar de melhor ator que ganhou em dois anos consecutivos por *Filadélfia* e *Forrest Gump*.

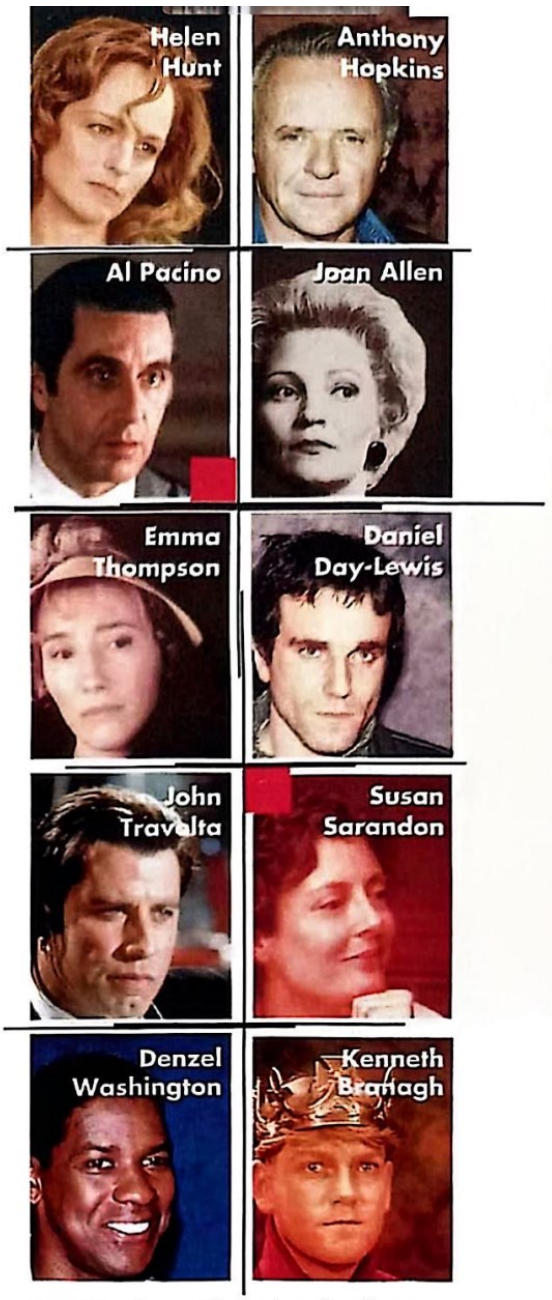
Foi nesta década também que os desenhos animados atingiram o ápice da perfeição, com a utilização de recursos digitais de última geração para aperfeiçoar traços e movimentos. Isso levou a Academia a indicar *A Bela e a Fera* para melhor filme em 1992. Embora não tenha sido premiado, tornou-se a primeira animação em longa-metragem a conquistar a indicação.

O BRASIL DÁ AS CARAS

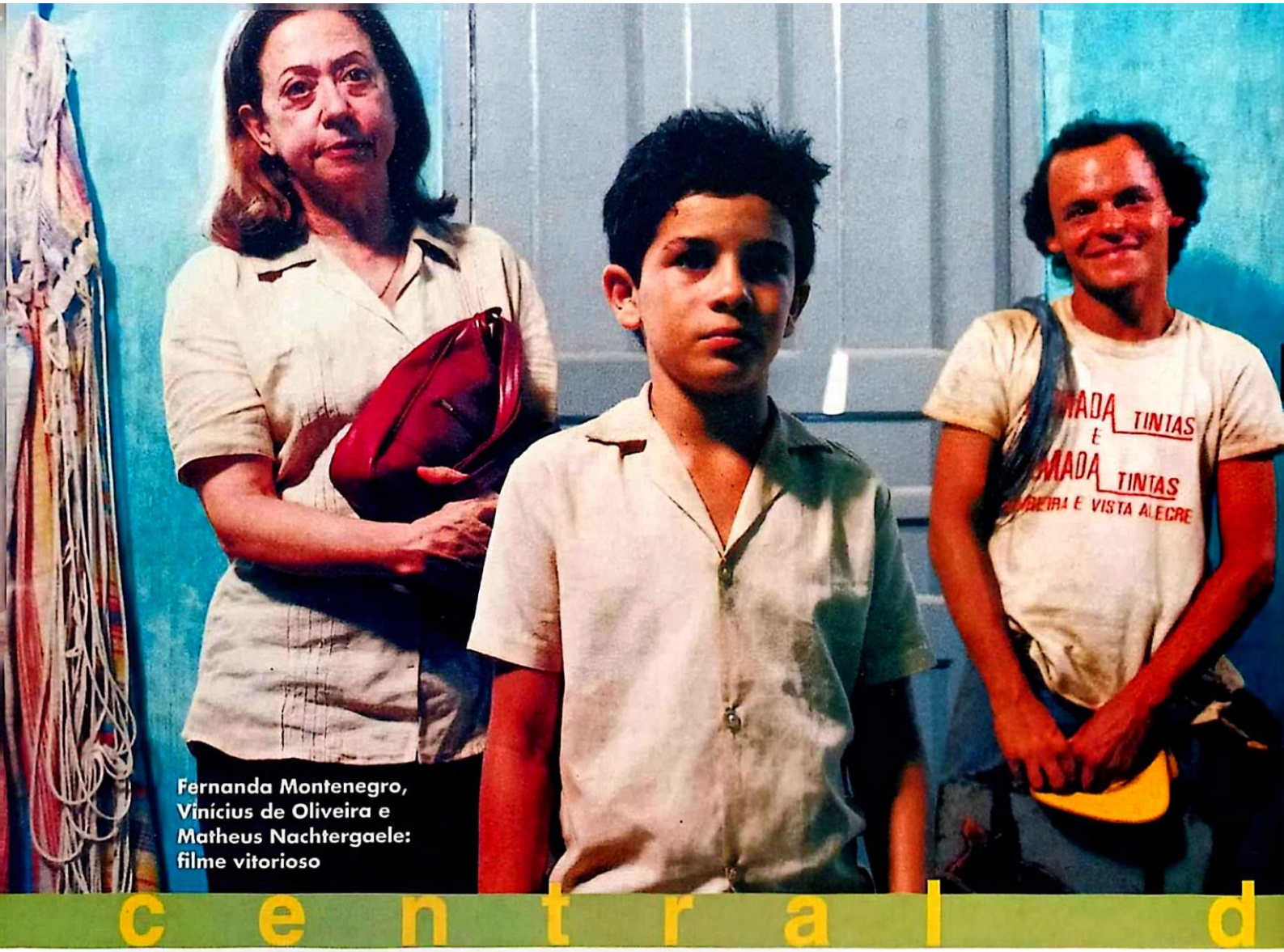
O cinema brasileiro cresceu e apareceu nesse mesmo período. Se a única indicação de um filme genuinamente nacional datava de 1963, quando *O Pagador de Promessas*, embalado pela Palma de Ouro em Cannes, quase ficou com a estatueta de filme estrangeiro, três representantes do cinema brazuca apareceram entre os cinco finalistas: *O Qu4trilho*, de Fábio Barreto; *O Que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto; e agora *Central do Brasil*, de Walter Salles, que também concorre ao prêmio de melhor atriz com Fernanda Montenegro.

Muitas coisas aconteceram com o cinema nestes decisivos anos 90, de carreiras construídas a reputações sepultadas. Mesmo assim, o Oscar não perdeu a majestade. Continua mantendo a popularidade de um ídolo polêmico e mítico.

Alessandro Giannini
Roberto Sadovski



Os donos da bola: eles fizeram a festa do Oscar nos anos 90



Fernanda Montenegro, Vinícius de Oliveira e Matheus Nachtergaele: filme vitorioso

central d

Em um canto do ringue está o brasileiro *Central do Brasil*, duas indicações ao Oscar – atriz para Fernanda Montenegro e filme estrangeiro. No outro, o italiano *A Vida É Bela*, sete indicações para o prêmio da Academia, inclusive as de melhor filme e filme estrangeiro, feito alcançado anteriormente apenas por Z, de Costa Gavras, há exatos trinta anos. Até a cerimônia de entrega, que será realizada no próximo dia 21, a luta entre os dois filmes promete ser dura e acirrada.

De um lado, o diretor Walter Salles e a Sony Classics fazem uma promoção modesta – mas eficiente – de *Central do Brasil*. De outro, o ator, roteirista e diretor Roberto Benigni e a poderosa Miramax, dos irmãos Harvey e Bob Weistein, executam um infalível e caro plano de marketing para promover *A Vida É Bela*.

CAMINHO DE PRÊMIOS

Ainda é cedo para dizer quem será o campeão dessa disputa, mas é possível observar algumas pistas. A resposta do público americano aos dois indicados dá alguns indícios do que poderá acontecer. *Central do Brasil* arrecadou, até agora, cerca de 2 milhões de dólares, enquanto *A Vida É Bela* atinge a faixa dos 20 milhões, tornando-se o filme estrangeiro de maior bilheteria nos Estados Unidos – tomando o lugar de *O Carteiro e o Poeta*.

Outra pista é o caminho pavimentado de prêmios percorrido pelas duas produções. *Central do Brasil* saiu na frente, conquistando o Urso de Ouro no Festival de Berlim em fevereiro de 1998, e já arrecada quase trinta premiações em todo o mundo. A jornada de *A Vida É Bela* começou três meses depois, quando foi aceito de última hora no Festival de Cannes e acabou perdendo a Palma de Ouro para *A Eternidade e um Dia*, do grego Theo Angelopoulos. Benigni, contudo, não saiu de mãos abanando. Recebeu o Grande Prêmio do Júri, uma espécie de honroso segundo lugar, com direito a uma barulhenta demonstração de alegria no lugar de seu discurso de agradecimento.

É bem verdade que *Central do Brasil* ganhou o Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro no início deste ano. O que não significa, no entanto, que a conquista do Oscar esteja garantida. *Central* levou vantagem porque, de acordo com as regras da premiação, o filme de Benigni não estava apto a concorrer, já que havia sido lançado nos Estados Uni-

Fotos: Lumière

JÁ GANHOU!

O Brasil chega ao Oscar pela terceira vez em apenas quatro anos com o trabalho vencedor de Fernanda Montenegro e Walter Salles

o brasil



dos fora do prazo exigido.

De qualquer maneira, foi uma conquista excepcional. Recitando o discurso de agradecimento no lugar de Salles, Fernanda Montenegro teve oportunidade de fazer seu número diante de famosos e potenciais votantes. A estratégia deu certo para a atriz, que conquistou seu lugar no restritíssimo panteão dos indicados ao Oscar.


Central: Brasil de volta ao Oscar

IDENTIDADE PRESERVADA

Achava-se que se *A Vida É Bela* fosse indicado na categoria de melhor filme, as chances de *Central do Brasil* aumentariam bastante, disputando sozinho a estatueta de filme estrangeiro. Repetiu-se, no entanto, um cenário que havia se desenhado somente uma vez, quando Z esteve na mesma situação que o filme de Benigni. O ousado drama político de Costa-Gavras perdeu o Oscar de melhor filme para *Perdidos na Noite*, mas garantiu sua estatueta como a melhor produção estrangeira do ano.

Vale lembrar, também, que *Central do Brasil* e *A Vida É Bela* não estão sozinhos no páreo e vão disputar com outros filmes igualmente conceituados. São eles *Tango*, do espanhol Carlos Saura, que concorre pela Argentina; *Bacheha-Ye Aseman*, de Majid Majidi, representando o Irã, e *El Abuelo*, de José Luis Garci, pela Espanha.

Mas nem um resultado negativo vai diminuir a importância de *Central do Brasil* para a cinematografia nacional. Além de ter reconquistado em definitivo o público para as produções brasileiras, o filme de Walter Salles provou que é possível colocar o país em celulóide com uma produção de Primeiro Mundo sem, no entanto, perder a identidade. E só por isso *Central* já é vitorioso.

Alessandro Giannini

ENTREVISTA



de

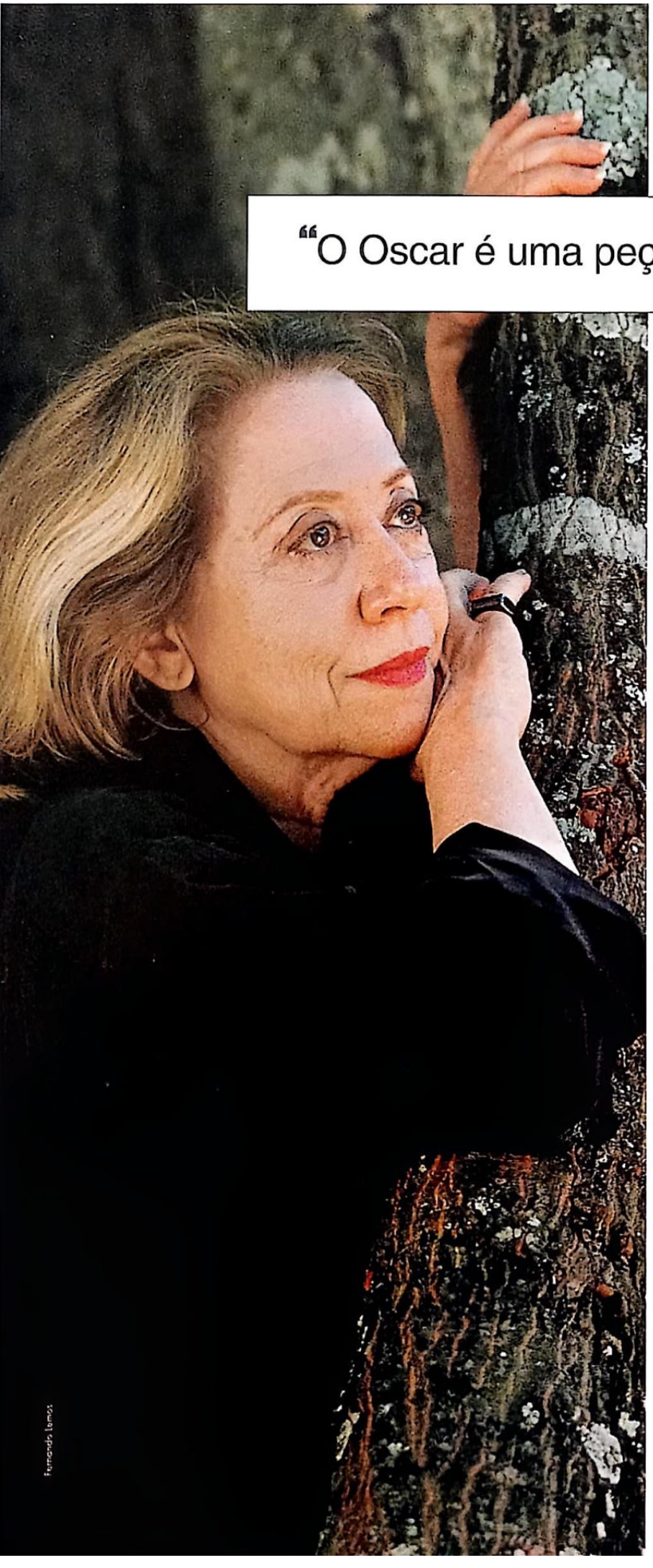
Fotos: Ivson

fernanda montenegro

braços abertos

A grande dama do teatro brasileiro abraçou definitivamente o cinema com *Central do Brasil*, colecionou prêmios e aplausos e se tornou a primeira brasileira a concorrer ao Oscar

Por Roni Filgueiras



“O Oscar é uma peça cara da indústria cinemato

Antes de entrar definitivamente para o cinema, Fernanda Montenegro manteve com ele uma “relação de visita”, como ela mesma define. Com os convites cada vez mais freqüentes, a atriz passou a integrar o clã e sentar-se na cabeceira da mesa, como a matriarca que é. Apesar de se dizer um bicho de teatro (oficialmente, são 54 anos de palco), a protagonista de *Central do Brasil* costumava ir com a avó e a mãe ao cinema do bairro ou às sessões que aconteciam na igreja do subúrbio carioca do Engenho de Dentro, onde morava: “Era obrigatório ir ao cinema duas ou três vezes por semana”.

Das sessões do subúrbio à consagração internacional com *Central do Brasil* foi um longo caminho. A atriz, que em outubro completa setenta anos, conseguiu entrar para um seleto grupo de estrelas na maior festa do cinema mundial: o Oscar. Nesta entrevista, concedida com exclusividade à SET poucos dias antes da divulgação dos indicados à estatueta – e da maratona em que se transformou a sua vida –, Fernanda fala de seu personagem, de filmes humanistas, da loucura que é a indústria do cinema nos Estados Unidos, de como tinha certeza de que não seria indicada ao Oscar e do futuro.

Por sinal, era assim que a atriz se referia aos tempos vindouros na biografia *Fernanda Montenegro em o Exercício da Paixão*, lançada em 1990: “Sou de uma geração que foi feita para o futuro. E deu nisso. Então, a vivência do futuro se esgotou em mim. O futuro de uma certa maneira não me interessa mais”. Ironicamente, o futuro chegou e se importa com Fernanda.

de braços abertos

ráfica. Por que iriam me colocar no meio?"



fernanda montenegro

O que é mais estranho e familiar no seu personagem Dora em relação à senhora?

É saber que a gente tem sempre uma chance. A gente acorda todo dia, e às vezes o dia denuncia que não vai ser legal. Mas, diante do não saber, quando se está na pior, quando não temos mais nada a perder, é bom saber que se pode ter uma chance de mudança, de guinada. O que a Dora tem de estranho em relação a mim é se afastar do convívio, o silenciar, se esconder de alguma certa forma. Eu nunca me enclausuraria.

Qual seria o fim que a senhora gostaria de ter dado a Dora?

Não alteraria o fim dela. Acho que o filme é tocante por que o Walter não melodramatizou o final. É um filme que não foi feito para solucionar o drama daquela mulher. De vez em quando somos tocados pelo humanismo e isso abre portas. É bom deixar que cada espectador imagine uma solução para a mulher, para o humanismo que ela encontra.

Já há alguns anos os festivais de cinema vêm premiando os chamados "filmes humanistas". Como a senhora enxerga isso?

É uma tendência de recuperação de espaço. Por mais eletrônica, cibernética, informatizada e virtualizada que seja a atual cinematografia, o homem é do tamanho dele mesmo. Os cinco sentidos precisam ser tocados, estimulados. Temos instintos, coração, genitália. E esta retomada do humanismo é porque, à medida que a coisa vai se tornando macro, existe uma resistência para o micro.

Receber um prêmio como o Globo de Ouro a deixou visivelmente emocionada. Como a senhora descreveria a sensação?

Uma sensação de... como posso dizer a você? Não é de esplendor, mas de realização. O filme chegou lá, compreende? A gente sabe o que é em termos de batalha chegar até ali. Na retaguarda da gente, há uma luta para somar uma equipe, de atravessar uma história nesses lugares desesperados, de abandono. Quando Arthur Cohn, o produtor americano, e o Walter me deram o direito de falar naquela hora, foi um sentimento de plenitude, pois o filme chegou a um prêmio importante. Hoje, mais do que nunca, o cinema americano não é arte, é indústria. Claro que se uma produção chegar a ser arte, tudo bem, se não for, não há problema. Ele fará qualquer coisa para ocupar seu espaço nessa indústria. Daí o Globo de Ouro significa que conseguimos colocar um braço humano naquele corpo industrializado. Em termos de orçamento, naquela festa do Globo de Ouro era o dinheiro americano presente. Afinal, ninguém ganha do Spielberg, ele prima por ser as duas coisas, industrial e artista.

Dá para imaginar como será ver sua atuação ganhando o Oscar?

Não posso imaginar. Dificilmente serei indicada, digo isso com tranqüilidade (*dias depois da entrevista, o nome de Fernanda estaria entre as cinco atrizes que disputam o Oscar*). Estaria no fluxo da indústria pesada, não estaria sendo indicada como atriz estrangeira. Esse é um prêmio para atrizes de 10 milhões de dólares. Independentemente do talento delas, atrás de cada uma existem agentes fantásticos, cachês de milhões de dólares. O Oscar é uma peça preciosa e cara da indústria cinematográfica. Por que vão me botar neste meio? O prêmio que recebi da National Board of Review, em Nova York, é um prêmio de arte. Ganhei o prêmio dos críticos de Los Angeles. Mas isso não é a Academia que vota. Eles também não votam no Globo de Ouro. No que se refere à crítica, ao artístico, fui mais do que agraciada. Mas o Oscar é prêmio de indústria.

E quanto às chances do filme?

O filme, sim, tem chances de ganhar. É uma etapa que alcançamos, que o cinema brasileiro alcançou, e da qual não se deve desistir. No cinema feito no Brasil, quando se coloca a cabeça para respirar, vem um catiripapo e nos coloca para baixo de novo! Se *Central* chegar a ganhar, mesmo que seja filme estrangeiro, o que para os americanos não é tão consagrador, é uma etapa a que se chegou. O esforço do cinema não deve se esgotar todo na busca do fazer, na luta econômica de fazer um filme.

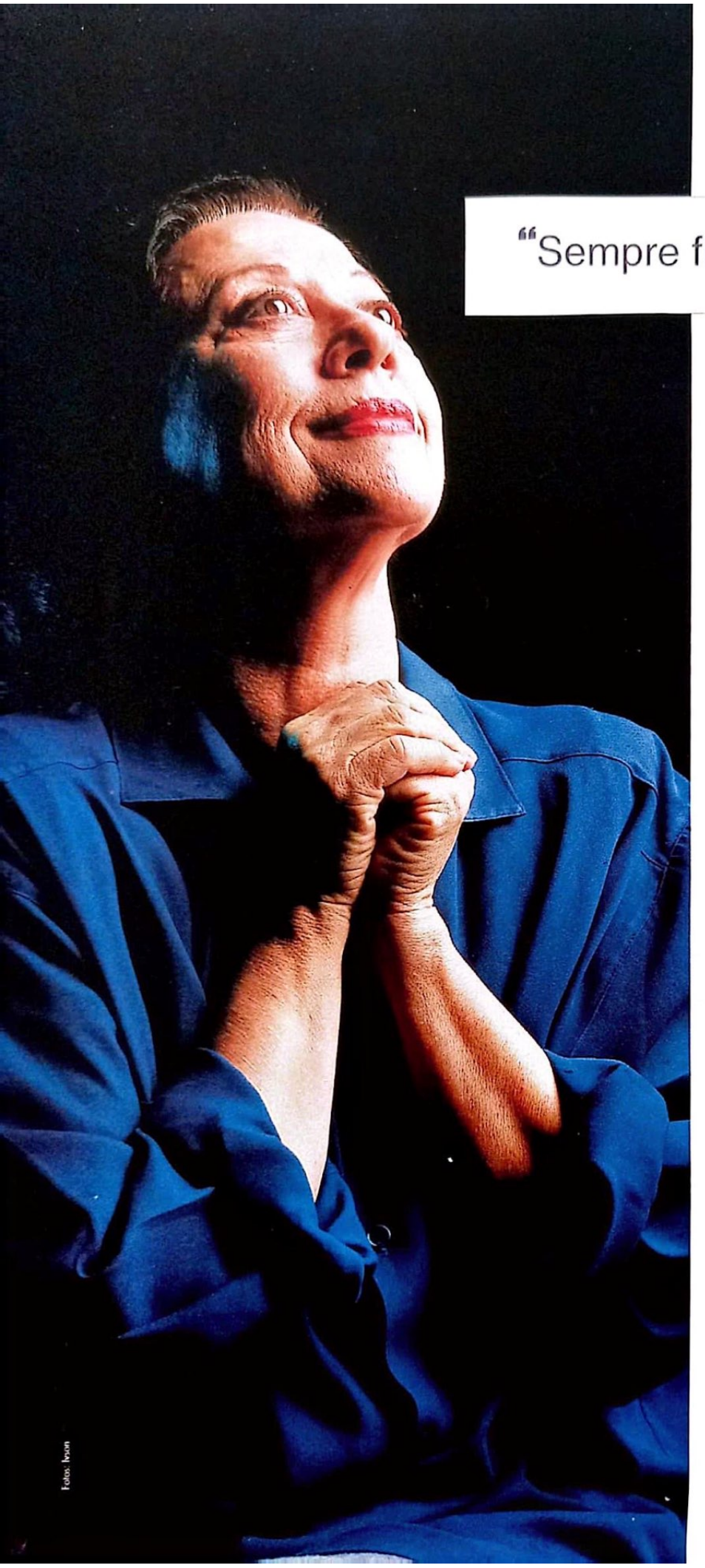
O que a indicação modificaria na sua rotina, na sua carreira ou mesmo na cinematografia nacional daqui em diante?

Estarei participando de uma festa! O que é mais vital em *Central do Brasil* é que um produtor e uma distribuidora internacionais se interessaram pelo filme. Temos matéria-prima de primeira qualidade, é olhar e querer ver! Sem a distribuidora estaríamos com um filme bom e importante, no mesmo patamar dos filmes que ganharam em Veneza, Cannes e Berlim, mas que ninguém veria.

Que personagem a senhora gostaria de desempenhar e ainda não interpretou?

Ah, já interpretei tudo! Já fiz uns quinhentos trabalhos entre televisão, cinema e teatro.

Qual a sensação de ter toda uma família bem-sucedida trabalhando com dramaturgia?



Fotos: Ivson

"Sempre fui uma atriz de teatro, mas

É interessante porque a gente se compreende. A gente se entende em família, mas se compreende também como tribo.

Como a senhora avaliaria a nova geração do cinema brasileiro? Onde as falhas são mais visíveis e onde o talento é incontestável?

O talento é incontestável na dinâmica da narrativa. Não sei guardar os nomes dos diretores mais novos que tenho visto, mas eles têm isso. O Cinema Novo era lento na narrativa, talvez pela necessidade de ter a mensagem política absorvida pela explicitação das cenas. O cinema hoje tem muito da temática, mas não há a doutrinação e engajamentos ideológicos e políticos. É uma liberdade adquirida. A dinâmica da narrativa é mais estreita e confia que o espectador compreenda o que está se mostrando. Não vejo falhas, vejo que há o tempo do fazer por serem jovens. Todos com resultados interessantes e, como o interesse do público, são diversificados. Interessa que a imagem é dinâmica. Não tenho visto filmes chatos, é uma grande qualidade não fazer filmes chatos. Mas não quero dizer com isso que não haja lugar para coisas mais densas!

Existe algum arrependimento, algo que a senhora faria diferente em sua carreira?

Não. Estou no meu lugar... tomara dar conta dele.

Há quem afirme que *Central do Brasil* ratifica um determinado estereótipo de brasilidade, a do país pobre, exótico e de pessoas amorais, praticantes da chamada "lei do jeitinho", dos malandros. A senhora concorda?

O filme é exatamente o oposto! Ele tem a coragem de trabalhar o que alguns chamam de clichê numa onda de humani-

de braços abertos

Central me jogou nos braços do cinema"



fernanda montenegro

dade. Este é o grande ganho do filme, aqui ou lá fora. Estão lá o sertão, a mulher desvalida, o menino pobre. Trabalhou-se muito sobre essa alegoria no país, mas atrás do clichê existe uma imensa densidade humanista. Lá fora, eles pensam que esse sofrimento é descarnado. Se compadecem do menino, mas não vêem o porquê, não vêem que a notícia tem um antes, um durante e um depois, que é a vontade de sair disso. O filme do Walter pega esse código, mas fala que aquela imagem tem sofrimento, ambição de melhoria, sonha um mundo maior e tem antes de tudo uma solidariedade de sobrevivência.

Central do Brasil poderá se tornar um marco na história do cinema nacional com todas as premiações e talvez com o Oscar?

Olha, não é pela quantidade de prêmios nem pela vaidade de ganhá-los, mas pela aceitação como filme. Desde a direção do Walter até o rebatedor, ele já é um referencial. De um roteiro bem escrito, passando pelo elenco, a câmera bem colocada, a fotografia referencial, até a simplicidade sofisticada de direção, que não é comum ver no Brasil.

Atuar num filme tão premiado traz maior responsabilidade para seu próximo projeto, não? Há cobranças externas ou a maior cobrança parte da senhora mesma?

Não há cobrança, assim como não existiu nos que já fiz e foram premiados, como *A Falecida, Eles Não Usam Black-Tie, Tudo Bem.* Prêmios são estranhos. Não significam que você vai mudar sua vida, principalmente no Brasil. E digo isso sem dor. Você não galga melhores cachês. Prêmio não significa nada, nem antes, nem durante e nem depois em termos de mudar a vida no Brasil. Não sei o que o Oscar muda lá fora. Mesmo em Hollywood as atrizes oscarizadas se queixam que os papéis começam a rarear. Você dá mais entrevistas, fica na onda, se está esquecido vem à tona, depois hiberna de novo, até ter outro trabalho. Dá prestígio naquele momento, mas se por acaso eu quiser tirar dois, três anos de férias, nem pensar. Na próxima peça, novela ou no próximo filme que fizer, tudo está em jogo de novo. Não sei se é bom ou ruim, compreende? Uns acham que é cruel. Mas o jogo é esse. Não crio pretensões de mudança. Com cinqüenta anos de vida pública, este é novamente o ano um da minha vida.

O assédio de cineastas e diretores aumentou?

Infelizmente o cinema está parado. Agora minha atenção está voltada para o teatro, voltar para a minha vidinha que é carregar minha casa nas minhas costas. Voltar ao teatro, voltar à minha comunicação homem a homem...

Qual o próximo projeto?

Não há. Existem alguns roteiros, com participação especial. Mas estou tão cansada. Agora estou às voltas com viagens, entrevistas e agradeço a Deus o sucesso do filme. Preciso apagar a fita, voltar para casa. Agora com todas essas complicações de finanças do país, os projetos ficarão mais difíceis de ser realizados.

Fala-se que a crise econômica brasileira pode significar um retrocesso na chamada retomada do cinema nacional. Onde fica a saída? A performance de _Central_ pode funcionar como um incentivo?

Neste momento, com o dólar a dois reais e tanto? Se não chegar a três? Não tenho soluções, estava na ilusão até o ano passado. E como cinema é indústria... O cinema vai sobreviver como já sobrevivemos a tantas crises, pois temos uma indústria incipiente. É na pequena produção, doméstica, artesanal, que está a saída. Quem estiver jogando nos milhões, não tem volta. A saída é fazer filmes menores.

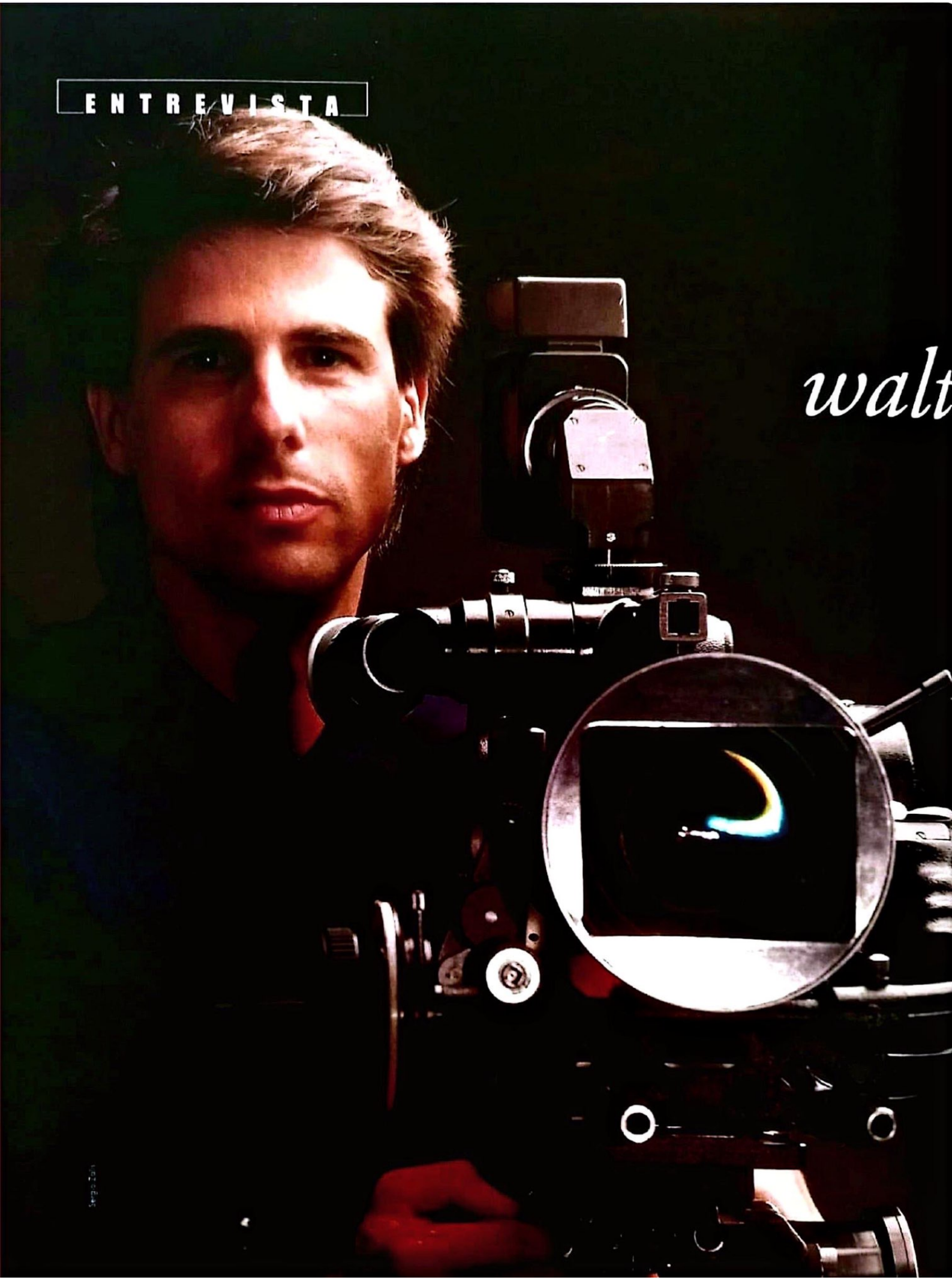
O que a senhora aprendeu ao filmar _Central do Brasil_ com Walter Salles?

Acho que o Walter me deu um imenso presente, um personagem extraordinariamente bem escrito e inspirado. É um talento do diretor colocar o dedo nas diversas seqüências da realização. Ele conduziu o filme de forma madura. É um impressionista. Tem uma linguagem forte, mas não é demagogo. Aconteceram milagres dentro do filme, como achar o Vinícius... é um ato de fé essa criança. Ter um fotógrafo como Walter Carvalho, tão inspirado e paciente. Conhecer o sertão, lidar com aquelas pessoas. E depois, esse resultado tão estonteante. É muito interessante na minha vida. Sempre fui uma atriz de teatro, mas de repente *Central* me jogou nos braços do cinema.

A senhora atua em TV, cinema e teatro. A versatilidade é uma qualidade sua de atriz? E por que, ao contrário da Europa, o ator brasileiro não se pode dar ao luxo de atuar apenas num veículo?

A gente não pode se dar ao luxo de atuar num só veículo, alguns talvez possam atuar só na TV. Tudo depende do espírito de aventura. Os meios de comunicação estão aí e você tem curiosidade de saber do ato dramático por meio deles. Te digo que, se não tivesse espírito aventureiro, não experimentaria todos esses veículos. Poderia ter contas a pagar, mas talvez deixasse cortarem a minha luz, tudo bem.

ENTREVISTA



walt

Não adianta insistir: o diretor do premiado *Central do Brasil* é um túmulo quando o assunto é sua vida particular. Mas o verbo flui aos borbotões quando o assunto é cinema, a paixão deste cineasta rumo ao Oscar

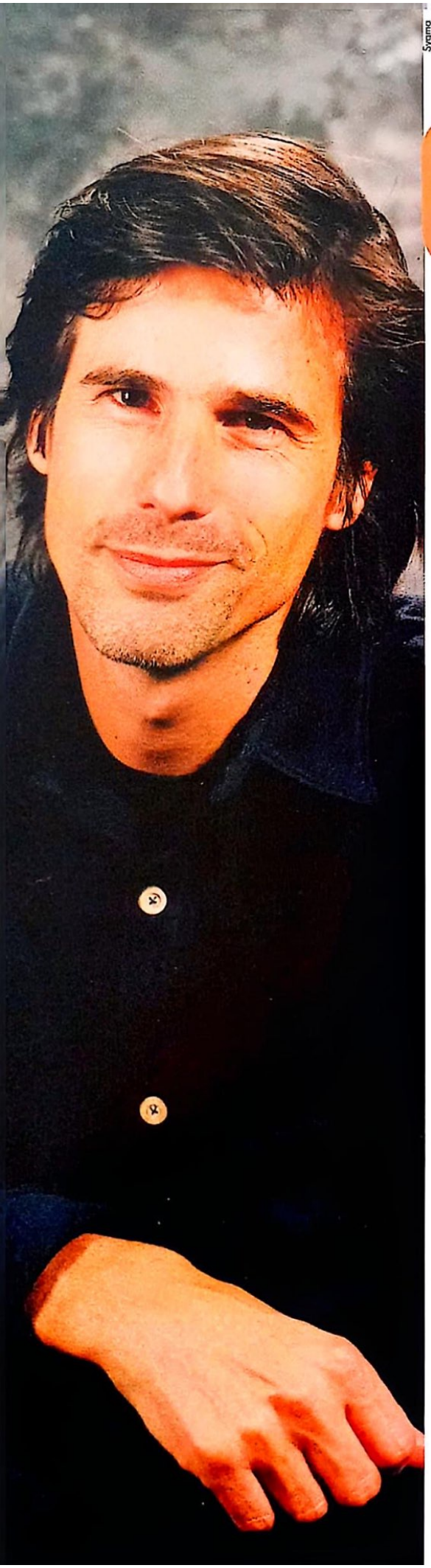
er salles o contador de histórias

Aos 41 anos, Walter Salles sabe exatamente quem é, de onde vem e para onde vai. Mas a temática que perpassa toda sua obra curiosamente é a busca: a raiz do afeto e da identidade de uma geração, de um povo, de um país. *A Grande Arte*, *Terra Estrangeira* e *Central do Brasil*, os três únicos longas deste carioca torcedor do Botafogo, apaixonado por cachorros, tratam exatamente desse dilaceramento.

Talvez a origem desse interesse esteja em sua formação, com ênfase no humanismo – traço que o faz herdeiro intelectual do Cinema Novo e do neo-realismo italiano. Aliás, foi o italiano *O Passageiro: Profissão Repórter* que o levou a se decidir pelo cinema – o mesmo cinema italiano com o qual *Central* vai se confrontar na cerimônia do Oscar.

Formado em Economia, o segundo filho do banqueiro Walter Moreira Salles e Elisa Margarida (os outros são o meio-irmão Fernando, Pedro e João, documentarista que trabalha com Walter na produtora VideoFilmes) foi buscar na vida da presidiária Socorro Nobre (que se correspondia com Frans Krajcberg, escultor polonês apontado como um mentor) o manancial que o inspirou em dois filmes: o documentário *Socorro Nobre* e o próprio *Central do Brasil* – que, por sinal, começa prestando homenagem à detenta, que passou sete anos presa na Bahia, acusada de ser cúmplice no assassinato do irmão: é Socorro que aparece ditando uma carta a Dora (Fernanda Montenegro).

Obsessivo e ferrenho defensor de sua privacidade, Walter, que não tem filhos, já se casou e se separou. E a cada nova namorada a imprensa faz um pesado cerco em torno da dona do coração deste ariano, nascido em doze de abril, mês do descobrimento do Brasil, país que ele não se cansa de mostrar na tela grande. Aqui, o diretor discute a retomada do humanismo pelo cinema, a expectativa de ganhar o Oscar, o concorrente italiano e as novas produções com parceiros estrangeiros.


Sygma

Qual a fórmula do sucesso de *Central do Brasil*?

Justamente não ter fórmula. Acreditar no coração, fazer um trabalho coletivo, de peito aberto. Se há um segredo em *Central do Brasil*, talvez seja o de acreditar na contramão, fazer um filme que parecia estar claramente contra a corrente, num momento em que filmes como *Pulp Fiction* estavam ditando o que deveria ser feito no cinema.

Qual foi a sensação de ganhar o Globo de Ouro?

Foi um momento especial para todos nós que estávamos ali. Mas talvez não tenha sido comparável à emoção que foi receber os aplausos na sessão com o público em Berlim. O cinema deve procurar, em última instância, uma possibilidade de comunicação. A que se estabelece com o público é, certamente, a que mais nos marca. Nesse sentido, o maior prêmio que *Central do Brasil* poderia ter recebido foi a receptividade do público brasileiro. Se essa relação com o público no Brasil não tivesse se estabelecido, os trinta prêmios que foram dados ao filme teriam pouco valor.

Dá para imaginar como seria ver a Fernanda Montenegro ou mesmo o filme ganhando o Oscar?

Seria certamente um novo momento de emoção. Mas nos acostumamos a não esperar nada, a não achar que as premiações são possíveis, até para não sofrer qualquer tipo de desapontamento. Pessoalmente, tenho a impressão de que *Central do Brasil* já cumpriu o seu papel, que foi o de mostrar que a retomada do cinema brasileiro é um fato. Se esse esforço for reconhecido pela Academia, tanto melhor.

Há quem diga que se *Central do Brasil* ganhar o Oscar será como ganhar a Copa. Você concorda?

Se *Central* vier a ser premiado pela Academia, o que me parece difícil, será importante dividir esse prêmio com os filmes brasileiros que vieram pavimentar o caminho. Os meus amigos Bruno e Fábio Barreto estiveram muito próximos de ganhar o Oscar, e ajudaram a demonstrar que a cinematografia brasileira renasceu das cinzas depois do período negro de Fernando Collor. Agora, não se pode caracterizar uma competição entre filmes como uma competição futebolística. Essa mecânica competitiva me deixa pessoalmente desconfortável, até porque é muito difícil comparar filmes de gêneros diferentes.

Os prêmios acumulados por *Central do Brasil* podem criar uma nova forma de o brasileiro se ver no cinema?

Desde o filme de Carla Camurati, *Carlota Joaquina*, o público brasileiro tem voltado em massa às salas de cinema. É importante lembrar que poucas cinematografias no mundo se reergueram com tanta rapidez como a nossa, depois de ser praticamente dizimada pelo efeito Collor. Devemos ter orgulho dessa cinematografia, que no passado gerou filmes tão brilhantes e diferentes. Se a ressonância internacional que *Central* tem recebido ajudar a trazer mais público brasileiro para ver filmes nacionais, tanto melhor. Mas é necessário neste momento lembrar que alguns filmes excepcionais não têm uma relação quantitativa com o público, ou uma expressiva carreira internacional, e nem por isso deixam de ser menos importantes. *Limite*, obra-prima realizada por Mário Peixoto, quando ele só tinha 21 anos de idade, é um exemplo vivo disso. É um filme que pouca gente viu, dentro e fora do país, e no entanto é um dos trabalhos mais importantes realizados no Brasil neste século.

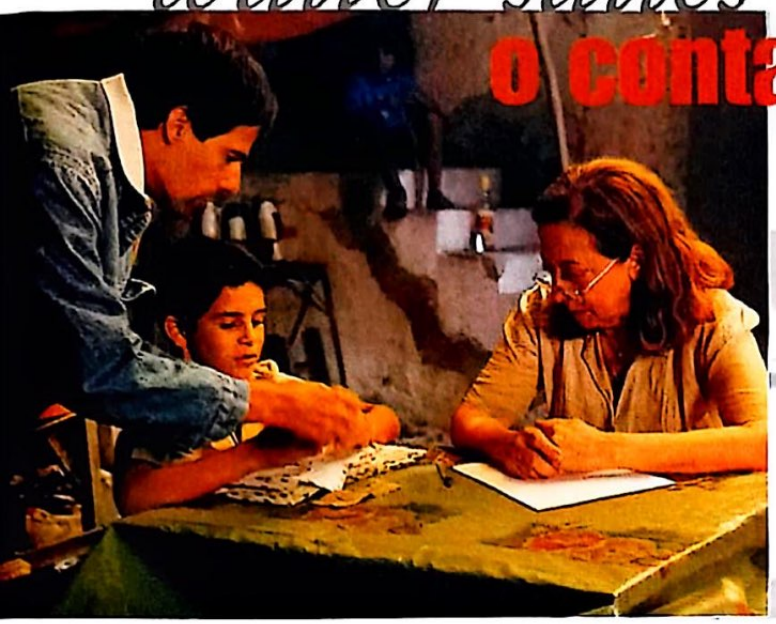
Com o aval de prestígio de um Globo de Ouro, você tentaria uma carreira em Hollywood ou na Europa?

O Globo de Ouro não altera as coisas, porque propostas dos Estados Unidos e da Europa têm proliferado desde o Festival de Sundance, em janeiro de 98, e também depois de Berlim, e não foram essas propostas que me fizeram mudar de rumo. Não estou atrás daquilo que se chama uma "carreira". Pretendo apenas fazer filmes cujas histórias tenham uma ligação direta, visceral, com os temas que me interessam: a busca da identidade, o exílio, a descoberta do afeto.

Este é um momento delicado para o cinema nacional, que pode sofrer novos abalos por conta da crise econômica. O que fazer e o que não fazer neste momento?

A exemplo do que acontece com o Brasil, o cinema brasileiro vive de espasmos. Seria lamentável que, neste momento

walter salles
o contador de histórias



"A exemplo do que acontece com o Brasil, o cinema brasileiro vive de espasmos"

Divulgação

de reconhecimento da nossa cinematografia, o processo de retomada fosse interrompido por causa de problemas econômicos. Pessoalmente, acredito que o ideal seria criar um sistema parecido com o da França, em que uma porcentagem da bilheteria de todos os filmes exibidos no país revertam para um fundo de produção de cinema brasileiro. Também sou a favor da cobrança de uma taxa para os filmes estrangeiros, calculada por metro linear, de forma a não prejudicar a chegada de filmes independentes ao Brasil, tão importantes para o estabelecimento de uma pluralidade no mercado de exibição.

Foram feitos inúmeros paralelos entre *Central* e *A Vida É Bela*, seu principal concorrente ao Oscar, como os nomes dos personagens. Qual deles chama mais a atenção?

Há uma coincidência enorme no que diz respeito ao nome dos personagens dos dois filmes, mas as comparações possíveis param por aí. *Central do Brasil* é um filme com uma raiz essencialmente documental, enquanto *A Vida É Bela* tem uma estrutura claramente fabular. Na verdade, os filmes têm mais pontos de divergências do que de convergências.

Há quem o acuse de não poder falar de pobreza por pertencer a uma família rica. E até mesmo de poder fazer os filmes que quer pelo mesmo motivo. O que você responderia?

Imagine como o mundo seria terrível se cada pessoa tivesse que se limitar ao seu próprio escaninho. O que nos faz aprender a viver, a melhorar, é justamente a necessidade ou a possibilidade de entender o outro, aquele que é aparentemente diferente de você. Sem isso, o mundo se torna um espaço de incomunicabilidade. Sinto-me essencialmente atraído por aquilo que ainda não conheço. Tento mergulhar nos territórios que não são aqueles de onde venho e tento compreendê-los sem tentar julgá-los. É isso que tenho a oferecer. Neste sentido, *Central do Brasil* é apenas um grão de areia sobre a realidade brasileira.

Agora, visto a distância, você faria algum tipo de modificação em *Central do Brasil*?

Não creio que os diretores tenham recursos suficientes para analisar seus próprios filmes num tão curto espaço de tempo. Talvez daqui a alguns anos...

É possível considerar *Central do Brasil* um marco na história do cinema nacional?

Não creio que seja possível dizer isso. A importância de um filme só pode ser verificada ao longo do tempo. Nesse sentido, o que de mais importante que pode acontecer a um filme é o seu poder de permanência. É essa capacidade de gerar permanência que caracteriza grandes obras do cinema brasileiro, como *Vidas Secas*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *Limite*... É preciso dar tempo ao tempo para poder trabalhar a real importância de *Central do Brasil*.

Quem faz bom cinema hoje?

Fora do Brasil, o cinema que mais me emociona hoje é o cinema de raiz humanista, de Kiarostami, Makhmalbaf, no Irã. É também um cinema desenvolvido por Ken Loach e Mike Leigh, na Inglaterra; o cinema realizado por Takeshi Kitano e Imamura, no Japão. Há também excelentes jovens diretores surgindo, como Thomas Vinterberg, que dirigiu o excepcional *Festa de Família*, ou o francês Eric Zonka, com *A Vida Sonhada dos Anjos*. Fora os grandes mestres brasileiros, há toda uma jovem geração de diretores estreantes no Brasil que vai dar o que falar: o pessoal da Conspiração, os diretores de *Baile Perfumado*, Sérgio Machado, Eliane Caffé, Karim Aïnouz...

Qual a lembrança mais remota de uma imagem no cinema que você guarda na memória?

Fora os filmes do Cinema Novo, os filmes que mais me marcaram foram certamente os filmes do neo-realismo italiano e da *nouvelle vague* francesa. Agora, o filme que me levou a querer ser cineasta é *O Passageiro – Profissão: Repórter*, de Antonioni. Me lembro até hoje do momento em que as luzes do cinema foram acesas, no final da projeção, eu estava grudado na cadeira, em lágrimas. Eu tinha sido tomado pelo mistério do cinema.

Roni Filgueiras

ENSAIO

FUTURO IMPERFEITO



CARIELLO

fábrica de quadrinhos



por Rodrigo Salem

Avanços tecnológicos e paz universal? Que nada. Se depender do cinema, o mundo da virada do milênio será mais assustador do que muita gente imagina

Do pior diretor de todos os tempos, Ed Wood, a um dos mais geniais cineastas da história, Stanley Kubrick, o futuro é um tema que fascina qualquer mortal, seja ele ligado ao cinema ou não. Mas é em celulóide que a vontade de saber como o mundo estará se comportando em dez, trinta, duzentos anos vira quase uma obsessão. Na esquina da virada do milênio, o mundo se assusta com um possível colapso dos computadores, abriga seitas obscuras pré-apocalípticas, revive as profecias de Nostradamus e se adorna com misticismo ocasional. O pior disso tudo é que, comparado aos filmes sobre o nosso amanhã, nosso futuro, no mundo real, é história de ninar: o cinema e seus autores são os profetas imperfeitos do próximo século.

A paranóia futurista dos diretores começou em 1911, quando a companhia francesa Pathé produziu um curta-metragem intitulado *Cem Anos Depois*. Nos quinze minutos de duração do filme, a sociedade nova-iorquina de 2011 é fruto da maior – e mais improvável para a época – revolução sexual do século: as mulheres agora podem votar, decidir seus destinos e comandar o mundo do amanhã. Doce ilusão. O sexo feminino realmente conseguiu seu direito à participação política e social, mas dificilmente elas passarão a dominar a Terra com pulso de ferro em doze anos – alguns maridos, claro, podem contestar isso. A atração pelo início do novo milênio não é uma característica da produção européia. Para os visionários cineastas do século 20, a Terra passaria por horrores inimagináveis: holocausto nuclear, guerras bacteriológicas, terrorismo ecológico e mudanças sociais extremas.

Alguns "futuros", no entanto, já são passado. Em O *Exterminador do Futuro*, de James Cameron, a guerra nuclear que desencadearia o amanhã robótico do filme deveria ter acontecido há dois anos. E o supercomputador inteligente Hal 9000, de *2001 – Uma Odisséia no Espaço*? Com a tecnologia atual, algumas máquinas poderiam até rivalizar com a criação de Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke, mas dificilmente alguém vai ser testemunha de um Macintosh enlouquecendo e matando pessoas. Há menos de doze meses da data dos acontecimentos mostrados no clássico, o homem não pisou nem em Marte, reduzindo a zero as chances da viagem tripulada para Júpiter imaginada pelo diretor.

Outros filmes perdem feio da realidade, especialmente em relação a questões sociais. O conflito racial relatado em *Estranhos Prazeres*, de Kathryn Bigelow, já quase levou os Estados Unidos a uma nova guerra civil – durante o episódio Rodney King, quando dois policiais espancaram um jovem negro desarmado. O que diria George Miller, diretor de *Mad Max*, ao observar um campeonato de Vale-Tudo? Provavelmente, que a "cúpula do trovão", uma arena violenta da segunda seqüência da série estrelada por Mel Gibson, é brincadeira de criança. Será que Stanley Kubrick faria o mesmo *Laranja Mecânica* hoje, quando gangues violentas são comuns nas periferias das grandes cidades? O bom do futuro é isso. Por mais genial que seja o vidente, ninguém está livre das surpresas.



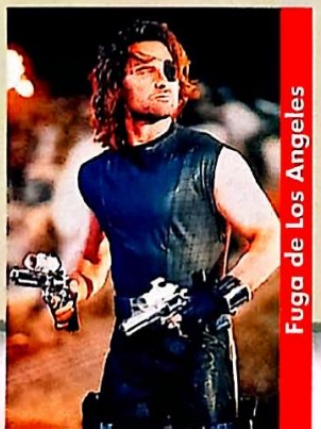
Fotos: Divulgação











Futuro Imperfeito

2001 – UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO *

(2001: A Space Odyssey, Inglaterra/EUA, 1968) Direção: Stanley Kubrick. Com Keir Dullea, Gary Lockwood, William Sylvester.

O QUE É: Uma nave espacial parte rumo a Júpiter para investigar um misterioso monolito negro. O computador da nave, Hal 9000, assume personalidade própria e transforma a missão em tragédia.

O QUE ACONTECE: O homem conquista a Lua, Marte e passa para Júpiter. A pior previsão é em relação ao destino do planeta Terra, destruído no final por uma guerra nuclear.

VAMOS NOS PREVENIR: É muito pouco provável que daqui para o final do ano algum cientista invente o Hal 9000, milhares de anos luz à frente de nossos PCs e Macs.

BLADE RUNNER – O CAÇADOR DE ANDRÓIDES *

(Blade Runner, EUA, 1982) Direção: Ridley Scott. Com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young.

O QUE É: Em 2019, a ciência evoluiu a ponto de criar andróides perfeitos. Algumas dessas máquinas escapam do trabalho forçado e se tornam fugitivas. Os encarregados de capturá-las são policiais chamados Blade Runners.

O QUE ACONTECE: Edifícios gigantescos lutam por espaço em cidades superlotadas. Carros voadores são uma realidade. Mas a alta tecnologia não esconde a decadência da sociedade.

VAMOS NOS PREVENIR: Se você for engenheiro genético, tente fazer suas criações sem tempo de vida limitado.

1984

(Inglaterra, 1956) Direção: Michael Anderson. Com Michael Redgrave, Jan Sterling, Donald Pleasence.

O QUE É: Em um futuro próximo o individualismo não é permitido. Um casal apaixonado tenta escapar do Grande Irmão, uma máquina inteligente que tudo vê e controla.

O QUE ACONTECE: Câmeras, gravadores e soldados mantêm as pessoas sob pulso de ferro. O governo dá ao povo o mínimo para a sua diversão e sobrevivência.

VAMOS NOS PREVENIR: O maior exemplo de "grande irmão" é o chip que possibilita um controle de tráfego de arquivos. A idéia foi vetada por Bill Clinton, mas quem sabe o próximo presidente não resolve mudar de idéia? Então, votem certo ianques!

BRAZIL – O FILME *

(Brazil, Inglaterra, 1985) Direção: Terry Gilliam. Com Jonathan Pryce, Michael Palin, Robert De Niro.

O QUE É: Um estadista não enxerga a decadência que o mundo se tornou. Quando a vida fica muito opressiva, ele fantasia um mundo alternativo, onde é um super-herói. Tudo continua deste modo até que ele se apaixona por uma revolucionária.

O QUE ACONTECE: O computador que controla o mundo é confuso e executa pessoas por engano. A sociedade é formada por trabalhadores acomodados, terroristas e máquinas fantásticas – em especial as de cirugia plástica.

VAMOS NOS PREVENIR: Cuidado na hora de votar. Megalomaníacos, fascistas e preconceituosos não devem receber apoio.

ALPHAVILLE *

(França/Itália, 1965) Direção: Jean-Luc Godard. Com Eddie Constantine, Anna Karina, Akim Tamiroff.

O QUE É: O detetive Lemmy Caution percorre uma cidade futurista (na verdade, a Paris da época com uns robôs jogados no cenário) atrás de um cientista. Depois de se passar por repórter, Caution é capturado e interrogado pelo computador Alpha 60, que governa o local.

O QUE ACONTECE: A sociedade é fria nesta sátira política de Godard. O computador Alpha 60 foi uma metáfora encontrada pelo diretor para resumir as características do Estado europeu da época.

VAMOS NOS PREVENIR: Neste caso, a única coisa que podemos fazer é esperar pelo computador politicamente inteligente e destruí-lo.

FUGA DE LOS ANGELES *

(Escape from LA., EUA, 1996) Direção: John Carpenter. Com Kurt Russell, Stacy Keach, Steve Buscemi.

O QUE É: Snake Plissken, um mercenário que se tornou notório após resgatar o presidente de uma Nova York transformada em prisão, tem de entrar em Los Angeles, separada do continente após um terremoto, para recuperar a arma mais poderosa do mundo.

O QUE ACONTECE: Los Angeles finalmente sofre o terrível terremoto que todos temem e vira uma ilha. O governo dos Estados Unidos transforma a cidade em uma imensa prisão.

VAMOS NOS PREVENIR: O melhor é esquecer aquela viagem para os EUA. Todas as catástrofes parecem acontecer lá.

LARANJA MECÂNICA *

(A Clockwork Orange, Inglaterra, 1971) Direção: Stanley Kubrick. Com Malcolm McDowell, Patrick Magee, Michael Bates.

O QUE É: Um grupo de adolescentes de classe média se diverte assaltando, matando, estuprando e ouvindo Beethoven. O violento e amoral líder da gangue é capturado e sofre uma intervenção cerebral para aplacar seus instintos assassinos, que depois se mostra inútil.

O QUE ACONTECE: Se depender de *Laranja Mecânica*, o futuro da Terra vai ser negro, dominado pela violência de gangues.

VAMOS NOS PREVENIR: Bandos de delinqüentes assaltando, roubando e matando por diversão? Hmmm, não precisamos ir ao futuro para ver tudo isso...

O PLANETA DOS MACACOS *

(Planet of the Apes, EUA, 1968) Direção: Franklin J. Schaffner. Com Charlton Heston, Roddy McDowall, Kim Hunter, Maurice Evans.

O QUE É: Durante uma viagem interplanetária, um astronauta cai num planeta dominado por uma raça de macacos inteligentes.

O QUE ACONTECE: Nessa sociedade, os humanos viram os animais de estimação da macacada. O cenário do planeta é desolador: os símios governam com mão de ferro e mantêm os humanos sob controle com torturas e ainda os usam como caça.

VAMOS NOS PREVENIR: Procure rapidamente o endereço da Sociedade Protetora dos Animais e garanta um bom lugar entre o governo dos macacos.

GATTACA – EXPERIÊNCIA GENÉTICA *

(Gattaca, EUA, 1997) Diretor: Andrew Niccol. Elenco: Ethan Hawke, Uma Thurman, Jude Law.

O QUE É: Para vencer na sociedade perfeccionista do futuro, um jovem sem aprimoramentos genéticos se apropria da identidade de outro com genes perfeitos.

O QUE ACONTECE: A vida é determinada pela engenharia genética. Não importa o quão instruído ou rico, seus genes são o passaporte para o sucesso ou fracasso. Os papéis na sociedade são decididos antes mesmo de o cidadão nascer. E o amor não existe dentro da civilização anti-séptica de Gattaca.

VAMOS NOS PREVENIR: É um futuro improvável. A humanidade é, por natureza, um mar de defeitos.

MAD MAX 2 *

(The Road Warrior, Austrália, 1981) Direção: George Miller. Com Mel Gibson, Virginia Hey, Syd Heylen.

O QUE É: Anos depois do assassinato da esposa e filha, o ex-policial Max se torna um peregrino das estradas, percorrendo uma terra dominada por guerras tribais em busca de combustível – o material mais valioso do futuro devastado.

O QUE ACONTECE: As gangues do filme original, que se passa antes do holocausto nuclear, se agruparam ainda mais, formando cidades de acordo com a filosofia de cada uma delas. O petróleo vira a coisa mais rara e desejada do novo mundo.

VAMOS NOS PREVENIR: É melhor colocar uma bela blindagem no carro da família. Nunca se sabe...

METRÓPOLIS *

(Alemanha, 1927) Direção: Fritz Lang. Com Alfred Abel, Gustav Froehlich, Brigitte Helm.

O QUE É: Clássico do cineasta alemão Fritz Lang que mostra um duelo de classes sociais na virada do milênio. A idéia surgiu depois que o diretor se maravilhou com a linha do horizonte de Nova York.

O QUE ACONTECE: Enquanto os ricos moram em torres luxuosas, os trabalhadores vivem no nível mais baixo da cidade. O romance entre um ricaço e uma trabalhadora leva um empresário a criar um robô à imagem e semelhança da mulher para liderar o proletariado para o caminho errado.

COMO NOS PREVENIR: Você deu uma boa olhada à sua volta ultimamente?

ROBOCOP – O POLICIAL DO FUTURO *

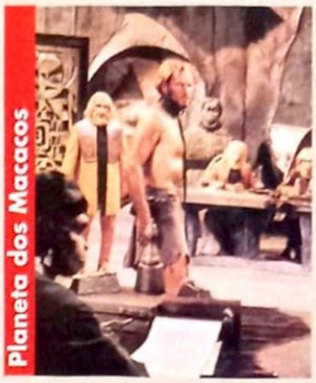
(RoboCop, EUA, 1987) Direção: Paul Verhoeven. Com Peter Weller, Nancy Allen, Ronald Cox.

O QUE É: Um policial em uma Detroit futurista é assassinado por uma gangue. Seu corpo é usado para uma nova experiência: criar uma máquina perfeita de combate ao crime.

O QUE ACONTECE: A Terra tornou-se uma imensa nação sob o domínio de megacorporações insensíveis a serviço de uma população dominada por programas idiotas de TV.

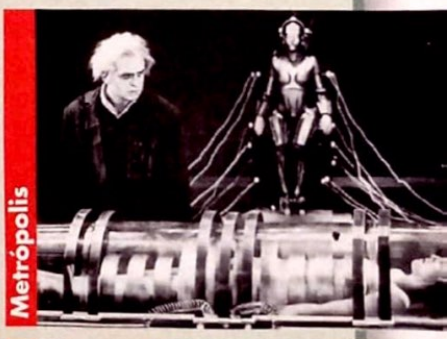
VAMOS NOS PREVENIR: Regra básica: entrar para uma ONG de apoio à desmilitarização das grandes potências. Programas imbecis de televisão podem ser aniquilados com um toque no controle remoto.


Laranja Mecânica


Planeta dos Macacos


Gattaca


Mad Max 2


Metrópolis


RoboCop



Fotos: Divulgação











ESTRANHOS PRAZERES *

(Strange Days, EUA, 1995) Direção: Kathryn Bigelow. Com Ralph Fiennes, Angela Bassett, Juliette Lewis.

O QUE É: Na última semana do milênio, um aparelho ligado ao cérebro para transmitir sensações vividas por outras pessoas é a nova mania da população. Um vendedor desses aparelhos se envolve numa conspiração que pode resultar na maior guerra civil do século.

O QUE ACONTECE: Los Angeles vive uma tensão racial prestes a explodir. A polícia é corrupta, a periferia ainda mais decadente e as drogas são substituídas por sensações cerebrais.

VAMOS NOS PREVENIR: O melhor é passar o último dia do ano em casa, com a família e amigos.

O MENSAGEIRO *

(The Postman, EUA, 1997) Direção: Kevin Costner. Com Costner, Will Patton, Olivia Williams.

O QUE É: Depois do holocausto nuclear, os Estados Unidos estão sem comunicação, quase de volta à era medieval. Depois de encontrar o corpo de um carteiro, um artista sai pelo país levando a falsa notícia da reintegração do governo norte-americano para conseguir alimento.

O QUE ACONTECE: As cidades voltam ao sistema de subsistência, produzindo para seu próprio consumo. O governo não existe e neo-militaristas pilham as cidades.

VAMOS NOS PREVENIR: A única coisa que podemos fazer é torcer para Kevin Costner não fazer mais filmes sobre um futuro pós-apocalíptico.

O EXTERMINADOR DO FUTURO *

(The Terminator, EUA, 1984) Direção: James Cameron. Com Arnold Schwarzenegger, Michael Biehn, Linda Hamilton.

O QUE É: Um membro da resistência humana do futuro viaja a 1984 para proteger a mãe do líder rebelde (ainda nem gerado) de um robô quase imbatível.

O QUE ACONTECEU: Depois da guerra nuclear que arrasou com a Terra, as máquinas, sob a liderança do computador SkyNet, passam a pulverizar os sobreviventes.

VAMOS NOS PREVENIR: Alguém conhece uma empresa chamada SkyNet? Na dúvida, todos podem mandar a tecnologia às favas, se mandar para o campo e meditar sobre alma e robótica.

THX-1138 *

(EUA, 1971) Direção: George Lucas. Com Robert Duvall, Donald Pleasence, Don Pedro Colley.

O QUE É: Mantido em um mundo subterrâneo, um prisioneiro se apaixona e é descoberto pelo governo, que o trancafia com mais dois rebeldes. O trio resolve confrontar o sistema.

O QUE ACONTECE: No século 25, a população é controlada com drogas que eliminam a vontade. Não existem nomes, e sim códigos especiais para reconhecimento. O sol não existe: a única luz é das telas de computadores e monitores de TV.

VAMOS NOS PREVENIR: O recomendável é procurar alguma seita antitecnologia. Ou, então, quando o computador não estiver olhando, insira um vírus.

O DORMINHOCO

(Sleeper, EUA, 1973) Direção: Woody Allen. Com Allen, Diane Keaton, John Beck.

O QUE É: Um comerciante sofre uma cirurgia de rotina que termina numa complicação mortal. No entanto, um pouco antes de o paciente morrer, os médicos pedem sua autorização para congelá-lo criogenicamente. Ele é acordado duzentos anos depois.

O QUE ACONTECE: O novo mundo é anti-séptico, habitado por uma civilização de acomodados. A tecnologia existe para poupar os humanos de qualquer esforço – como o sexo.

VAMOS NOS PREVENIR: Prefira o modo antigo de fazer as coisas de rotina. Se quiser tomar um suco, esprema a fruta e se delicie com o esforço.

OS 12 MACACOS *

(12 Monkeys, EUA, 1996) Diretor: Terry Gilliam. Elenco: Bruce Willis, Madeleine Stowe, Brad Pitt, Christopher Plummer.

O QUE É: O prisioneiro James Cole é enviado ao século 20 para tentar impedir um grupo terrorista de lançar um vírus que pode acabar com a humanidade.

O QUE ACONTECE: Em 2035, a maior parte dos seres humanos está morta e os poucos sobreviventes vivem em abrigos subterrâneos. James Cole é preso por ser muito independente. O ecoterrorismo é uma das grandes ameaças do futuro.

VAMOS NOS PREVENIR: Se alguém encontrar um maluco alegando ser um enviado do futuro, não custa nada ouvi-lo por uns minutos. Você pode estar salvando a humanidade!



O JUIZ *

(Judge Dredd, EUA, 1995) Direção: Danny Cannon. Com Sylvester Stallone, Armand Assante, Diane Lane

O QUE É: No século 22, qualquer ação subversiva é monitorada por policiais que têm o poder de julgamento. Um prisioneiro do juiz Dredd escapa da colônia penal e parte numa vingança contra seu algoz.

O QUE ACONTECE: A lei de Mega City, uma das três cidades que sobraram do holocausto nuclear, é extremamente rígida. Um cidadão pode receber pena de morte se dirigir bêbado.

VAMOS NOS PREVENIR: Alguns policiais de hoje agem como se estivessem em Mega City, mas a violência não pode ser contida sem passar por um sistema legal justo. Denuncie a violência!


O Juiz


Waterworld


Tropas Estelares

WATERWORLD *

(EUA, 1995) Direção: Kevin Reynolds. Com Kevin Costner, Dennis Hopper, Jeanne Tripplehorn.

O QUE É: Em duzentos anos as calotas polares terão derretido por causa da deterioração da camada de ozônio, inundando todos os continentes e tornando o planeta um imenso oceano. Os poucos sobreviventes vivem em embarcações ou em ilhas artificiais.

O QUE ACONTECE: Água potável é um artigo raro. Várias tribos vivem isoladas, temendo o ataque de piratas assassinos.

VAMOS NOS PREVENIR: Simplesmente devemos entrar em movimentos de defesa das florestas e parar de usar sprays, poluentes e até ar condicionado: tudo para proteger a camada de ozônio.

TROPAS ESTELARES *

(Starship Troopers, EUA, 1997) Direção: Paul Verhoeven. Com Casper Van Dien, Dina Meyer.

O QUE É: O planeta Terra está em guerra com uma raça de insetos espaciais. Jovens estudantes entram para a academia militar para combater a ameaça.

O QUE ACONTECE: A sociedade é alienada. A TV é estatal e militarista, e o planeta virou um imenso exército. Viagens interplanetárias são comuns, apesar de uma delas ter mexido no vespeiro dos insetos extraterrestres. Buenos Aires é aniquilada por um meteoro enviado pelos inimigos do espaço.

VAMOS NOS PREVENIR: Compre bastante inseticida e mantenha as baratas nojentonas do melhor jeito: esmagadas.

* disponível em vídeo

Seja razoável
Exija o melhor

ANTENA

A cada hora
56 minutos da
melhor música.



Arquivo Pessoal

a festa que O OSCAR ESQUECEU

Como a tecnologia tornou o maior evento de Hollywood uma celebração para muito poucos

Apesar de novamente radicada no Brasil, ainda estou listada como correspondente em Hollywood na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, recebendo boletins diários e convites para a entrega anual do Oscar. É uma gentileza da Academia, que reconhece os quase vinte anos que vivi e trabalhei em Hollywood, fazendo a cobertura de dezesseis cerimônias, de 1953 a 1968. Uma pergunta que me fazem até hoje é se sou membro da Academia. A resposta é *não*. Porque, como jornalista, não posso fazer parte dos atuais 4.164 membros – profissionais da arte cinematográfica com direito a votar nos indicados das suas respectivas categorias.

Atualmente, prefiro assistir aos shows via satélite pela televisão a cabo, de forma menos sofisticada, mas bem mais confortável. Porque a verdade é que os tempos mudaram. Devido aos avançados meios de comunicação, tudo se tornou muito técnico e impessoal. Os jornalistas que cobrem o evento – com seus crachás pendurados na lapela do smoking ou em luxuosos vestidos – são confinados em um salão no fundo do auditório, onde assistem à cerimônia em um telão e aguardam a rápida passagem dos vencedores para uma entrevista coletiva. Isso faz a imprensa se sentir como serviçais de uma casa em que só podem sentar na cozinha, nunca na sala de visitas.

Sem falso saudosismo, lembro que no meu tempo recebia convite com direito a acompanhante para cadeiras numeradas na platéia ou no balcão, enviava um fotógrafo credenciado aos bastidores ou aguardava o material fornecido na manhã seguinte pela própria Academia. Após a entrega das estatuetas acontecia o banquete-baile oferecido pela Board of Governors, uma junta administrativa composta pela alta cúpula da organização, no qual se reuniam vencedores e perdedores, sem precisar dar entrevistas ou posar para fotos. Sempre representei o Brasil nessas noitadas de descontração em que, por exemplo, sentada à mesa de George Stevens (pai e filho) conversávamos, bebíamos e comíamos do bom e do melhor, dançávamos ao lado de celebridades como Ingrid Bergman ou fazíamos par com David Niven ao som de "Night and Day".

Das cerimônias do Oscar a que assisti pessoalmente, a que mais me impressionou foi a de 6 de abril de 1959, quando o produtor Jerry Wald reuniu no palco do Pantages Theatre setenta (sim, setenta!) astros e estrelas de Hollywood que, de mãos dadas, cantaram o imortal "There's No Business Like Show Business". Relembro um fato inédito na história de Hollywood, que prova senso de justiça e bom coração dos dirigentes da Academia. Foi em 1965. Por ser mais conhecida no cinema, Audrey Hepburn ganhou o papel de Elisa em *My Fair Lady* – para desespero de Julie Andrews, criadora do musical na Broadway. Coube a Walt Disney compensar Julie proporcionando-lhe sua estréia no cinema em *Mary Poppins*, que acabou rendendo a ela o Oscar de atriz de 1964. Onde estava Audrey Hepburn com seu memorável *My Fair Lady*? Seria humilhação não ter sido sequer indicada às cinco finalistas? Nada disso. Em uma estratégia diplomática, os membros da Academia resolveram não colocá-la como candidata para não ter de competir com Julie. Não fosse sua extrema classe, Audrey nem teria comparecido à cerimônia. Mas ela não só foi uma das apresentadoras, como fez questão de cumprimentar Julie Andrews e posar para fotos com todos os vencedores.



Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados e de O Cruzeiro de 1952 a 1968.

★★★★★ excelente ★★★★ muito bom ★★★ bom ★★ regular ★ ruim

Abril/Fox



Banderas *(no centro)* Hopkins e Zeta-Jones: em defesa dos fracos e oprimidos

a máscara do ZORRO

Efeitos especiais são apenas detalhes nesta trama de honra e paixão

Qual seria, hoje, a característica que o público mais procura em filmes de aventura? Se na década passada o segredo estava nos efeitos especiais, a coisa definitivamente mudou de figura nestes últimos anos. Senão, como explicar a decepcionante bilheteria de superproduções como *Esfera* ou *Godzilla*? Simples: tais recursos tornaram-se rotina e estão espalhados por quase todos os lançamentos do gênero. *A Máscara de Zorro* não escapa da categoria, mas é inegável que a aventura do herói mascarado oferece um cardápio de entretenimento muito mais apetitoso do que o habitual.

Inspirado no personagem criado pelo cartunista Johnston McCulley em 1919, o filme dirigido pelo competente Martin Campbell (de *007 Contra Goldeneye*) foge da tradicional história do herói que ganhou vida na pele de astros do passado, como Douglas Fairbanks, em *A Marca de Zorro*, e Guy Williams, que fez a festa da garotada na aclamada série para TV dos anos 60.

Em uma sacada genial, o Zorro que conhecemos ataca de salvador da pátria apenas nas cenas iniciais. Logo em seguida, a trama assume um espírito "Merlin e Rei Arthur", quando o personagem, já envelhecido, procura alguém mais novo para tomar seu lugar. Sem abandonar o charme, mas seguindo um estilo incomum em sua carreira, Anthony Hopkins é Don Diego De La Vega, o nobre que no início do século 19 se escondeu sob a máscara negra para defender o povo da opressão espanhola durante a revolução pela independência do México. Por razões que seria uma pena revelar, ele fica preso por vinte anos e só sobrevive porque a sede de vingança o alimenta na clausura. Quando finalmente consegue fugir, De La Vega encontra seu seguidor na figura de um jovem bandidinho maltrapilho chamado Alejandro (Banderas).

Seguem-se, claro, todos os clichês do gênero: o árduo treinamento, a paixão do novo Zorro pela suposta filha do inimigo (a belíssima Catherine Zeta-Jones) e o duelo final entre os rivais do passado. Tudo isso embalado por muitas explosões, tiroteios e animadíssimas lutas de espada. Nesse caso, felizmente, os efeitos especiais são meros coadjuvantes de uma trama na qual o amor, a honra e a dignidade são temas que despontam em diálogos inteligentes e bem-humorados, em olhares significativos e na própria fotografia – esta sim uma das maiores qualidades desta produção, que se dá bem em algo a cada dia mais raro em Hollywood: contar uma história.

Suzana Uchôa Itiberê



★★★★

(The Mask of Zorro, EUA, 1998) Direção: Martin Campbell. Com Anthony Hopkins, Antonio Banderas, Catherine Zeta-Jones, Stuart Wilson. 136 min. Columbia TriStar.

SEIS DIAS, SETE NOITES ★★

romance Em outros tempos, Ivan Reitman poderia ter contado com Cary Grant e Audrey Hepburn nos mesmos papéis de Harrison Ford e Anne Heche. Mas com o roteiro que teve em mãos, o resultado teria sido o mesmo. *Seis Dias, Sete Noites* tenta resgatar o charme de antigas comédias românticas, mas escorrega quando tenta ser também um filme de ação. Tudo começa bem, com a ajuda do bom desempenho de David Schwimmer (da série *Friends*), que faz o romântico namorado de Robin (Heche). Ele a convida a trocar, por uma semana, o inverno de Nova York por uma quente ilha do Pacífico. Na viagem, conhecem Quinn (Ford), um sujeito que largou tudo por uma vida sem complicações num paraíso turístico. Mas os problemas não demoram a aparecer, e logo Quinn e Robin estarão sozinhos e em apuros numa ilha deserta. Ford e Heche, talvez inspirados pela proposta "vale tudo" que o filme assume a partir desse ponto, passam a traduzir a atração de seus personagens num festival de caretas. Tiros, explosões e correrias inverossímeis à parte, sobram paisagens estonteantes emprestadas das ilhas havaianas.

Marcos Smirkoff

Abril



Ford e Anne: festival de caretas

(Six Days, Seven Nights, EUA, 1998). ***Direção:*** *Ivan Reitman.* ***Com*** *Harrison Ford, Anne Heche, David Schwimmer, Jacqueline Obradors. 101 min. Abril*

Warner



Uma e Fiennes não salvam o roteiro ruim

OS VINGADORES

aventura ★

Quem imaginava que uma superprodução estreada por Ralph Fiennes, Uma Thurman e Sean Connery poderia naufragar? Baseado em uma famosa série de TV inglesa dos anos 60, o filme está mais para o desperdício do que para o divertimento. Há vários problemas: a escolha equivocada do elenco, um diretor deslocado (Jeremiah Chechik, de *Benny & Joon – Corações em Conflito*) e a narrativa irregular. Só quem conhecia a série dará algumas risadas com os diálogos rimados (que se perdem nas legendas) ou com as paradas para o chá. Engraçado mesmo é ver o ex-007 com o saiote escocês dizendo que vai dominar o mundo. O resto parece uma colagem de situações em cenários extravagantes.

Ricardo Matsumoto

(The Avengers, EUA, 1998) ***Direção:*** *Jeremiah Chechik.* ***Com*** *Ralph Fiennes, Uma Thurman, Sean Connery. 90 min. Warner*

O ENCANTO DAS FADAS

drama ★★★

Durante a Primeira Guerra, em 1917, as meninas Elsie Wright e Frances Griffiths, de doze e oito anos, tomam emprestada uma câmera e fotografam fadas no jardim de sua casa. As imagens surpreenderam a Inglaterra – a começar pelo escritor Arthur Conan Doyle, pai do personagem Sherlock Holmes, que fez questão de conhecer pessoalmente a dupla –, e até hoje dividem crentes e céticos em torno de sua veracidade. Dirigido com discrição e delicadeza, *O Encanto das Fadas* toma claramente o partido das garotas, mas agrada até a quem acha tudo isso uma bobagem. Além das boas interpretações da dupla infantil, há ainda saborosas participações de Peter O'Toole, como Conan Doyle, e de Harvey Keitel, no papel do mágico Houdini.

Isabela Boscov

Paris



A menina e a fadinha: foto polêmica

(Fairy Tale – A True Story, Inglaterra, 1997) ***Direção:*** *Charles Sturridge.* ***Com*** *Florence Hoath, Elizabeth Earl, Paul McGann, Phoebe Nichols, Peter O'Toole, Harvey Keitel. 99 min. Paris*

ESPORTE DO FUTURO

ficção científica ★★★

Se você se perguntava por onde andava Dean Cain após o fim da série *Lois e Clark: As Novas Aventuras do Superman*, aqui está a resposta. Em 2025, Tremaine Ramsey (Cain) é a estrela de um esporte violento que vira o centro de uma disputa política. O astro Wesley Snipes também é produtor deste telefilme, que inclusive pode virar série. Destaque para os caprichados efeitos especiais.

(Future Sport, EUA, 1998) ***Direção:*** *Ernest Dickerson.* ***Com*** *Dean Cain, Wesley Snipes. 90 min. Columbia TriStar*

NA RIQUEZA E NA POBREZA



comédia ★

Tim Allen já é pouco conhecido no Brasil, e ao fazer uma comédia fraca como esta só diminui as chances de ser alguém por aqui. Na trama, um casal de yuppies (Allen e a fofa Kirstie Alley) à beira da separação e da falência escapam do fisco americano ao se refugiar numa comunidade amish. O que vem a seguir é manjado: a dupla redescobre o amor, os amish se modernizam e o pobre do espectador boceja sem parar.

(For Richer or Poorer, EUA, 1997) ***Direção:*** *Bryan Spicer.* ***Com*** *Tim Allen, Kirstie Alley. 114 min. CIC*

BRINCANDO COM A MORTE

policial ★ **INÉDITO NO CINEMA**

David Duchovny, o astro de *Arquivo X*, passou as férias fazendo esse suspense em vez de descansar. Péssima escolha: este *Brincando com a Morte* é uma verdadeira bomba. Duchovny é um ex-cirurgião viciado em drogas que se envolve com um gângster da pesada. Quando você pensa que o filme vai ser apenas ruim, ele desaba na mais completa idiotice. Fuja.

(Playing God, EUA, 1997) ***Direção:*** *Andy Wilson.* ***Com*** *David Duchovny, Timothy Hutton, Angelina Jolie, Michael Massee, Peter Stormare. 94 min. PlayArte*

LOUCO DE CIÚMES

comédia ★★★ **INÉDITO NO CINEMA**



Lester adora Ramona, mas um detalhe o impede de ser feliz: o ciúme doentio que sente dela. Por isso ele não hesita em entrar para o grupo de terapia de um de seus ex-namorados – o jovem e elogiado escritor Dashiell. Lester assume o nome, a vida e os problemas de seu melhor amigo, Vince, mas é claro que a essa altura a confusão já está armada. O tema é modesto, mas diverte.

(Mr. Jealousy, EUA, 1998) ***Direção:*** *Noah Baumbach.* ***Com*** *Eric Stoltz, Annabella Sciorra, Chris Eigeman, Carlos Jacotti, Marianne Jean-Baptiste. 100 min. Europa*

ALÔ?! E A MINHA COMISSÃO?

comédia ★★



Em sua estréia na direção de longas-metragens, a cineasta Mara Mourão acertou nos ângulos, mas errou no ritmo ao permitir o exagero de alguns intérpretes, principalmente Betty Lago e Herbert Richers Jr. A trama mostra personagens de diversas classes sociais diante da oportunidade de enriquecer em um único dia. Nessa jornada de astúcia e ingenuidade, o roteiro tem bons achados nas cenas em que a ausência de ética é enfatizada.

(Brasil, 1998) ***Direção****: Mara Mourão.* ***Com*** *Betty Lago, Herbert Richers Jr., Myrian Muniz, Wellington Nogueira, Duda Mamberti, Márcio Ribeiro. 95 min. PlayArte*

GENTE FINA É OUTRA COISA

comédia ★★

Atores de diversas séries de TV (*Frasier, Seinfeld, Cosby, The Single Guy, Third Rock Form the Sun*) reúnem-se neste telefilme baseado em peça de Neil Simon sobre americanos hospedados em um hotel de Londres. Poucas boas piadas não evitam a falta de graça generalizada – culpa não apenas do texto original, um Simon de safra inferior, mas também de parte do elenco.

(London Suite, EUA, 1996) ***Direção****: Jay Sandrich.* ***Com*** *Kelsey Gramer, Julia Louis-Dreyfus, Michael Richards, Madeline Kahn, Jonathan Silverman. 89 min. Alpha*

ROTA DE FUGA

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA



Não se engane pelo título: esta não é uma daquelas fitas de ação que abusam dos clichês. Trata-se, na verdade, de um curioso drama estrelado, escrito e dirigido por Matthew Modine. Ele é um ex-criminoso em condicional que quer se endireitar, mas acaba se metendo em confusão para tirar o irmão de uma sinuca. John Hurt rouba a cena como o pai trambiqueiro.

(If...Dog...Rabbit, EUA, 1998) ***Direção****: Matthew Modine.* ***Com*** *Matthew Modine, John Hurt, Bruce Dern, Kevin O'Connor, David Keith. 108 min. Playarte*

A VIDA SECRETA DE MEU MARIDO

policial ★★ INÉDITO NO CINEMA

Só a experiência e a boa vontade de veteranos como Anne Archer e James Russo engrandecem essa trama policial lenta e previsível, que gira em torno da investigação da viúva de um policial sobre as verdadeiras causas da morte do marido. Traições, manobras arriscadas e inesperados amigos são recursos usados para apimentar a narrativa, sem muito sucesso.

(My Husband Secret Life, EUA, 1998) ***Direção****: Graeme Clifford.* ***Com*** *Anne Archer, James Russo, Maria Conchita Alonso, Marguerite Moreau, Gerard Plunkett. 92 min. CIC*

LILY DALE – CONFLITO DO CORAÇÃO

drama ★★

Com a morte do pai e o segundo casamento da mãe, Horace é banido para longe da família pelo padrasto. O reencontro, anos depois, é marcado pela doença que o força a ficar na casa, onde provoca transtorno ao recordar traumas e alegrias do passado. Mary Stuart Masterson (de *Tomates Verdes Fritos*) está ótima como a irmã mimada. Do mesmo modo, Sam Shepard (de *O Dossiê Pelicano*) faz um padrasto cruel e abominável. Ambos são desumanos com Horace, enquanto a mãe, Stockard Channing (de *Da Magia à Sedução*), tenta protegê-lo. A produção mantém um clima sombrio e depressivo, até porque se limita à sala da casa durante quase toda a sua duração.



Família em crise

Juliana Pereira

(Lily Dale, EUA, 1997) ***Direção****: Peter Masterson.* ***Com*** *Mary Stuart Masterson, Sam Shepard, Stockard Channing, Jean Stapleton, Peter Morsterson. 120 min. Alpha*

HEAVY METAL – UNIVERSO EM FANTASIA

ficção científica ★★★★ INÉDITO NO CINEMA



Fantasia: julgamento espacial

Demorou mais de uma década para que este cultuado longa de animação baseado na famosa revista em quadrinhos adultos chegasse oficialmente ao Brasil. Desde seu lançamento, em 1981, *Heavy Metal* foi exibido em mostras e em cineclubes até virar campeão de locações em fita pirata. O filme é, para usar um termo para lá de batido, uma viagem. Mostra a evolução do Mal e sua influência em várias épocas e dimensões. Mas isso não passa de uma desculpa para animar quadrinhos clássicos de feras como Richard Corben e Berni Wrightson – com uma perfeição que não deve nada aos desenhos computadorizados de hoje –, embalados por uma trilha sonora que resume com precisão a década de 80. Um clássico para ter em casa.

Roberto Sadovski

(Heavy Metal, EUA, 1981) ***Direção****: Gerald Potterton.* ***Com*** *as vozes de John Candy, Joe Flaherty, Eugene Levy, Harold Ramis. 90 min. Columbia TriStar*

A NEGOCIAÇÃO ★★★

suspense **Mais do que um eficiente jogo psicológico de gato e rato, este suspense dá um passo à frente na conquista de novos espaços para os profissionais afro-americanos. F. Gary Gray levou a cabo esta que é a produção mais cara já confiada a um diretor negro em Hollywood. OK, o filme poderia muito bem ter sido dirigido por outro cineasta qualquer, já que o diretor funciona apenas como o arquiteto de uma bela intriga. É o bastante, porém, para que o espectador deguste um espetáculo que, fato raro, respeita a inteligência. Samuel L. Jackson é Danny Roman, policial especializado em negociar com seqüestradores. Quando seu parceiro e melhor amigo é assassinado por ter descoberto um esquema de corrupção dentro da força policial, Roman vê sua honra ser pisoteada e cai em uma armadilha que pode liquidar sua carreira. Acuado, percebe que a única opção é agir como um seqüestrador comum para se fazer ouvir. Assim, escolhe como "negociador" Chris Sabian (Kevin Spacey), outro mestre na arte da persuasão. A tensão cresce graças aos diálogos afiadíssimos e à presença de bons atores (entre eles, J.T. Walsh). O roteiro peca por abandonar o suspense psicológico e ressaltar a força física, mas nada diminui o poder desse duelo de titãs.**

Christian Petermann

(The Negotiator, EUA, 1998) ***Direção****: F. Gary Gray.* ***Com*** *Samuel L. Jackson, Kevin Spacey, David Morse, Joel Grey, J.T. Walsh, Ron Rifkin, John Spencer. 140 min. Warner*



Sam Jackson e Spacey: mestres na arte da

VÍDEOS LANÇAMENTOS


Flashstar

Furlong: sob os cuidados das primas

ENSINA-ME A VIVER

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Não confunda *Harold and Maude* (71), de Hal Ashby (também lançado no Brasil como *Ensina-me a Viver*), com esta adaptação de *A Harpa da Erva* (52), romance autobiográfico de Truman Capote (1924-1984), mais conhecido como o autor de *A Sangue Frio* e *Bonequinha de Luxo*. Escritor adulto relembra a morte dos pais, quando tinha onze anos, e a mudança para a casa de duas primas, uma autoritária (Sissy Spacek) e a outra sonhadora (Piper Laurie), em uma pequena cidade no sul dos EUA, nos anos 40. O contato com adultos, incluindo um juiz aposentado (Walter Matthau, aqui dirigido pelo filho caçula), marca-lhe a juventude. Honesto e simpático como o elenco, apesar da sensação de que o cinema norte-americano já contou outras histórias como essa.

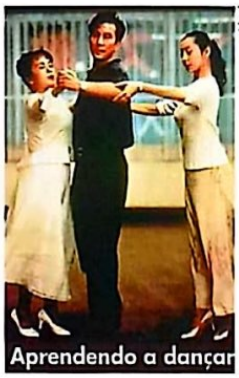
Sérgio Rizzo

(The Grass Harp, EUA, 1995) **Direção**: *Charles Matthau.* **Com** *Piper Laurie, Walter Matthau, Sissy Spacek, Edward Furlong, Jack Lemmon, Mary Steenburgen. 102 min. Flashstar*

DANÇA COMIGO?

comédia ★★★★

A afirmação pode soar tola, mas este é um filme a que se assiste com um sorriso no rosto. Um dos maiores sucessos do cinema japonês – foi a produção nipônica mais assistida nos EUA em todos os tempos –, *Dança Comigo?* é um convite irresistível. Partindo do fato de o Japão não ter o costume de praticar a dança de salão – o contato físico e público entre casais ainda é um tabu considerável na cultura local –, o roteiro mostra um grupo de pessoas comuns que, por baixo dos panos e com muita vergonha, decide aprender a dançar para injetar um novo ânimo à vida rigorosamente planejada do proletariado japonês. O filme tem um carinho especial por todos os personagens, e as sutilezas do roteiro conquistam o espectador mais sensível. Este é levado pelo ritmo fluido da história, uma ode emocionante àqueles que perseguem seus próprios sonhos.


Abril

Aprendendo a dançar

Christian Petermann

(Shall We Dance?, Japão, 1996) **Direção**: *Masayuki Suo.* **Com** *Tamiyo Kusakari, Naoto Tasakari. 118 min. Abril*

O CLUBE DOS PRAZERES

comédia ★★ INÉDITO NO CINEMA

O roteiro do diretor, que adapta a peça teatral homônima escrita por sua mulher, Pam Gems, mostra dois dias na vida de três garotas de programa de um bordel de luxo. O filme seria moralista se não houvesse uma cena conclusiva depois dos créditos finais, que modifica o tradicional final feliz. O maior atrativo é o elenco, com atores como Vincent Perez, Michael York e Seymour Cassel em papéis por vezes constrangedores.

(The Treat, EUA, 1997) **Direção**: *Jonathan Gems.* **Com** *Julie Delpy, Georgina Cates, Pam Gidley, Daniel Baldwin, Patrick Dempsey. 86 min. PlayArte*

APRENDENDO A SER GRANDE

drama ★★★

Centralizado no apego de um jovem pelo filhote de uma corça, este telefilme triste e edificante mostra como as adversidades da natureza acirram a transição da adolescência para a fase adulta. Nesta delicada e segunda versão do livro *Virtude Selvagem*, de Marjorie Kwinan Rawling, o herói vive perturbado ao ver as chuvas e os animais prejudicando a colheita da já difícil vida rural nos anos 20.

(The Yearling, EUA, 1994). **Direção**: *Rod Hardy.* **Com** *Peter Strauss, Jean Smart, Wil Horneff, Philip Seymour Hoffman, Jarred Blancard, Nancy Moore Atchinson. 98 min. Alpha*

A RAZÃO DO MEU AFETO ★★★★

romance O diretor Nicholas Hytner (de *As Bruxas de Salem*) soube expor com clareza e bom humor uma situação que se vê com mais freqüência nos dias de hoje: a paixão da mulher por um homossexual. Mesmo sabendo dessa condição, Nina Borowski (Jennifer Aniston, da série *Friends*) acaba sentindo-se atraída por George Hanson (Paul Rudd), professor que, depois de levar um fora de seu parceiro (Timothy Daly), vai dividir um apartamento com ela. O rapaz, generoso e disposto a assumir a paternidade da criança que Nina está esperando, vive perturbado pelo seu antigo amor e por novas tentações do mesmo sexo. Porém, ela insiste e compete. Desencadeando mais confusões na agitada trama, ainda existem personagens hilariantes, como a sufocante irmã de Nina (Allison Janey) e um crítico de teatro gay (Nigel Hawtorne) que expõe brilhantes conceitos sobre os triunfos e os danos no amor. Reavaliando valores comportamentais e derrubando preconceitos, o filme é divertido e romântico.


Abril

Rudd é o homossexual que conquista o coração de Jennifer

(The Object of My Affection, EUA, 1998) **Direção**: *Nicholas Hytner.* **Com** *Jennifer Aniston, Paul Rudd, Alan Alda, Allison Janey, Nigel Hawtorne, Timothy Daly. 112 min. Abril*

Alfredo Sternheim

O JARRO

drama ★★★★

O velho jarro d'água que serve a uma escola no interior do Irã um dia se quebra. E a paciência de um professor bem-intencionado vai ser testada ao limite. Partindo desse argumento simples, o diretor Foruzesh expõe, com vigor e delicadeza admiráveis, as complicadas relações sociais de uma pequena comunidade. O filme foi premiado em Locarno e em São Paulo.



(Khomreh, Irã, 1992). **Direção**: *Ebrahim Foruzesh.* **Com** *Behza Khodavicy, Fatemeh Arze. 90 min. Cult Filmes*

OS SOLDADOS BUFFALO

aventura ★★

O parceiro de Mel Gibson na série *Máquina Mortífera* narra a história dos "soldados búfalos", negros que serviram o exército americano e foram eternizados até em canção do astro do reggae Bob Marley. Danny Glover interpreta o sargento Washington, que parte com seu regimento em busca de um chefe apache. Um tema interessante que peca pela falta de ritmo.

(Buffalo Soldier, EUA, 1998) **Direção**: *Charles Raid.* **Com** *Danny Glover, Bob Gunton, Carl Lumbly. 120 min. Europa*

OS ITALIANOS

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA



Em meados da década de 60, um trem parte de Palermo, na Sicília, com destino a Milão. A bordo, um grupo eclético que divide o mesmo sentimento de esperança traça um retrato da caótica Itália da época. Num determinado momento, o trem cruza um outro que vai na direção oposta: é o mesmo trem vinte anos depois, mostrando onde a esperança levou aquelas pessoas.

(Italiani, 1996, Itália) **Direção:** *Maurizio Ponzi.* **Com** *Giulio Scarpati, Giuliana De Sio, Tiziano Lodato, Ivano Marescotti, Marco Leonardi. 93 min. Flashstar*

O ÚLTIMO BEIJO

musical ★★★

Refilmagem produzida para televisão, com uma adaptação jovem, charmosa e bem-intencionada de musical de sucesso da Broadway, que já teve uma versão para o cinema em 1963, dirigida por George Sidney. Às vésperas de partir para a guerra, ídolo e cantor pop vai até uma cidade do interior dar o beijo de despedida em garota premiada. Boa diversão, mas apenas para quem curte o gênero.

(Bye, Bye, Birdie, EUA, 1995) **Direção:** *Gene Saks.* **Com** *Jason Alexander, Vanessa Williams, Chynna Phillips, George Went, Tyne Daly. 144 min. Alpha*

JOGOS DE SEDUÇÃO

policial ★ INÉDITO NO CINEMA

A canastrona Sean Young banca a Linda Fiorentino de *O Poder da Sedução* no papel de uma vigarista que passa a perna em seu chefe mafioso e foge com uma bolada de dólares. Encontra abrigo numa lanchonete de estrada e fisga o proprietário. Em seu encalço, um dos companheiros traídos. Será que alguém agüenta ver uma requentada e previsível trama *noir* com morena fatal?

(Out of Control, Inglaterra/Canadá, 1998) **Direção:** *Richard Trevor.* **Com** *Sean Young, Tom Conti, Larry Day. 92 min. Playarte*

ALMA DE POETA, OLHOS DE SINATRA

romance ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Ambientada em um café de São Francisco onde só tocam músicas de Frank Sinatra, a história de uma jovem aspirante a atriz que sofre de insônia ganha pontos exatamente por ser verborrágica. Os diálogos sobre amor e amizade são afiadíssimos. A graça maior, porém, está na inversão de papéis, que traz a protagonista abusando do jogo da sedução para conquistar um rapaz comprometido.

(Dream For an Insomniac, EUA, 1998) **Direção:** *Tiffanie DeBartolo.* **Com** *Ione Skye, Jennifer Aniston, MacKenzie Astin, Michael Landes, Seymor Cassel. 88 min. Columbia TriStar*

CORAÇÃO ILUMINADO ★★★★

drama **Depois de ter vencido um câncer linfático e após jejum cinematográfico de oito anos, Hector Babenco retornou às telas com uma história de traços autobiográficos. Em seu filme mais intimista, lida com recordações e afetividades pessoais. Na primeira parte, Juan (Walter Quiróz) contraria as vontades de seu pai, que lhe deseja uma carreira mais sólida, e se une a excêntrica trupe de artistas argentinos dispostos a fotografar a aura humana. Apaixonado pela deprimida Ana (Maria Luíza Mendonça), ele vive o primeiro grande amor da sua vida, que acaba em tragédia. Vinte anos depois, após se consagrar como cineasta, Juan (agora vivido por Miguel Angel Solá) retorna à Argentina para acertar as contas com o passado. Nesta segunda parte, Babenco é menos realista: a personagem de Lilith (Xuxa Lopes, carregando no tom teatral) é pura fantasia. O desfecho pode desagradar quem busca algo mais concreto. O diretor apela para a simbologia – é quase impossível ficar indiferente à sua transgressão narrativa. Ignorado no Festival de Cannes 98, acabou dividindo a crítica também no Brasil. É preciso gostar de temas como reencarnação e vidas passadas para aprovar a proposta até agora mais radical de um cineasta perfeccionista e inquieto.**

Miguel Barbieri Jr.



Columbia TriStar

Angel Solá e Xuxa: simbologia e vidas passadas

(Coração Iluminado, Brasil, 1998) **Direção:** *Hector Babenco.* **Com** *Walter Quiróz, Maria Luíza Mendonça, Miguel Angel Solá, Xuxa Lopes, Norma Aleandro, Villanueva Cosse. 132 min. Columbia TriStar*

A NOIVA DE CHUCKY

terror ★★★



Paris

Chucky: romance

Um dos grandes méritos de *Pânico* foi ter rejuvenescido o terror, citando clássicos do gênero entre uma facada e outra. Esse modelo rejuvenesceu Chucky, o simpático bonequinho que se divertia cortando gargantas alheias. Neste aqui, o garoto dos três filmes anteriores dá lugar a uma Jennifer Tilly exalando peruagem. No papel da amada do monstrinho, Tilly acaba por se transformar numa Barbie com instintos assassinos e dá o toque de humor que transforma a série. Entre citações ao roqueiro cavernoso Marilyn Manson e uma inusitada cena de sexo entre os "protagonistas", *A Noiva de Chucky* agrada a quem espera diversão sem compromisso. E tem uma das melhores definições do morre-ressuscita que acompanha a carreira de Chucky, Freddy Krueger, Jason e outros vilões da mesma cepa: "Eu sempre volto. Mas morrer é um pé no saco".

Sérgio Martins

(Bride of Chucky, EUA, 1997) **Direção:** *Ronnie Yu.* **Com** *Jennifer Tilly, Alexis Arquette, John Ritter. 89 min. Paris*

OSCAR E LUCINDA

drama ★★★★

Neste romance ambientado no século 19 e adaptado da obra do conterrâneo Peter Carey, a australiana Gilliam Armstrong (*Adoráveis Mulheres*) coloca sua conhecida sensibilidade a serviço da narrativa e do lirismo cinematográficos. O encontro entre Oscar (Ralph Fiennes, brilhante), um excêntrico dividido entre a fé e a paixão pelo jogo, e Lucinda (Cate Blanchett, vencedora do Globo de Ouro por *Elizabeth*), arrojada mulher em conflito entre a fábrica de vidro e a paixão pela jogatina, acontece no navio que os leva para a Austrália. O jogo os une e essa paixão dilacerante pode ser compartilhada. Mas a culpa os obriga a um derradeiro sacrifício: transportar uma igreja de vidro para o lugarejo onde Oscar será pároco. É quando toda a requintada técnica do filme converge para criar emoção e beleza nesta rara e humaníssima saga romântica.

Fátima Gigliotti



Paixão pelo jogo une os protagonistas

(Oscar and Lucinda, EUA/Austrália, 1997). **Direção:** *Gilliam Armstrong.* **Com** *Ralph Fiennes, Cate Blanchett, Ciaran Hinds, Tom Wilkinson, Richard Roxburgh. 133 min. Abril*

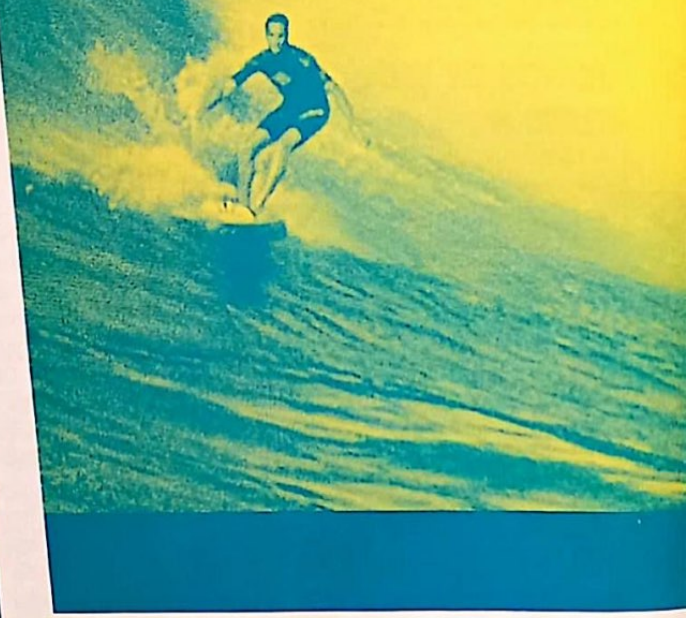
NÃO DAVA PRA SABER SE TINHA

MAIS ÁGUA

EM CIMA OU EMBAIXO







TEM MAIS NA FLUIR DE MARÇO:

A MELHOR PERFORMANCE BRASILEIRA

DE TODOS OS TEMPOS NO HAWAII

EDITORA PEIXES

Fluir

SURF É FLUIR

operação FRANÇA

Gene Hackman é o anti-herói deste clássico do cinema de ação

Por Isabela Boscov



Pense nas mais impressionantes perseguições de automóveis que você já viu, nos mais duros e realistas filmes sobre policiais, nas melhores atuações de Gene Hackman. E daí junte tudo em um só filme. Aliás, filmaço. *Operação França*, dirigido em 1971 por William Friedkin, consegue a proeza de se manter insuperável em vários dos quesitos que o fizeram famoso, como um desses atletas olímpicos cujos recordes ninguém consegue esquecer.



Popeye não perdoa: Gene Hackman não mede esforços para pegar o bandido

Reprodução

Bons tempos aqueles em que, no vácuo criado pelo declínio do faroeste e do capa-e-espada, o cinema de ação voltara a ser território virgem, pedindo para ser conquistado. Em vez de recorrer a terroristas psicóticos ou a meteoros desgovernados, como nove entre dez diretores de hoje, Friedkin foi buscar inspiração em dois gêneros muito diferentes: os filmes de gângster da década de 30 e os filmes políticos que andavam sendo feitos na Europa.

Dessa combinação inusitada nasceu um híbrido que faria história. Gene Hackman é Popeye Doyle, um policial que odeia traficantes de drogas com todas as suas forças – e olhe que força é o que não lhe falta. Mas Popeye não é bem um herói. É tão brutal, frio e cruel quanto os bandidos que persegue. E bem mais vulgar, considerando-se que do outro lado da trincheira está Fernando Rey, um francês com jeito de dândi que está prestes a despejar mais de cinqüenta quilos de heroína nas ruas de Nova York. Como nos bons jogos de gato e rato, ambos sabem direitinho qual é a do outro, mas precisam respeitar as regras da caça. Pelo menos até o momento em que alguém vire o tabuleiro e jogue todas as peças para cima.

Quando a virada chega, o espectador percebe que nada poderia prepará-lo para tal explosão de fúria. Cego de ódio com um franco-atirador que tentou matá-lo, Hackman persegue o sujeito primeiro a pé, correndo, e depois de carro, a toda velocidade, enquanto no viaduto que passa sobre sua cabeça o bandido viaja no trem do metrô. Só não se pode dizer que é a perseguição mais famosa do cinema porque concorre com aquela protagonizada por Steve McQueen em *Bullitt*, de 1968. Mas talvez seja a mais inovadora. Uma câmera foi colocada no banco traseiro do carro de Hackman, e outra no pára-choque dianteiro. Combinadas na montagem fulminante, as duas proporcionam sensações que vão da vertigem à euforia.

Operação França merece todos os Oscar que levou (melhor filme, ator, diretor, roteiro adaptado e montagem) e toda a notoriedade que conquistou. Vê-lo ou revê-lo é um bom lembrete de que hoje em dia, quando caras como Friedkin se dedicam a bobagens como *Jade* e o cinema de ação virou sinônimo de pirotecnia, está mais do que na hora de alguém preparar uma nova revolução.

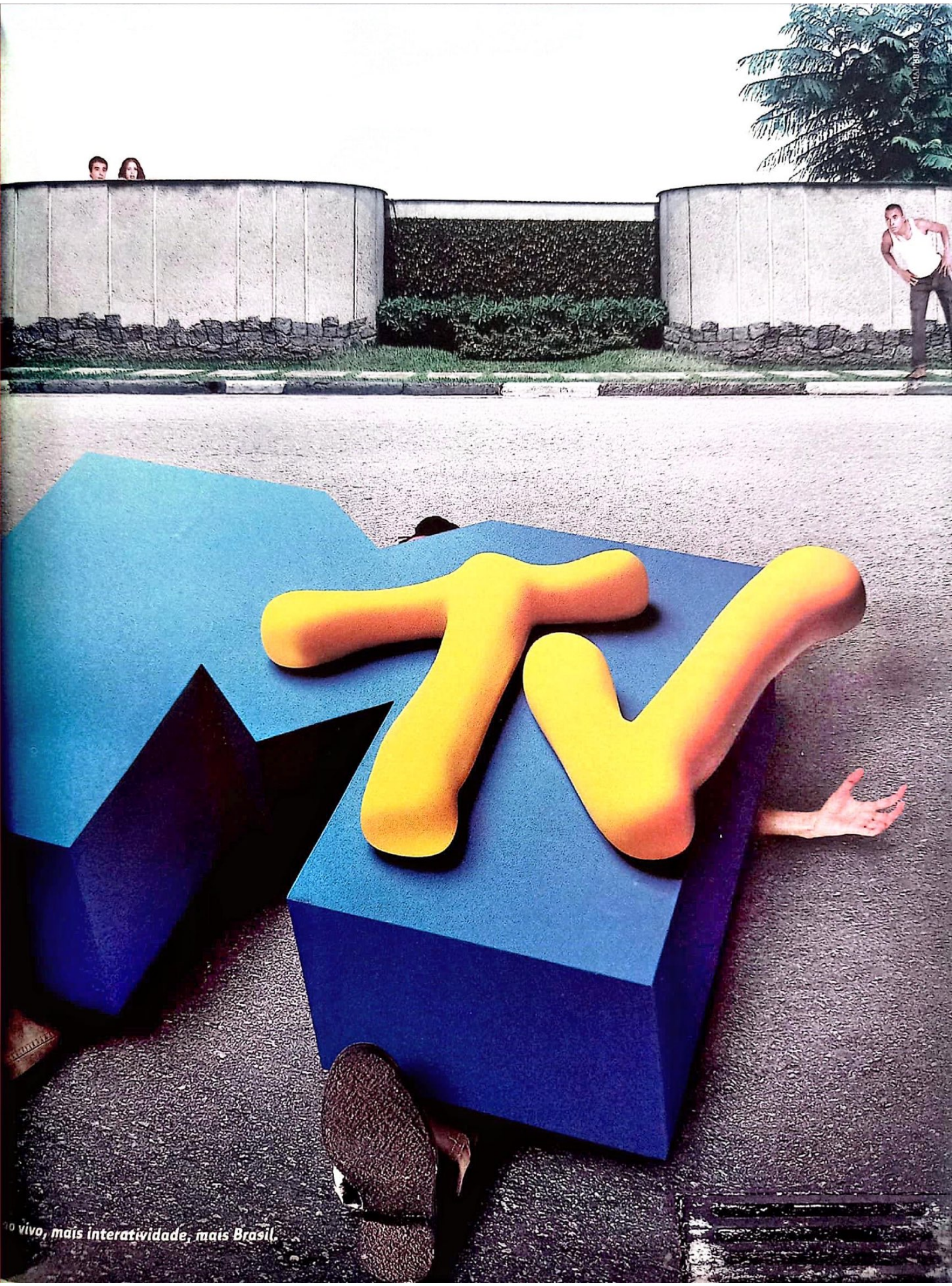
(The French Connection, EUA, 1971) ***Direção:*** *William Friedkin.* ***Com*** *Gene Hackman, Fernando Rey, Roy Scheider, Tony Lo Bianco, Marcel Bozzufi, Frederic de Pasquale, Bill Hickman. 104 min.*

Na FOX dia 5, às 23h

FIQUE LIGADO TAMBÉM EM...

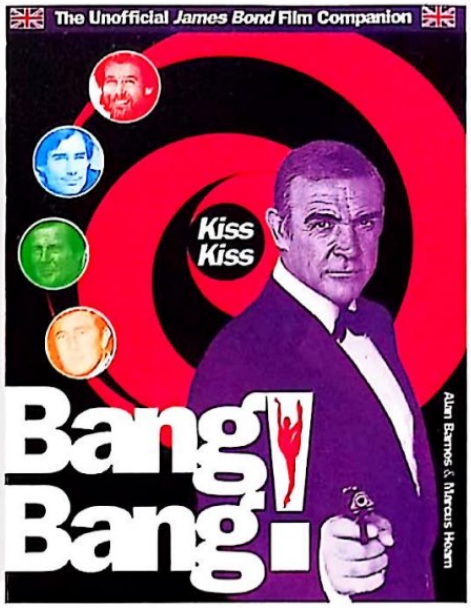
• ***O Candidato***, sátira política com Robert Redford, na TNT, dia 21, às 21h • ***Núpcias Reais***, musical com Fred Astaire e Jane Powell, na TNT, dia 15, às 4h • ***Butch Cassidy***, faroeste clássico com Paul Newman e (de novo) Robert Redford, na FOX, dia 8, às 17h; e dia 23, às 4h e às 9h • ***Carruagens de Fogo***, drama imortalizado pela trilha de Vangelis, na FOX, dia 10, às 4h e às 17h; e dia 26, às 4h e às 9h


A MTV 99
vai te pegar.
MTV Brasil. Na sua língua. Mais diversão, mais música, mais informação, mais sexy, mais surpreendente, m
www.mtv.com.br


TV
ao vivo, mais interatividade, mais Brasil.

TUDO SOBRE BOND, JAMES BOND

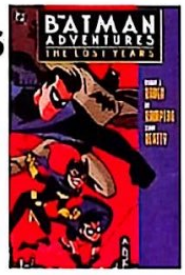
livro Saiba de todos os detalhes da vida do mais famoso agente secreto do cinema. Em ***The Unofficial James Bond Film Companion – Kiss, Kiss, Bang! Bang!*** é contada toda a trajetória de sucesso do famoso agente 007 nas telas. O livro, escrito por Alan Barnes & Marcus Hearn, traz a filmografia completa e em detalhes de James Bond desde sua estréia em *007 Contra o Satânico Dr. No* até o recente *007 – O Amanhã Nunca Morre*. O livro fala também sobre todos os atores que já viveram Bond, desde Sean Connery até Pierce Brosnan, dá uma geral nos filmes não oficiais da série, como *Casino Royale* (no qual o agente foi interpretado por David Niven) e ainda traz curiosidades sobre as locações das produções e das notáveis Bondgirls. *Kiss, Kiss, Bang! Bang!* pode ser encomendado em importadores, como a livraria Devir, no telefone (011) 242-8524.



Fotos: Divulgação

BATMAN E OS ANOS PERDIDOS

quadrinhos



A série animada do Batman é, de longe, a melhor versão do Cavaleiro das Trevas fora dos quadrinhos. Recentemente, toda a série foi reformulada para comportar um novo Robin e dar mais espaço para a Batgirl. Este ***The Batman Adventures – The Lost Years*** mostra justamente essa fase, na qual o antigo Robin se desentende com seu parceiro, sai de Gotham City e vira o herói Asa Noturna. *The Lost Years* pode ser encomendado em importadoras ou pela Internet, no endereço www.amazon.com. O preço de capa é 9,95 dólares.

EXTERMINADOR DE RESINA

memorabilia

Lembra daquele tempo em que você era criança e sonhava em ter os brinquedos dos seus heróis e ídolos do cinema, só que eles nunca eram lançados? Mas isso é passado. Hoje em dia é possível encontrar as mais variadas miniaturas de personagens do cinema e da televisão, como é o caso deste ***Exterminador do Futuro*** de quase quarenta centímetros de altura, feito totalmente em resina, ideal para enfeitar sua videoteca. Todo detalhado, o kit, que já vem montado e pintado, pode ser encontrado na Time Toys, telefone (011) 3107-4572.



EMBALOS OBRIGATÓRIOS

cd



Para quem gosta de um bom rock'n'roll ou de um rap descolado, a trilha sonora do filme ***Mal Posso Esperar*** (ainda inédito no Brasil) é obrigatória. O destaque do CD é o sucesso do grupo Smash Mouth, "Can't Get Enough of you Baby". Mas também tem muita coisa boa, como a curiosa "Turn it up/Fire it up", do Busta Rhymes – que usa como base o tema de abertura de *A Supermáquina*, série clássica de televisão dos anos 80. Também estão presentes no álbum o rap do RunDMC e até os sumidos Guns N' Roses com o hit "Paradise City". Disponível nas lojas especializadas em CDs importados.

DEMÔNIO EM EDIÇÃO ESPECIAL

dvd A Warner Home Video está lançando em DVD uma edição especialíssima do clássico ***O Exorcista*** em comemoração aos seus 25 anos de lançamento. Nesta nova versão foram acrescentadas cenas inéditas – como a horripilante seqüência em que Linda Blair desce a escadaria de sua casa como uma aranha infernal, com o pescoço virado e língua de demônio. Todas as cenas, aliás, foram recuperadas digitalmente e a trilha sonora ganhou uma nova remixagem. A supervisão ficou a cargo do próprio William Friedkin, diretor do *O Exorcista* original, que inclusive faz uma aparição apresentando ao público as novidades dessa edição comemorativa. O DVD traz também entrevistas com o elenco, além de quatro trailers originais feitos para o cinema e seis comerciais para a televisão. Para quem não conhece ou já esqueceu a trama (o que é bastante improvável), o filme mostra como o padre Merrin (Max Von Sydow) exorciza o demônio do corpo da garota Regan (a sumida Linda Blair).


O Exorcista: terror infernal

GAROTADA DA PESADA

videogame



As crianças mais politicamente incorretas da TV estão invadindo o mundo dos games. No jogo para N64 ***South Park***, você poderá optar em ser Kyle, Stan, Kenny ou o gordinho Cartman para defender a Terra de terríveis alienígenas, perus mutantes e mais uma porção de criaturas esquisitas – tudo para impedir que um cometa gigantesco se arrebente na cidade. *South Park*, o jogo, permite que até quatro jogadores se divirtam ao mesmo tempo. A Gradiente preparou uma versão especial com legendas em português. Além do quarteto principal, o game conta com as presenças de outros personagens hilariantes do desenho, como Chef e o antológico Mr. Hankey, o cocô (!) do Natal.

EDITORA PEIXES

PRESIDENTE
Angelo Rossi

DIRETORES
Angelo Rossi
Carlos C. Arruda

SET

DIREÇÃO EDITORIAL E MARKETING
Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor: Roberto Sadovski
Editora de Arte: Marcia M. Chicaoka
Assistente de Redação: Ligia França Nunes
Colaboraram nesta edição:
(texto) Alessandro Giannini, Alfredo Sternheim, André Barcinski, Carlos Haag, Christian Petermann, Cláudio Castilho, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Isabela Boscov, Juliana Pereira, Marcelo Del Greco, Marcos Smirkoff, Miguel Barbieri Jr., Ricardo Matsumoto, Rodrigo Salem, Roni Filgueiras, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê.
(diagramação) Ken Tanaka.
(revisão) Jorge Cotrin

COMERCIAL/CIRCULAÇÃO
Gerente de Marketing: Silvia Campos
Supervisor Comercial: Wagner Pinheiro
Assistente: Henrique Rossi

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Nádia Lappas
Executivas de Contas: Dora Magalhães e Luciana Valle
Contato Direto: Luciana Machado

REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul: Print Sul – Fone/Fax (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza – Fone/Fax (048) 232-0519

SET, Edição 141, março de 1999, é uma publicação da Editora Peixes Ltda. ISSN 0104-1592. **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050, tel.: (011) 3049-3149. **Distribuição:** SET é distribuída com exclusividade no país pela Dinap S/A - Distribuidora Nacional de Publicações. **Números atrasados:** Atendemos as seis últimas edições mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca mais as despesas postais por intermédio da Editora Peixes, ou se preferir peça ao seu jornaleiro ou no Distribuidor Dinap da sua cidade.

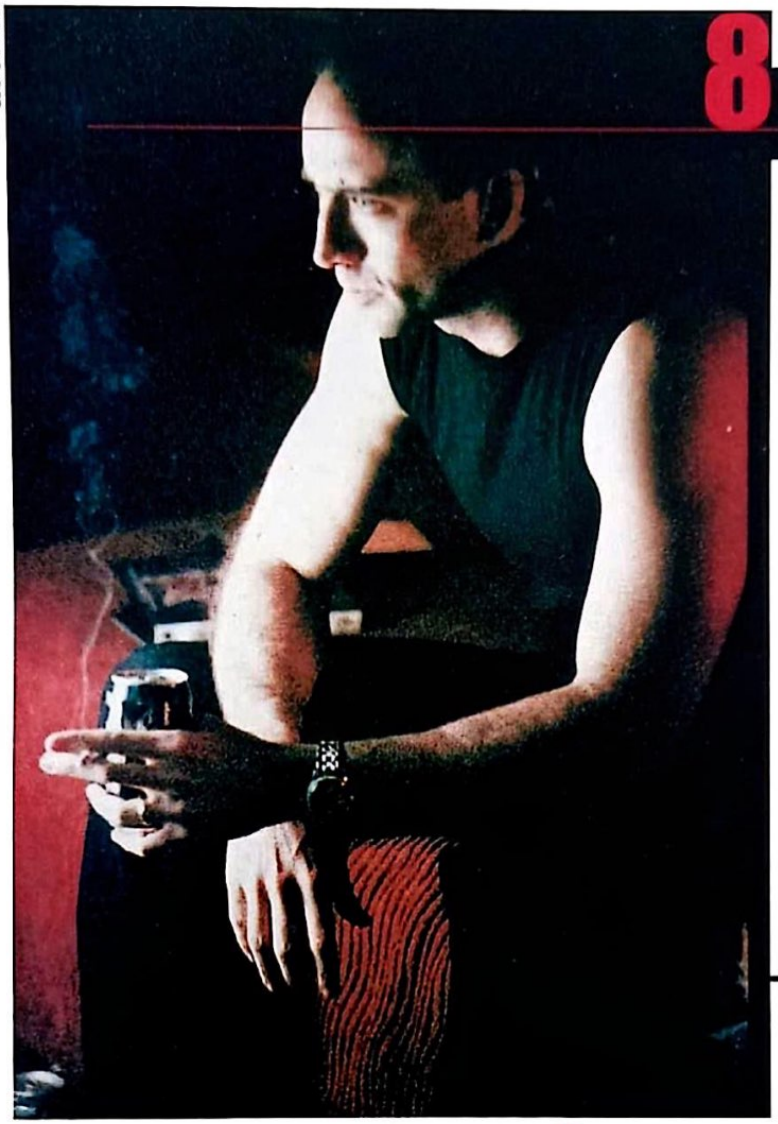
Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

IMPRESSÃO: Globo Cochrane Gráfica

IVC

o que você vai ver na SET de abril

Columbia TriStar



8mm

Nicolas Cage é um detetive particular que se vê obrigado a encarar o submundo dos filmes pornôs neste thriller escrito pelo mesmo roteirista de *Seven* e dirigido po Joel Schumacher

UIP



a qualquer preço

John Travolta interpreta um advogado que perde tudo neste eficiente drama de tribunal

AGUARDE! **A SET estará nas bancas no dia 5**



HERÓI POR ACIDENTE

"Eu fiz *Caçadores da Arca Perdida* porque não me deixaram dirigir um filme do James Bond", disse Steven Spielberg, anos depois de ter realizado a primeira aventura do arqueólogo Indiana Jones. Pois abençoado seja o produtor que não deixou que Spielberg fizesse um *007*. Em compensação, o mundo ganhou um dos filmes mais espetaculares do cinema – além de ter transformado Harrison Ford em astro. A escolha de Harrison, por sinal, foi um "acidente": ele não foi o primeiro ator convidado para viver Indiana Jones – essa honra caberia ao canastrão Tom Selleck, que preferiu fazer a série de TV *Magnum*. Azar o dele, que deixou para trás a chance de protagonizar uma aventura deliciosamente nostálgica que se tornou um clássico moderno. E sorte a nossa, já que Harrison Ford não interpreta o herói: ele *é* o próprio Indiana Jones.


"INFORMAÇÃO É ILUMINAÇÃO.
SÃO INFINITAS AS PORTAS QUE SE
ABREM PARA A HUMANIDADE
SE ENXERGAR E SE APERFEIÇOAR.
A INFOR MAÇÃO
NOS COLOCA DIANTE DE NÓS
MESMOS, DO QUE FOMOS
CAPA ZES DE
CONS TRUIR
E DO QUE AINDA ESTÁ
POR SER FEITO.
EM UM
PLA NETA
CADA DIA MAIS NOSSO
POR INTEIRO."
Daniela Mercury,
Cantora e Compositora
Quem faz o Brasil, lê
ISTOÉ
3 TRÊS
Daniela Mercury doou o cachê desta campanha para a Associação São Francisco de Assis.
NBZ

ESTE FILME TEVE UM DOS MAIORES PÚBLICOS DO CINEMA. AGORA VAI GANHAR TODA A PLATÉIA DA SUA CASA.



TELE CINE

Você vai ver Ou Tudo Ou Nada. A maior revelação dos indicados ao Oscar® de 98. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 823 filmes, dos mais variados gêneros, todos com o som original, legendados e sem intervalos. São cinco canais diferentes, 24 horas por dia. Quem não tem Telecine não tem cinema.

Estréia dia 27/03, às 21:00h. Exclusivo para assinantes.

www.telecine.com.br

*Consulte sua operadora NET ou SKY (0800-992211) sobre a disponibilidade dos canais, preços e condições de instalação. Programação sujeita a alterações.

TELE 1 CINE ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.

TELE 2 CINE AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.

TELE 3 CINE DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.

TELE 4 CINE COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.

TELE 5 CINE CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE, ISTO É CINEMA